

Bruce Albert
Gale Goodwin Gomez

SAÚDE YANOMAMI



Um manual etnolingüístico

Coleção Eduardo Galvão
Museu Goeldi

Alegra-nos, etnólogos brasileiros, quando colegas de outros países aderem ao “estilo brasileiro” de fazer etnologia, algo que os antropólogos anglo-saxões acabam de descobrir e que se pratica no Brasil há quase meio século. É uma etnologia que não se limita a gerar conhecimentos antropológicos por meio de descrições e análises que resultam da prolongada convivência com povos indígenas, mas vai mais longe. Ela coloca esses conhecimentos diretamente a serviço dos povos estudados, ao se engajar ética e politicamente com o presente e o futuro desses povos. Neste sentido, Bruce Albert, etnólogo francês, e Gale Goodwin Gomez, lingüista norte-americana, vem com este Manual demonstrar que assumiram o ethos antropológico brasileiro ao produzirem material que venha reverter em benefício das comunidades que os acolheram como aprendizes culturais. Ao passarem horas a fio todos os dias durante meses destilando sons e significados, dissecando as minúcias mais recônditas de cada parte do corpo, sua atividade e patologia, os dois pesquisadores geraram um substancial corpo de dados com grande potencial analítico. Porém, seu objetivo primordial não é produzir resultados teóricos que tragam ganhos acadêmicos, mas sim levar a povos como os Yanomami a esperança de serem melhor compreendidos e atendidos por equipes médicas igualmente dedicadas, mas, no mais das vezes, pouco preparadas etnológica e lingüisticamente para a tarefa de levar a um grupo indígena monolíngüe tudo aquilo que sabem e, reciprocamente, obter dele tudo que podem em termos de modos alternativos de pensar saúde e doença.

Bruce Albert conheceu os Yanomami em 1975, em meio a um clima pouco propício a deslumbra-mentos intelectuais, como foi conviver com a construção da Perimetral Norte, com o sarampo, a tuberculose, as mortes e a desagregação social que a estrada levou aos Yanomami. Era o batismo de fogo de um jovem antropólogo que daí em diante juntou sua história à história dos Yanomami, vivendo com eles intensamente seja momentos existencial e intelectualmente plenos, seja tempos de tragédia e desespero, como foram os efeitos da corrida do ouro que avançou sobre os Yanomami com sua pestilância de malária, ceivando aldeias inteiras por onde passava. Bruce foi então incansável como membro de equipes médicas empenhadas em estancar a sangria de vidas yanomami. Mas talvez pior do que combater a destruição dos Yanomami foi sentir-se tolhido anos antes, ao irromper a corrida do ouro em 1987, quando,

**Programa Piloto para a
Proteção das Florestas
Tropicais do Brasil
Subprograma
de C&T - PP/G7
MMA/MCT/FINEP**

SAÚDE YANOMAMI

Um manual etnolingüístico



MPEG/CNPq/MCT/PR
MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI
BRASIL



Institut Français de Recherche Scientifique
pour le Développement en Coopération
França

Apoio

UNICEF - Brasil
Fundo das Nações Unidas para a Infância

Capa: Xamãs segurando o céu (Koromani Waika†, Catrimani, 1974).

Desenho originalmente publicado em *Mitopoemas Yãnomam*, pesquisa de C. Andujar, Olivetti, São Paulo, 1978.

Ilustrações: Os desenhos apresentados no texto foram recolhidos por B. Albert (p. 7, 27, 63, 151, 195, 255) e C. Andujar (p. 85, 171, 231). O mapa foi desenhado pelo Serviço de Cartografia do ORSTOM, Bondy, França.

Programa Piloto para a Proteção das Florestas Tropicais do Brasil
Subprograma de C&T - PP/G7
MMA/MCT/FINEP

PR/MCT/CNPq
MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI
COLEÇÃO EDUARDO GALVÃO

SAÚDE YANOMAMI

Um manual etnolingüístico

*Bruce Albert
Gale Goodwin Gomez*

Belém-Pará
1997



MCT/CNPq
MPEG - MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI

GOVERNO DO BRASIL
Presidência da República
Presidente: *Fernando Henrique Cardoso*

Ministério da Ciência e Tecnologia - MCT
Ministro: *José Israel Vargas*

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq
Presidente: *José Galizia Tundisi*

Museu Paraense Emílio Goeldi - MPEG
Diretora: *Adélia de Oliveira Rodrigues*
Diretor Adjunto de Pesquisa: *Antonio Carlos Magalhães*
Diretora Adjunta de Difusão Científica: *Helena Andrade da Silveira*

Comissão de Editoração - MPEG
Presidente: *Lourdes Gonçalves Furtado*
Editora Associada: *M^a Cândida D. M. Barros*
Editora Chefe: *Laís Zumero*
Equipe Editorial: *Iraneide Silva, Socorro Menezes, Elminda Santana*

Projeto Editorial: *Laís Zumero*

Albert, Bruce & Gomez, Gale Goodwin
Saúde Yanomami: um manual etnolingüístico / Bruce
Albert, Gale Goodwin Gomez. -- Belém: Museu Paraense
Emílio Goeldi, 1997.

304 p.: il (Coleção Eduardo Galvão)

ISBN 85-7098-049-3

I. Índios brasileiros - Yanomami. 2. Índios brasileiros - Vida
Social e Costumes. 3. Índios brasileiros - Saúde. 4.
Etnolingüística - manual. I. Goodwin Gomez, Gale. II. Título.
III Série.

CDD - 498.3
572.981

No passado, quando os brancos não tinham chegado até aqui, nós não éramos ignorantes. Nossos xamãs sabiam nos curar. Quando não havia remédios dos brancos os xamãs faziam o seu trabalho e apenas poucas pessoas morriam. Mas agora que os brancos chegaram dentro da nossa floresta, nós temos medo da malária e da tuberculose, nós temos medo das epidemias-*xawara* que eles deixaram atrás.

Esses são males que vêm de longe, que os xamãs não conhecem. Os espíritos dos nossos xamãs só sabem destruir as doenças que nós conhecemos. Quando eles tentam lutar contra a *xawara* sozinhos, ela pode matá-los também. Para afastar estas doenças agora é só juntando com os remédios dos brancos.

Mas nós não sabemos ainda ler os papéis dos brancos, não sabemos ainda usar seus remédios. É preciso que vocês nos ensinem a usar seus remédios contra a malária, a tuberculose e contra todas as suas outras doenças. Então, quando nossos jovens souberem tudo isso, nós poderemos nos curar sozinhos, como antes.

Davi Kopenawa
Watoriki - Posto Demini



Espíritos Xamânicos dançando em seu espelho (Mozaniel Yanomami, Demini, 1996)

SUMÁRIO

Agradecimentos	17
Prefácio	23

I. INTRODUÇÃO ETNOGRÁFICA

Organização e história do povoamento Yanomami	29
Yanomami do Brasil: breve crônica do contato	31
Economia, território e recursos naturais	34
Caça, pesca e coleta	34
Agricultura	36
Espaço e recursos	38
Contato e saúde	41
Interpretação da doença	44
Corpo e pessoa, doença e morte	44
Etiologias	45
Curas	49
Medicina ocidental e medicina Yanomami	51
Assistência sanitária intercultural	54
Sons e grafia do Yanomami (dialeto <i>Yanomae</i>)	57

II. LÉXICO TEMÁTICO

1. O CORPO

ANATOMIA EXTERNA

Geral	65
Cabeça	
Geral	65
Cabelo	66
Nariz	66
Boca	66
Dentes	67
Olhos e visão	68
Orelhas e ouvido	68

Parte superior do corpo

Geral	69
Abdômen	69
Membros superiores	70

Parte inferior do corpo

Geral	71
Pelve	71
Membros inferiores	71

ANATOMIA INTERNA**Esqueleto**

Geral	72
Cabeça	73
Coluna vertebral e bacia	73
Parte superior do corpo	74
Membros superiores	74
Membros inferiores	74

Sistema nervoso 75**Sistema respiratório** 75**Sistema circulatório** 75**Sistema digestivo** 75**Sistema urinário** 76**Sistema reprodutivo**

Feminino	76
Masculino	77

FISIOLOGIA: FLUIDOS, SECREÇÕES E EXCREÇÕES 77**2. GINECOLOGIA, PROcriação E PEDIATRIA****Ginecologia** 79**Procriação** 79**Pediatria** 81

3. OS COMPONENTES DA PESSOA	83
4. AS DOENÇAS	
Geral	87
TIPOS DE DOENÇAS	
Afecções e características da pele	89
Feridas, infecções e fraturas	
Feridas	91
Infecções	93
Fraturas (e problemas locomotores)	93
Etiologias gerais	
Feitiçaria	95
Ataques de espíritos xamânicos	100
Ataques ao duplo animal	102
Ataques de espíritos maléficos	103
Quebras de proibições alimentares (e outras)	109
Epidemias	
Geral	112
Nomes de epidemias	114
DESCRIÇÃO DOS SINTOMAS	
Geral	115
Sensações de dor	
Geral	120
Musculares	122
Cutâneas	123
Cefaléias	124
Fraqueza e vertigens	124
Estados febris e convulsões	128
Distúrbios respiratórios	129
Distúrbios gastro-intestinais	132

Problemas de olhos e ouvidos	134
Problemas odontológicos	136
5. AS AGRESSÕES AMBIENTAIS	
Animais peçonhentos	137
Vegetais tóxicos	144
Vegetais alergênicos	145
Zoonoses comuns	148
Parasitoses intestinais	149
6. AS TERAPÊUTICAS	
Geral	153
Cura xamânica	154
Outros tratamentos	159
Cura, remédios e profilaxias ocidentais	162
7. A MORTE	
Geral	165
Menção do óbito	166

III. FRASES ÚTEIS

1. GERAL

Comunicação básica	173
Primeiros contatos	176
Viagem	177
Trocas	179

2. CENSO

Aldeia	180
Situação sanitária	181
Nomes pessoais	182
Famílias	
Cônjuges	183
Filhos	185
Outros	
Órfãos	186
Viúvos	187
Solteiros	187
Visitantes, pretendentes e refugiados	188

3. CONSULTA

Preparação do ambiente	
O paciente	189
A assistência (para as crianças)	189
Instalação do paciente	190
Explicação do exame físico	191
O exame físico	192
Fim da consulta	193

4. DIAGNÓSTICO

Geral	
Estado mórbido	197
Auto-diagnóstico	197
Sintomas	198
Evolução da doença	198

Dores	
Geral	199
Localização	200
Intensidade	200
Fraqueza e prostração	201
Febre	203
Distúrbios respiratórios	
Nariz	204
Garganta	205
Pulmões	206
Distúrbios gastro-intestinais	
Vômito	207
Diarréia	209
Dor abdominal	211
Prisão de ventre	211
Verminose	212
Distúrbios urinários	212
Sintomas complementares	
Doenças sexualmente transmissíveis	214
Febre amarela	216
Hepatite	216
Leishmaniose visceral	217
Malária	218
Meningite	218
Oncocercose	219
Tétano	219
Tuberculose	220
Afecções da pele	222
Feridas, infecções e fraturas	
Feridas	223
Infecções	223
Fraturas	224

Problemas de olhos e visão	225
Problemas de ouvido	226
Problemas odontológicos	227
5. EXAMES LABORATORIAIS	
Coleta de sangue (seringa)	229
Coleta de sangue (lâmina)	229
Coleta de escarro	229
Coleta de fezes	229
Coleta de urina	229
Coleta de biópsia de pele	230
6. TRATAMENTO	
Geral	233
Crianças	234
Prescrição	235
Efeitos colaterais	236
Anestesia local e sutura	237
Prevenção das afecções cutâneas	237
Imunização	238
Remoção	238
7. PERDA DOS SENTIDOS E MORTE	
Desmaios	239
Óbitos	239
8. GINECOLOGIA, OBSTETRÍCIA E PEDIATRIA	
Menstruação	241
Ginecologia	241
Gravidez	242

Parto	243
Pós-parto	245
Pediatria	245
Mortalidade infantil	
Geral	247
Natimortalidade	248
Infanticídio	249
9. ATENDIMENTO ODONTOLÓGICO	251
10. ATENDIMENTO OFTALMOLÓGICO	253
IV. APÊNDICES	
1. CONCEITOS-CHAVE	
Conceitos opostos	257
Conceitos básicos de espaço	268
Conceitos básicos de tempo	273
2. CARACTERÍSTICAS E ATIVIDADES CORPORAIS	
Características físicas	277
Funções corporais básicas	278
Sensações corporais	280
Cuidados corporais	281
Atitudes e posições	282
Movimentos menores	283
Movimentos maiores	285
Movimentos direcionais	287
Modos de carregar	287
3. VOCABULÁRIO DE PARENTESCO	289
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	299

AGRADECIMENTOS

A pesquisa de campo a partir da qual este manual de saúde foi elaborado pôde ser realizada graças a uma doação do Sr. George Mark Klabin. O Sr. Edgar Gleich, Procurador do Sr. Klabin, administrou esta doação através da Comissão Pró-Yanomami (CCPY). A concretização deste financiamento se deve a Cláudia Andujar (CCPY) e Betty Mindlin (Instituto de Antropologia e Meio Ambiente-IAMÁ).

Uma viagem preliminar a campo de Gale Goodwin Gomez (Rhode Island College) foi financiada pela Cultural Survival (Estados Unidos). O Instituto de Pesquisa Científica para o Desenvolvimento em Cooperação (ORSTOM, França) contribuiu no custeio da participação de Bruce Albert neste projeto de pesquisa aplicada.

*

A concepção deste trabalho foi elaborada no contexto do projeto de saúde da CCPY na área Yanomami. Esta organização garantiu a administração financeira e logística das viagens a campo. A pesquisa foi desenvolvida no quadro do convênio de cooperação científica ORSTOM/CNPq e contou com o apoio do Núcleo de Pesquisas Etnológicas Comparadas do Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília, sob a supervisão da Professora Alcida Rita Ramos. A Presidência da FUNAI providenciou as autorizações necessárias para a permanência dos pesquisadores na área Yanomami.

*

Vários especialistas colocaram a sua competência à disposição dos autores durante a pesquisa de campo:

Deise Alves Francisco, médica e coordenadora do projeto de saúde da CCPY;

Maria Aparecida de Oliveira, odontóloga do projeto de saúde da CCPY;

William Milliken, etnobotânico do Jardim Botânico Real de Kew (Inglaterra); especialista em plantas medicinais indígenas da Amazônia.

Outros conhecedores das questões de saúde indígena e/ou da problemática Yanomami também ofereceram comentários importantes sobre versões anteriores deste trabalho:

Cláudia Andujar, coordenadora da CCPY;

Dominique Buchillet, antropóloga (ORSTOM);

Marcos Pellegrini, médico (FNS-Roraima).

O trabalho de tradução e o processo de revisão técnica do manuscrito contou com o auxílio de:

Maria Stella de Castro Lobo, médica (FIOCRUZ-Nespi);

Ulisses E.C. Confalonieri, médico (FIOCRUZ-Nespi);

Cláudio Esteves de Oliveira, médico (CCPY);

Lucia Hussak Van Velthem, antropóloga (Museu Paraense Emilio Goeldi);

Celso Morato de Carvalho, herpetólogo (INPA- Roraima);

Eduardo Viveiros de Castro, antropólogo (Museu Nacional);

Marco Lazarin, antropólogo (Universidade Federal de Goiás);

Henri Ramirez, linguísta (Universidade de Aix-en-Provence, França);

Alcida Rita Ramos, antropóloga (Universidade de Brasília).

*

Devemos o sucesso desta pesquisa aos nossos incansáveis e excelentes colaboradores Yanomami da aldeia do Demini, principalmente Roberto e Lucas, e também Antônio, Carlos, Fátima, Madalena, Pedro e Raimundo *Watoriki t^heri pë* (“Habitantes da serra do vento forte”). A transcrição dos termos *Yanomae* deste manual foi revista com a ajuda de Joseca Yanomami, alfabetizado na sua própria língua, durante sessões coletivas na escola da comunidade.

O “grande homem” (*pata t^hē*) dos *Watoriki t^heri pē*, Lourival, e seu genro, Davi Kopenawa, chefe do posto Demini da FUNAI e idealizador do projeto de saúde da CCPY, nos receberam na sua aldeia com uma calorosa hospitalidade e deram ao nosso trabalho um apoio imprescindível.

*

A todas as instituições e pessoas citadas que tornaram esta pesquisa possível e tiveram a paciência de esperar por seus resultados, os autores demonstram sua profunda gratidão.



FONTE: FNS - RR 1994 - 1995

PREFÁCIO

A idéia deste manual surgiu da experiência de colaboração dos autores com os projetos de assistência médica da CCPY na área Yanomami. Neste contexto Gale Goodwin Gomez (Doutora em Lingüística pela Universidade de Columbia) redigiu textos lingüísticos pedagógicos nas línguas Yanomami das áreas de Paapiú (1984) e Ericó (1986). Bruce Albert (Doutor em Antropologia pela Universidade de Paris X-Nanterre) acompanhou, como intérprete e assessor antropológico, numerosas equipes de saúde, especialmente nas áreas de Ajarani, Balawaú, Catrimani, Demini, Ericó, Paapiú e Toototobi (1984-1996).

Do encontro desta dupla experiência surgiu o projeto de produzir um “manual etnolingüístico” que pudesse cobrir a maioria das situações encontradas por profissionais de saúde na área Yanomami e responder às demandas geralmente feitas a um intérprete nestas situações. Este manual foi, assim, concebido para ser usado tanto como “memória portátil” por pessoas com experiência de atuação entre os Yanomami, quanto como recurso pedagógico para a formação de novos integrantes das equipes de saúde.

Este estudo não visa ao público acadêmico. Não se achará nas suas páginas análises lingüísticas ou antropológicas, mas sim um material lingüístico e etnográfico elementar destinado ao uso prático em situações de consulta e atendimento no campo. A riqueza das línguas e dialetos Yanomami e a variedade das situações sanitárias são tais que este tipo de estudo só pode oferecer dados básicos. Entretanto, os autores têm certeza de que, justamente por serem básicos, estes dados serão úteis aos profissionais de saúde para aprimorar sua comunicação com os seus pacientes Yanomami.

*

A organização deste manual segue três partes principais: I) uma breve introdução etnográfica (sociedade, economia, saúde); II) um vocabulário de 814 palavras e expressões básicas (seguidas de exemplos)

sobre o corpo e a doença; III) uma lista de 769 frases úteis (na forma de perguntas e respostas) em situações prototípicas de atendimento sanitário na área Yanomami. Estas três partes são complementadas por três apêndices com listas de vocabulário relevante (267 conceitos-chave; 206 palavras sobre características, atividades e sensações corporais; seis quadros de vocabulário de parentesco).

Para o melhor uso possível do material lingüístico (léxico e frases) contido neste manual, ou seja, para o seu uso num processo eficiente de aprendizagem da língua indígena, recomendamos a utilização simultânea do método de estudo publicado por Henri Ramirez (1994a) e baseado nos dialetos Yanomami das regiões de Catrimani e Xitei (Roraima) (ver bibliografia)¹.

*

O termo Yanomami é usado no texto de maneira genérica para designar o conjunto cultural e territorial constituído pelo grupo indígena como um todo. No plano lingüístico, designa uma família de quatro línguas subdivididas em vários dialetos.

A primeira descrição desta divisão do conjunto Yanomami em quatro línguas foi proposta há mais de vinte anos por Migliazza (1972), com dúvidas sobre uma possível quinta área lingüística, mal conhecida, cobrindo os rios Ajarani, Apiaú e o baixo Mucajaí. Assim, temos no Brasil:

1. *Yanomam* (rios Uraricoera, Parima, alto Mucajaí, Catrimani, Toototobi)
2. *Yanomami* (rios Demini, Aracá, Padauri, Cauaburis)
3. *Ninam* ou *Yanam* (rios Uraricaá, médio Mucajaí)
4. *Sanima* (rio Auaris)

¹ Para uma introdução à questão da assistência sanitária aos povos indígenas brasileiros ver Confalonieri (org.) 1993.

Um estudo mais recente (Ramirez 1994b) modificou um pouco esta primeira descrição, da maneira seguinte:

1. *Yanomam* e *Yanomami* passam a ser vistos como dois “super-dialetos”- oriental e ocidental - de uma mesma língua (“divisão Y”);

2. e 3. *Ninam* - *Yanam* e *Sanima* permanecem classificados como línguas separadas (“divisão N” e “divisão S”);

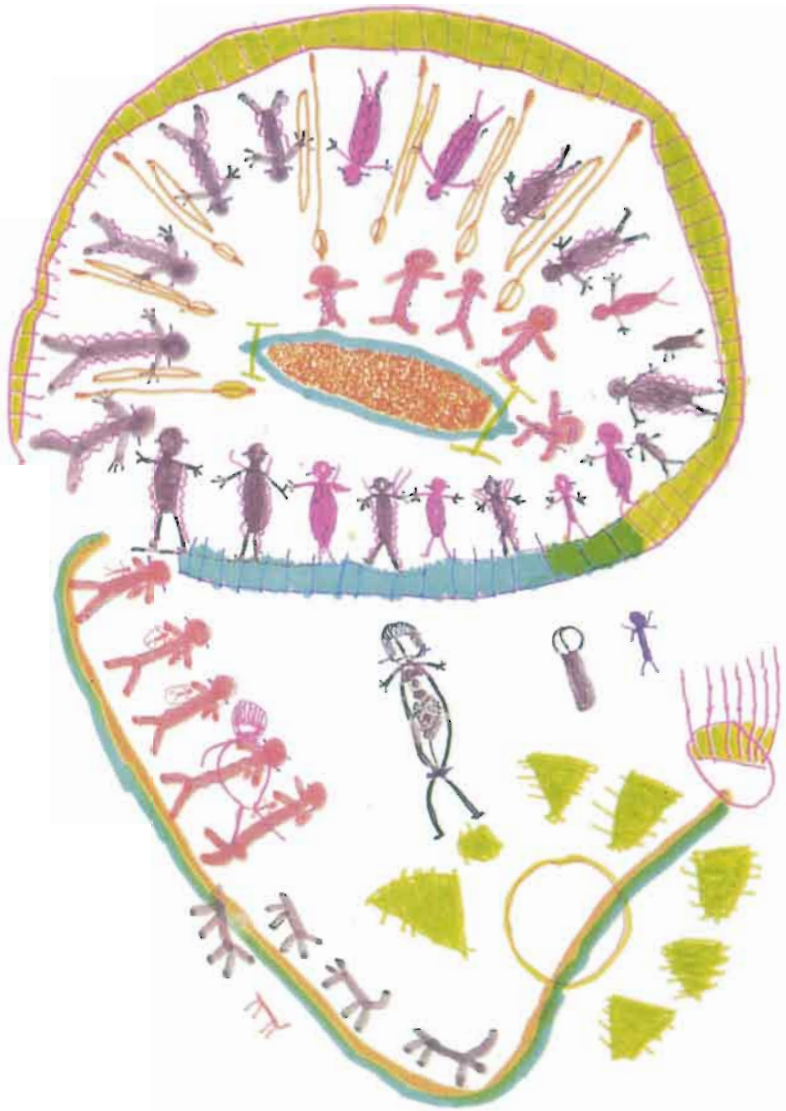
4. o idioma da área Ajarani, Apiaú, baixo Mucajaí e médio-baixo Catrimani (igarapé do Castanho e rio Pacu) passa a ser considerado como uma quarta língua (“divisão A”).

Cada uma destas línguas é subdividida em dialetos com nítidas diferenciações fonológicas, lexicais e morfo-sintáticas. O Yanomami oriental (o *Yanomam* de Migliazza) tem, por exemplo, dialetos distintos: a) na região do Catrimani / Toototobi, b) no alto Mucajaí (Xitei, Homoxi, Paapiú) e, c) na área de Surucucus. Pode-se, além disso, observar diferenças subdialetais mais sutis: o subdialeto do alto Catrimani tem, por exemplo, certas diferenças fonológicas e léxicas com relação ao idioma da área da missão Catrimani e do Toototobi. Em certas regiões de “fronteira” entre línguas, dialetos ou subdialetos, pode-se encontrar até variações lingüísticas de uma aldeia para outra ou mesmo dentro de uma mesma aldeia (em razão dos casamentos entre malocas de fala distinta).

Dada esta grande variação regional e até micro-regional das línguas e dialetos Yanomami, os usuários deste manual não deverão ficar surpresos ao constatar diferenças fonológicas, léxicas e mesmo gramaticais entre o falar Yanomami da sua área de atuação e o material apresentado neste trabalho. Mesmo assim, o presente manual pode ser muito útil como base de referência para a aprendizagem e anotação de palavras e frases equivalentes na língua ou dialeto local.

*

A fala dos Yanomami do Posto Demini apresentado neste manual pertence ao dialeto do alto Catrimani da língua *Yanomam* (classificação de Migliazza) ou Yanomami oriental (classificação de Ramirez). É designado pelos *Watoriki t^heri pë* como *Yanomae t^hë ã*, “língua *Yanomae*.”



Convidados chegando para tomar mingau de banana em uma festa *reahu*
(Mario Yanomami, Catrimani, 1978)

I. INTRODUÇÃO ETNOGRÁFICA

Organização e história do povoamento Yanomami

Os Yanomami constituem uma sociedade de caçadores-agricultores da floresta tropical do oeste do maciço guianense. Ocupam um território de aproximadamente 192.000 km² situado em ambos os lados da fronteira entre o Brasil² e a Venezuela³. Formam um conjunto cultural e lingüístico composto de quatro ou cinco subgrupos adjacentes (ver as classificações de Ramirez e Migliazza acima) que falam línguas da mesma família.

A população total dos Yanomami (Brasil e Venezuela) é de cerca de 22.000 pessoas⁴. Os Yanomami ocidentais representam a maioria desta população (56%), seguidos pelos Yanomami orientais (25%), os *Sanima* (14%) e os *Ninam/Yanam* (5%). As aldeias Yanomami são geralmente constituídas por uma casa coletiva em forma de cone ou de cone truncado, o *yano* ou *xapono*⁵ (nas áreas Yanomami ocidental e oriental), ou por conjuntos de casas de tipos retangulares (*Sanima* e, às vezes, *Ninam/Yanam*).

Cada comunidade considera-se econômica e politicamente autônoma e seus membros preferem casar entre si. Todas mantêm, entretanto, relações de troca matrimonial, cerimonial e econômica com vários grupos locais vizinhos, considerados aliados frente aos outros conjuntos multicomunitários da mesma natureza. Estes conjuntos superpõem-se parcialmente para formar uma malha sócio-política complexa que liga a totalidade das aldeias Yanomami de um lado ao outro do território indígena.

² Bacias do alto Rio Branco e Rio Negro (margem esquerda).

³ Bacias do alto Orinoco e Cassiquiare.

⁴ A população Yanomami da Venezuela foi estimada em 12.600 pessoas (Colchester, org. 1985:7).

⁵ Ver Milliken & Albert 1997a.

Por não possuírem afinidade genética, antropométrica ou lingüística com outros grupos vizinhos atuais, como os Yekuana (Karib), geneticistas e lingüistas que os estudaram deduziram que os Yanomami seriam descendentes de um grupo indígena que permaneceu relativamente isolado desde época remota. Uma vez estabelecido enquanto conjunto lingüístico distinto (“Proto-Yanomami”, há cerca de 2.500 anos) o grupo Yanomami teria, assim, ocupado a área do interflúvio Orinoco-Parima (há um milênio) e iniciado aí o seu processo de diferenciação interna (há 700 anos) para acabar criando suas línguas e dialetos atuais⁶.

Segundo a tradição oral Yanomami e os documentos mais antigos que mencionam este grupo indígena, o centro histórico do seu habitat situa-se na Serra Parima, divisor de águas entre o alto Orinoco (Venezuela) e o alto Parima (Roraima). Essa é ainda a área mais densamente povoada do território Yanomami. O movimento de dispersão do povoamento Yanomami a partir da Serra Parima em direção às terras baixas circunvizinhas começou, provavelmente, na primeira metade do século XIX, após a penetração colonial do alto Orinoco e dos rios Negro e Branco, na segunda metade do século XVIII. A configuração contemporânea do território Yanomami tem sua origem neste antigo movimento migratório .

Tal expansão geográfica dos Yanomami foi possibilitada, a partir do século XIX e até o começo do século XX, por um grande crescimento demográfico⁷. Vários antropólogos consideram que essa expansão populacional foi causada por transformações econômicas induzidas pela aquisição de novas plantas de cultivo e de ferramentas metálicas através de trocas e guerras com grupos indígenas vizinhos (Karib ao norte e a leste, Arawak ao sul e ao oeste), que, por sua vez, mantinham um contato

⁶ Ver Holmes 1995:132, Migliazza 1982:517, Neel *et al.* 1972:99, 103-4 e Spielman *et al.* 1979:377.

⁷ Entre 1 e 3 % anuais. Ver Chagnon 1974:94, Hames 1983a:425, Kunstader 1979:356 e Lizot 1988:497.

direto com a fronteira branca. O esvaziamento progressivo dos territórios destes grupos, dizimados pelo contato com a sociedade regional por todo o século XIX, acabou favorecendo também o processo de expansão Yanomami⁸.

Yanomami do Brasil: breve crônica do contato

A população dos Yanomami do Brasil foi estimada recentemente em 9.386 pessoas⁹. Essa população ocupa a região do alto Rio Branco (oeste de Roraima) e a margem esquerda do Rio Negro (norte do Amazonas). Nela predominam os falantes da língua Yanomami oriental (à qual pertence o idioma dos *Watoriki t^heri pë* do Demini), com mais de 5.000 pessoas.

A situação de contato dessa sociedade indígena com a sociedade nacional apresenta aspectos complexos e regionalmente heterogêneos, devido às sucessivas fronteiras econômicas que penetraram em seu território desde o início do século XX e continuam coexistindo em combinações locais bastante diversas.

Os Yanomami tiveram, no Brasil, seus primeiros contatos diretos com representantes da sociedade nacional¹⁰ ou viajantes estrangeiros entre as décadas de 1910 e 1940. Entre os anos 1940 e meados dos anos 1960, a abertura de alguns postos do Serviço de Proteção aos Índios (SPI) e, sobretudo, de várias missões católicas e evangélicas, estabeleceu os primeiros pontos de contato permanente no seu território. Estes postos constituíram uma rede de pólos de sedentarização, fonte regular de objetos manufaturados e de alguma assistência sanitária, mas também, muitas vezes, origem de graves surtos epidêmicos (sarampo, gripe, coqueluche, etc.).

⁸ Albert 1985:40-41, 1990a:558-559, Chagnon 1966:167, Colchester 1984, Good 1995:118, Hames 1983a:426, Lizot 1984: 8, 11, 37 e Smole 1976:51.

⁹ DSY/RR - FNS 1995.

¹⁰ Balateiros, piaçabeiros, caçadores, soldados da CBDL (Comissão de Limites), funcionários do SPI. Ver Albert 1985:cap. II.

Nas décadas de 1970 e 1980, os projetos de desenvolvimento do Estado começaram a submeter o grupo a formas de contato maciço com a fronteira econômica regional em expansão, principalmente no oeste de Roraima: estradas, projetos de colonização, fazendas, serrarias, canteiros de obras e primeiros garimpos. Esses contatos provocaram um choque epidemiológico de grande magnitude, causando pesadas perdas demográficas, degradação generalizada do estado sanitário e graves fenômenos de desestruturação social.

As duas principais formas de contato inicialmente conhecidas pelos Yanomami - primeiro com a fronteira extrativista, depois com a fronteira missionária - coexistiram até o início dos anos 1970 como uma associação dominante no seu território. Entretanto, os anos 1970 foram marcados (especialmente em Roraima) pela implantação de projetos de desenvolvimento no âmbito do Plano de Integração Nacional lançado pelos governos militares da época. Tratava-se, essencialmente, da abertura de um trecho da estrada Perimetral Norte (1973-76) e de programas de colonização pública (1978-79) que invadiram o sudeste das terras Yanomami. Nesse mesmo período, o projeto de levantamento dos recursos amazônicos RADAM (1975) detectou a existência de importantes jazidas minerais na região¹¹. A publicidade dada ao potencial mineral do território Yanomami desencadeou um movimento progressivo de invasão garimpeira que acabou se agravando no final dos anos 1980, tomando a forma de uma verdadeira corrida do ouro a partir de 1987. Uma centena de pistas clandestinas de garimpo foram abertas no curso superior dos principais afluentes do Rio Branco entre 1987 e 1990 e o número de garimpeiros na área Yanomami de Roraima foi então estimado em 30 a 40.000 - cerca de cinco vezes a sua população indígena¹². Embora a intensidade desta corrida do ouro tenha diminuído

¹¹ Ver, sobre este período, Ramos & Taylor (orgs.) 1979, CCPY 1982, 1984, 1987.

¹² Cerca de 7.300 Yanomami e 200 Yekuana. Ver, sobre este período, Albert 1990b, APC 1989, 1990 e MacMillan 1995.

muito no começo dos anos 1990, até hoje núcleos de garimpagem continuam encravados na área Yanomami de onde seguem espalhando violência e graves problemas sanitários e sociais.

A frente de expansão garimpeira tendeu, desde a década de 1980, a suplantar as formas anteriores de contato dos Yanomami com a sociedade envolvente e até a relegar a segundo plano a fronteira dos projetos de desenvolvimento surgida nos anos 1970. Isto não significa, no entanto, que outras atividades econômicas (agricultura comercial, empreendimentos madeireiros e agropecuários, mineração industrial), incipientes ou ainda inexistentes, não possam constituir, num futuro próximo, uma nova ameaça à integridade das terras Yanomami, apesar de sua demarcação em novembro de 1991 e homologação em maio de 1992¹³.

Assim, além do persistente interesse garimpeiro sobre a região, deve-se notar que o território Yanomami está quase que totalmente coberto por alvarás e requerimentos de prospecção mineral registrados no Departamento Nacional de Produção Mineral por empresas de mineração públicas e privadas, nacionais e multinacionais. Sabemos também que os projetos de colonização lançados em 1978-79 no extremo sudeste das terras Yanomami criaram uma frente de povoamento que tende a se expandir para dentro da área indígena devido ao atual fluxo migratório para Roraima. Outros projetos agrícolas mais recentes poderão, no futuro, ampliar esta tendência. Enfim, na última década, foram contemplados vários projetos de infra-estrutura atingindo as terras Yanomami: estradas ligando Boa Vista às bases militares do Projeto Calha Norte dentro da área, construção de uma hidrelétrica no médio Rio Mucajaí (UHE Paredão), *etc.*

¹³ Portaria 580 de 15/11/91 e Decreto sem número de 25/5/92.

Economia, território e recursos naturais

O sistema produtivo Yanomami será abordado aqui, principalmente, através de suas dimensões ecológicas e nutricionais. Estes aspectos da economia Yanomami devem ser, de fato, considerados como parâmetros cruciais na situação sanitária do grupo, em vista dos graves desequilíbrios ambientais provocados pela invasão de suas terras por interesses econômicos altamente predatórios.

Caça, pesca e coleta

É através da caça, da pesca e da coleta que os Yanomami adquirem de 70 a 75% de proteínas indispensáveis a seu equilíbrio alimentar¹⁴. Essas atividades permitem-lhes ter também uma alimentação extremamente diversificada. Caçam com arco e flecha (cada vez mais com espingardas), rastreando ou atraindo animais, imitando seus sons, 35 tipos de mamíferos e 90 tipos de pássaros (apanham também 6 tipos de quêlonios e 8 tipos de répteis). Com linha e timbó pescam 106 espécies de peixe. Coletam na mata, aproximadamente, 129 tipos de plantas comestíveis (entre frutas, tubérculos e cogumelos), mas também vários tipos de crustáceos (5 tipos), batráquios (10 tipos), lagartas (16 tipos), larvas de insetos (em particular de vespas e cupim, 15 tipos) e mel selvagem (25 tipos)¹⁵.

A caça, a principal dessas atividades em termos de contribuição protéica (cerca de 55% das proteínas produzidas), é uma das raras ocupações econômicas exclusivamente masculinas. É praticada por todos os homens Yanomami desde a adolescência até, geralmente, aos 50

¹⁴ Colchester 1982:314 e Lizot 1978:98.

¹⁵ Ver Albert & Goodwin Gomez s.d. e Finkers 1986. Das 129 plantas silvestres de uso alimentar coletadas cerca de vinte variedades têm uma importância particularmente notável na dieta Yanomami, entre as quais, os frutos de palmeiras (açai, bacaba, buriti, inajá, pataúá, tucumã), o pequi, a castanha-do-pará, o cacau, o caju, etc.

anos de idade, sendo que a faixa etária de maior produtividade dos caçadores é de 20 até 30 anos. É considerada pelos Yanomami como uma atividade altamente atraente e valorizada, sendo também uma importante fonte de prestígio pessoal (principalmente em termos matrimoniais)¹⁶.

Tarefa árdua, complexa e de retorno imprevisível, a caça requer um investimento em trabalho mais elevado do que as outras atividades de produção alimentar (agricultura, inclusive). Representa até 61,5 % do tempo de trabalho masculino¹⁷. Além do uso de um vasto espaço florestal, pois, para manter uma eficiência aceitável, precisa de cerca de 10 km² por pessoa, ou seja, de 500 km² por comunidade média¹⁸, a caça exige também o acesso a novos territórios de tamanho equivalente, depois de alguns anos, quando a produtividade das áreas caçadas em volta das aldeias começa a decrescer seriamente¹⁹.

Tais exigências territoriais dependem menos de uma baixa densidade da população animal na floresta amazônica do que das limitações impostas à caça indígena pelas características dos animais disponíveis. Dentre as 41 espécies de mamíferos da Amazônia habitualmente caçadas pelos povos indígenas, 39% pesam menos de 5 kg, 54% são solitárias, 73% têm hábitos noturnos e 44% são arborícolas²⁰.

Pode-se dizer, assim, que a caça é o ponto nevrálgico do sistema produtivo Yanomami. Custosa em trabalho e espaço, dela depende mais da metade das proteínas produzidas, ou seja, uma parte absolutamente

¹⁶ Colchester 1982:249-263 e Smole 1976:cap. 7.

¹⁷ Colchester 1982:202.

¹⁸ As comunidades da periferia da área Yanomami dispunham de 12 km²/pessoa nos anos 1970 (Taylor 1983:649); as aldeias situadas no centro, mais densamente povoadas, de 8 km²/pessoa (cálculo a partir de Smole 1976:78). A densidade demográfica do território Yanomami no Brasil é hoje de 10 km²/pessoa. A população média das comunidades de 50 pessoas (DSY/RR-FNS 1995).

¹⁹ A redução da produtividade da caça já é de 28 % (kg/caçada) no segundo ano de ocupação de um sítio de residência (Good 1989:95-96).

²⁰ Sponsel 1981:319-21, 1986:76.

fundamental ao equilíbrio nutricional do grupo. Redução territorial e degradação ecológica significam, portanto, uma queda imediata e drástica do seu nível de consumo protéico, isto é, o início de uma perigosa desnutrição.

Agricultura

Os Yanomami praticam uma agricultura de coivara bastante sofisticada que atende a mais de 75% de suas necessidades energéticas²¹. A produtividade dessa agricultura, atividade essencialmente masculina, é muito alta, tendo uma relação entre produção calórica e custo energético superior a 20:1. Por comparação, a mesma relação é de aproximadamente 3:1 para a caça²². Cada meio hectare de banana pacova (*Musa sapientum*) numa roça Yanomami produz 12 milhões de calorias em dois anos, satisfazendo, por si só, as necessidades calóricas de sete pessoas no mesmo período²³.

São plantadas nas roças Yanomami cerca de uma centena de variedades de aproximadamente 40 espécies vegetais, sendo que o maior espaço é dedicado ao cultivo de diversos tipos de bananeiras e de tubérculos, em particular mandioca (sobretudo a mansa, isto é, a macaxeira ou aipim), mas também taioba, cará e batata doce. São também cultivados: cana-de-açúcar, pupunha, milho, mamão, pimenta, tabaco, algodão, urucu, canas de flechas, cabaças, venenos de pesca e plantas mágicas (para caça, namoro, crescimento das crianças, *etc.*).

A plantação faz-se, essencialmente, pela técnica de plantio de mudas (no começo das chuvas), semeando-se unicamente algodoeiros, fumo, milho e mamão. A tecnologia agrícola é relativamente simples. As

²¹ Lizot 1978:98. Sobre a agricultura Yanomami ver Colchester 1982:cap. 4, Hames 1983b, Lizot 1980 e Smole 1976:cap. 5, 1989.

²² Colchester 1982:328.

²³ Smole 1989:124.

ferramentas principais são o machado, o terçado, o cavador de tronco de palmeira (hoje em desuso) e o fogo. As cinzas das árvores derrubadas e queimadas na coivara (durante a seca) servem de fertilizante. O fogo tem, além disso, a vantagem de destruir as sementes das ervas daninhas.

Uma comunidade média cultiva três ou quatro hectares, que são explorados durante aproximadamente três anos antes de ser escolhido um novo sítio equivalente²⁴. Esta área cultivada pode formar uma ou várias grandes roças exploradas por grupos de famílias. Entretanto, não se trata de roças “coletivas”, mas sim de conjuntos de pequenas roças familiares contíguas ampliadas anualmente, a fim de manter um nível de produtividade constante. Um novo sítio agrícola é geralmente aberto a cada quatro a cinco anos num raio de uma dezena de quilômetros do anterior, levando, geralmente, à construção de uma nova casa coletiva²⁵.

O abandono de um sítio agrícola justifica-se pelo acréscimo de trabalho provocado pela limpeza da vegetação secundária e das plantas de cultivo degeneradas, pela distância crescente entre a parte produtiva das roças e as habitações e pelo decréscimo da fertilidade do solo²⁶. As roças abandonadas mantêm, entretanto, uma utilidade econômica durante vários anos. Nelas pode-se ainda coletar pupunha, taioba, vários tipos de banana e canas de flecha. Delas são também tirados rebentos de bananeiras para novo plantio. Na sua vegetação secundária são coletadas, além disso, frutas, matérias-primas e, ocasionalmente, podem ser caçados animais atraídos pelas plantas de cultivo abandonadas²⁷.

²⁴ 0,0523 ha/pessoa segundo Lizot (1980:64) [cerca de 3 ha para uma comunidade de 50 habitantes]; 0,0848 ha/pessoa segundo Colchester (1982:248) [cerca de 4 ha para uma comunidade de 50 habitantes].

²⁵ Lizot (1980:39) menciona um limite máximo de cinco a sete anos; Good (1989:53, Table 3), um limite mínimo de dois anos.

²⁶ Lizot 1980:40 e Hames 1983b:23.

²⁷ Smole 1976:155, 1989:126 e Colchester 1982:247.

A agricultura Yanomami, muito produtiva e rica em cultivares, não pode, no entanto, assegurar por si só o equilíbrio da dieta do grupo, pois sua contribuição protéica é relativamente baixa (de 26 a 30% das necessidades protéicas). De fato, bananas e tubérculos, que constituem a base alimentar dos Yanomami, contêm, geralmente, menos de 2% de proteínas, sendo essencialmente ricos em carboidratos. Disso decorre o caráter imprescindível da caça, coleta e pesca para a subsistência Yanomami²⁸.

Deve-se observar, finalmente, que essa agricultura não produz nenhum tipo de degradação ecológica. Cada roça contém numerosas espécies cultivadas ocupando diversos níveis de vegetação. Pouco depois do plantio uma cobertura vegetal diversificada se desenvolve e, assim, o solo não fica expostos aos elementos. A tecnologia usada também não o desestrutura. Depois de um ano ou dois de produção, a roça já está engajada num processo de reconstituição da floresta²⁹.

Espaço e recursos

O espaço de floresta explorado por uma comunidade Yanomami pode ser descrito esquematicamente com base no modelo de uma série de círculos concêntricos ao redor da aldeia. Esses círculos delimitam áreas de uso de modos e intensidade distintos³⁰:

1 - O primeiro círculo, num raio de cinco quilômetros, circunscreve a área de uso imediato da aldeia: pequena coleta feminina, pesca individual ou, no verão, pesca coletiva com timbó, caça ocasional de curta duração (ao amanhecer ou entardecer), atividades agrícolas.

²⁸ Lizot 1978:77, 98 e Colchester 1982:314.

²⁹ Smole 1989:119, Colchester 1982:238-247.

³⁰ Ver Sponsel 1981:226-29. As áreas dentro de um determinado círculo não são todas ecologicamente semelhantes e, portanto, igualmente exploradas (Colchester 1982:116-19 e Taylor 1983:630-32). Para representações gráficas da distribuição dos recursos usados por várias aldeias Yanomami específicas ver: CCPY 1982:121-29, Colchester 1982:267, Fuentes 1980:30, Good 1989:88, Lizot 1986:39.

2 - O segundo círculo, num raio de cinco a dez quilômetros, é a área da caça individual (*rama huu*) e da coleta familiar do dia a dia.

3 - O terceiro círculo, num raio de dez a vinte quilômetros, é a área das expedições de caça coletiva de uma a duas semanas (*henimou*) que precedem os ritos de cremação funerária e os grandes encontros cerimoniais intercomunitários *reahu*, assim como as longas expedições plurifamiliares de coleta e caça (três a seis semanas) durante a fase de maturação das novas plantações (*waima huu*). Estas expedições têm geralmente por alvo áreas onde se encontram colônias de apreciadas árvores frutíferas ou áreas selecionadas por sua riqueza em caça.

Encontram-se também neste “terceiro círculo” tanto as roças novas quanto as antigas, junto às quais se acampa esporadicamente - para cultivar ou colher - e em cujos arredores a caça é abundante. Os Yanomami “isolados” passam entre um terço e quase a metade do ano acampados em diferentes locais desta área afastada da sua aldeia³¹. Esta proporção diminui rapidamente quando começam a ter contato regular com estabelecimentos brancos dos quais ficam dependentes para ter acesso a remédios e objetos manufaturados (postos de saúde, missões, postos da FUNAI).

*

Além de suas exigências em termos de espaço (cerca de 10 km²/ pessoa), este sistema, para funcionar eficientemente, tem limitações demográficas (ao redor de 150 pessoas por aldeia) bem como limitações temporais: depois de dois anos de ocupação de um sítio residencial, a produtividade da caça diminui em 28% e a colheita de mandioca (maturação de oito a dez meses) em 45 a 50%. No caso das bananeiras, só a quarta colheita é inferior à primeira (maturação de um ano)³².

³¹ Lizot 1986:38-39 e Good 1989:89, 1995:115.

³² Sobre tudo isso, ver as notas 18 e 19, Good 1989:cap. 4 e Hames 1983b:23.

Nesta perspectiva, para assegurar a sua subsistência, uma comunidade Yanomami deve dispor de um espaço econômico que, além de ser suficientemente vasto, seja adjacente a áreas do mesmo tipo. De fato, estas áreas adjacentes são de fundamental importância por servir, num primeiro momento, de zona de refúgio para a fauna nômade, possibilitando a otimização de sua reprodução e, num segundo momento, para tornar viáveis as migrações das comunidades, seja quando a produtividade da área ocupada diminui demasiadamente, seja após uma cisão, quando a aldeia atinge seu limite demográfico³³.

É graças a essa repartição das suas atividades de produção no espaço e no tempo que as comunidades Yanomami freiam o esgotamento dos recursos naturais necessários à sua sobrevivência e mantêm um alto nível de produtividade³⁴. Respeitando essas condições relativas ao tamanho, à densidade e à mobilidade do seu habitat, elas têm conseguido, há milênios, tirar o melhor proveito possível do meio ambiente que ocupam.

*

A produtividade do trabalho na sociedade Yanomami é elevada: a relação entre ganhos e custos energéticos, para o conjunto das atividades produtivas, é de 6,5:1 e a composição calórico-protéica da dieta atende de forma satisfatória às necessidades alimentares da população. Podem ser produzidos 1.800 quilocalorias e 67 gramas de proteínas por pessoa e por dia, para três a quatro horas de trabalho por adulto produtivo (55 a 60 % da população)³⁵.

A situação nutricional e sanitária dos Yanomami “isolados” é, portanto, muito satisfatória, até mesmo na região da Serra Parima, menos

³³ Sponsel 1981:228 e Taylor 1983:631-32.

³⁴ Good 1989:cap. 4 e Hames 1990.

³⁵ O tempo de trabalho/dia médio para todas as atividades situa-se entre cinco e sete horas (alimentação, fabricação e reparo de objetos, cuidados domésticos diversos). Ver Lizot 1978:77, 79, 96, 103 e Colchester 1982:202.

propícia à caça que as terras baixas, mas onde a intensificação da coleta compensa os eventuais déficits protéicos³⁶.

Contato e saúde

Vimos que o modelo Yanomami de uso dos recursos naturais é sustentado por uma complexa interdependência entre sistema produtivo, espaço territorial e equilíbrio nutricional. Disso entende-se que a limitação das migrações de uma comunidade Yanomami, por redução do seu território, tem como primeira conseqüência diminuir a qualidade calórico-protéica da dieta de seus membros³⁷. No caso de uma invasão por atividade de garimpagem (ou mineração), este processo de empobrecimento nutricional, já muito sério em si, é consideravelmente agravado tanto pela degradação do meio ambiente (desmatamento, escavações, poluições, caça indiscriminada)³⁸ quanto pela perturbação das atividades de subsistência provocada pelas doenças que assolam constantemente a população³⁹.

Uma vez desestruturado o sistema produtivo indígena, chega-se rapidamente a uma situação de carência nutricional crônica. Na região de Paapiú, uma das mais afetadas pela corrida do ouro em Roraima (agosto de 1987- janeiro de 1990), 36% da população - 62% das crianças

³⁶ Ver os numerosos estudos sobre o estado nutricional e sanitário dos Yanomami "isolados" citados em Colchester 1985 (org.):16-17. Sobre a região do Parima ver Holmes 1983, 1984 e 1995 e Smole 1976:181.

³⁷ Assim, o *input* protéico, na maior parte ligado à caça, pode descer facilmente abaixo do mínimo de 40g/dia/pessoa recomendado (Chagnon & Hames 1979:912).

³⁸ Estas perturbações ecológicas provocam uma redução da variedade das plantas coletadas e, sobretudo, um depauperamento das populações de animais (Neel 1979:163, Wirsing 1985:312). Os bandos de porcos selvagens (queixadas) - a presa mais importante e regular da caça Yanomami - desapareceram totalmente do seu território após a invasão garimpeira (ver Silvius 1995 e Fragosos & Silvius 1995).

³⁹ Uma epidemia que imobiliza a população de uma aldeia no período de abertura de novas roças (últimos meses do ano) inviabiliza sua base de subsistência agrícola por cerca de dois anos. Deve-se esperar o fim do ano seguinte, mais o período de maturação das plantas cultivadas, para se voltar a um nível de produção e de consumo de produtos agrícolas normais.

de dois a nove anos - sofriam de grave desnutrição calórico-protéica depois de dois anos e meio de presença garimpeira⁴⁰. Este déficit nutricional é também agravado pela superinfestação parasitária (helmintos e protozoários), conseqüência da sedentarização induzida pela invasão de suas áreas de perambulação e pela concentração populacional não-indígena. A população da aldeia próxima à pista de pouso⁴¹ que servia de base ao garimpo de Paapiú (com até 15.000 garimpeiros em 1988-89) apresentava, assim, um quadro característico de parasitose intestinal:

A. duodenale.....	42%
A. lumbricóides.....	88%
T. trichiura.....	37%
G. lamblia.....	29%
E. histolytica.....	49%

Essa convergência entre desnutrição por colapso produtivo e alta infestação parasitária, ao diminuir a resistência orgânica da população, reforça ainda o impacto das doenças introduzidas pelo contato para as quais apresenta baixa proteção imunológica natural (sarampo, varicela, coqueluche, gripe, tuberculose, malária, *etc.*). Por sua vez, a propagação destas doenças é acentuada pelo aumento da densidade demográfica e contribui, reciprocamente, para o agravamento e a generalização da situação de desnutrição. Fecha-se, assim, o círculo vicioso das interações e retroações entre desestruturação econômica e degradação sanitária

⁴⁰ 202 pessoas examinadas em janeiro de 1990. Ver Albert 1990b sobre a situação de Paapiú em 1989-90 e Pithan *et al.* 1991 sobre o período 1987-89 (a partir de 495 internações de Yanomami na Casa do Índio de Boa Vista, das quais 40% oriundas de Paapiú).

⁴¹ 59 pessoas examinadas em agosto de 1990 (Relatório dos Drs. Farias Guerreiro e Bastos, Universidade Federal do Pará, agosto de 1990). Sobre a relação entre superinfestação parasitária e concentração demográfica, ver Neel 1971:583-84 e Wirsing 1985:311.

induzida pela situação de contato⁴². A situação de saúde dos Yanomami de Paapiú demonstra, novamente, a gravidade dos efeitos de tal situação. Além de 36% da população apresentarem grave desnutrição, 84% estavam com malária⁴³, 53% com infecções respiratórias, 22% com infecções intestinais e 4% com tuberculose.

*

Os Yanomami se beneficiaram no passado de um grande impulso demográfico, baseado na associação entre altas taxas de natalidade e taxas de mortalidade moderadas. Com o acirramento da situação de contato, esse crescimento foi progressivamente contido, interrompido e, na década de 1980, revertido na maior parte do seu território. O aumento persistente da taxa de mortalidade, associado à recrudescência das doenças infecciosas e parasitárias introduzidas pelo contato⁴⁴, conjugado a uma taxa de fertilidade estacionária ou mesmo decrescente⁴⁵, pode expor os Yanomami ao risco de uma regressão populacional extremamente grave.

Somente um atendimento médico adaptado às características culturais, sociais e epidemiológicas da realidade Yanomami, e acessível a todas as comunidades da área indígena, poderá reverter este quadro a longo prazo. O exemplo de certas áreas, atendidas com eficiência e regularidade, onde a taxa de crescimento populacional pôde voltar a níveis característicos da situação pré-contato (cerca de 3% anuais), deve nos convencer de que isso é possível⁴⁶.

42 Ver Wirsing 1985:310-11.

43 73% com elevado grau de anemia e 76% com esplenomegalia.

44 799 óbitos entre 1991 e 1995, as principais causas de óbito sendo malária (28 %) e infecções respiratórias (12 %) (ver Magalhães 1995).

45 Em consequência, por exemplo, do impacto da desnutrição, de malárias repetidas ou de doenças venéreas sobre a fertilidade das mulheres.

46 Veja o exemplo dos *Watoriki t'eri pë*, dizimados por epidemias em 1973 (malária ou febre amarela?) e 1977 (sarampo), que voltaram a crescer nos anos oitenta para chegar a uma população (101 pessoas) hoje com 55% de crianças abaixo de 5 anos de idade (dados CCPY, 1995).

Interpretação da doença

O sistema Yanomami de interpretação da doença coloca em jogo um sistema de relações entre vários componentes da pessoa do doente, de um lado, e diversos poderes sociais e naturais maléficos exteriores à sua comunidade, de outro. A doença constitui, assim, um fenômeno global pelo qual o doente, sua família e sua aldeia analisam e reconstroem suas relações com o mundo perigoso dos “outros”, humanos ou não-humanos, que os cerca⁴⁷.

Corpo e pessoa, doença e morte

Além do envelope corporal (*siki*), e interagindo com ele, a pessoa humana é, para os Yanomami, constituída de quatro componentes imateriais contidos pelo “interior” (*ũũxi*) ou “centro” (*mi amo*) do corpo:

1) o pensamento consciente (*pihi*), sede da vontade, das percepções e sensações, bem como origem da orientação do comportamento social;

2) a “imagem essencial” (*ũtupë*) e o “princípio vital” (*nõreme*), ligado ao sopro (*wĩxĩa*), responsáveis pela animação do corpo e sua energia;

3) o pensamento inconsciente (*pore*), associado aos movimentos involuntários, ao sonho, aos estados alterados da consciência (alucinógenos, dores, doenças, episódios psicopatológicos). Na morte, o *pore* sai do corpo para constituir um fantasma que vai morar nas “costas do céu”;

4) o “duplo animal” (*rĩxĩ*)⁴⁸, associado à pessoa desde seu nascimento (transmitido de pai para filho e de mãe para filha) e cujo destino é idêntico ao seu. Diz-se que os animais *rĩxĩ*, apesar de serem ligados ao “interior” do corpo, moram perto de aldeias distantes, desconhecidas e potencialmente hostis e, por isso, são vulneráveis.

⁴⁷ Ver Albert 1985:cap. V, VI, VII, IX, X.

⁴⁸ Por exemplo a águia *mohuma* para os homens e um tipo de cachorro do mato, *hoãhoãma* (*Speothos Venaticus?*) para as mulheres.

Estar doente (*rããkaẽ*) é, para os Yanomami, ter a sua “imagem essencial” agredida (ferida, queimada, envenenada, amarrada, *etc.*) - e/ou levada - por agentes etiológicos humanos ou não-humanos, usando para este fim diversos objetos ou substâncias patogênicos. É também, em certos casos, ter seu “duplo animal” ferido ou amarrado e levado por caçadores longínquos⁴⁹. Estas agressões da “imagem essencial” ou do “duplo animal” têm por consequência inverter a relação normal entre os componentes da pessoa. O pensamento consciente é progressivamente anulado pelo pensamento inconsciente que passa a dominar o comportamento do doente e, na morte, acaba se separando do corpo sob a forma de um fantasma.

A morte é, por sua vez, concebida como o resultado de uma predação sobrenatural da “imagem essencial” ou do “duplo animal” da vítima e, por consequência, de uma devoração simbólica de seu corpo. O corpo doente ou o cadáver são, assim, designados como “sobra, resto da refeição” (*kanasi*) de um agente etiológico⁵⁰.

Etiologias

Os Yanomami consideram a malevolência humana responsável pela maioria dos casos de doenças que os afetam. Os habitantes de uma comunidade atribuem geralmente suas doenças a malefícios perpetrados por outros grupos locais. O nível de gravidade destas doenças é considerado como um índice da distância geográfica e social da aldeia dos agressores.

Os visitantes de grupos aliados vizinhos são freqüentemente acusados de se vingarem de atritos diversos (insultos, avareza, ciúme sexual, roubos) com uma feitiçaria baseada no uso de plantas e substâncias

⁴⁹ O “duplo animal” das crianças pode cair e se perder sozinho (*paheprai*).

⁵⁰ Sobre tudo isto ver Albert 1992.

mágicas (*hwëri*), em geral jogadas ou sopradas durante os encontros cerimoniais intercomunitários *reahu*. Considera-se que esta feitiçaria “comum” pode causar doenças sérias (geralmente com febre alta e intensa alteração das percepções), curadas por meio de xamanismo, mas nunca provocar a morte⁵¹.

As afecções que levam ao óbito do doente são atribuídas ao “segundo círculo” do universo social Yanomami, o universo dos inimigos reais e potenciais. Temos, assim, em primeiro lugar, formas de agressão associadas aos inimigos efetivos, próximos ou relativamente próximos:

1. a “feitiçaria de rastros”: maus aliados podem ser acusados de ter apanhado terra das pegadas (*maē*) ou restos de comida (*kanasi*) de uma pessoa e de tê-los dado aos seus inimigos para serem esfregados com substâncias de feitiçaria, provocando, assim, a morte da vítima. Infecções graves nas pernas ou na boca/garganta, ou óbitos por estas causas são geralmente associados a tal forma de feitiçaria;

2. a “feitiçaria guerreira”: acusa-se feiticeiros de aldeias inimigas (*oka*) de organizar expedições secretas (*ōkara huu*) até malocas distantes a fim de atacar pessoas isoladas na roça ou no mato. Os Yanomami dizem que os *oka* sopram substâncias de feitiçaria em suas vítimas e, aproveitando o seu estado de semi-consciência, matam-nas quebrando-lhes os ossos (pescoço, espinha, membros). O exercício desta feitiçaria tem a fama de ser reservado para alguns homens idosos de grande reputação guerreira e, simetricamente, de visar homens ou mulheres idosos e socialmente notáveis. A morte de “grandes homens” (*pata t^hë*), quando repentina é interpretada desta maneira⁵².

⁵¹ Qualquer adulto pode exercer esta feitiçaria “comum.” Existem, entretanto, plantas e substâncias de uso exclusivo de homens e mulheres e as pessoas idosas têm reputação de conhecer melhor esse assunto.

⁵² Doenças agudas e súbitas afetando os parentes próximos de um “grande homem” podem também ser interpretadas como agressões de feiticeiros *oka*.

Grupos longínquos e conhecidos apenas por rumores intercomunitários podem também ser considerados como uma fonte de ameaças. Isto de duas maneiras:

3. o “xamanismo agressivo”: atribui-se aos grandes xamãs de aldeias remotas o poder de mandar espíritos auxiliares agressivos (*xapiri huu*) para matar pessoas da comunidade, em particular, crianças;

4. a “caça do duplo animal”: os caçadores de aldeias iongínguas, perto das quais diz-se que vivem os duplos animais *rĩxĩ* da comunidade, podem matá-los voluntariamente e, portanto, as pessoas que são associadas a esses animais. A morte de mulheres é freqüentemente associada a esta causa⁵³.

Outras causas de doença, a minoria, são atribuídas, na ausência de conflitos, a suspeitas e rumores políticos, a espíritos maléficos (*ně wārĩ*) para os quais os humanos não passam de presas de caça. Estes espíritos, geralmente descritos como humanóides monstruosos, são associados a certos locais da floresta (lagos, beiras de rios, colinas, mata fechada) e fenômenos meteorológicos (chuva, tempo nublado, estação da seca, entardecer). Outras doenças ou óbitos (como é o caso da morte de recém-nascidos) ainda podem ser associados à quebra de proibições alimentares geralmente, mas não apenas, em situações rituais (gravidez, resguardos para menstruação, pós-parto, guerra)⁵⁴ ou ao poder vingativo da “imagem essencial” dos animais e vegetais contra seus predadores/agressores humanos (carne mal cozida, envenenamento, picada de cobra)⁵⁵.

⁵³ Referências ao xamanismo agressivo ou à caça dos duplos animais, embora usadas na interpretação de doenças, têm mais importância na formulação de causas de óbito.

⁵⁴ O sistema das proibições alimentares é muito mais desenvolvido entre os *Sanima* do que entre os Yanomami orientais, sendo não somente relacionados a situações rituais, mas também a um sistema de classes de idade (ver Ramos 1990).

⁵⁵ Até os alimentos podem demonstrar hostilidade e possuir um princípio patogênico (*t^hě pě pree ně napě, wai pree kua*).

Deve-se lembrar aqui que não existem “causas naturais” na interpretação Yanomami das doenças: até envenenamento por mandioca brava ou picada de cobra envolvem a ação da forma sobrenatural da mandioca ou da cobra sobre a “imagem essencial” da vítima e necessitam, portanto, da intervenção de um xamã. Só o morrer de velhice (*mosi ruo*, “extinguir-se”), escapa ao sistema de explicação dos óbitos em termos de agressões humanas ou não-humanas.

Este sistema de interpretação tradicional da doença continua sendo aplicado a casos de afecções individuais. Entretanto, as epidemias propagadas pelos brancos, denominadas genericamente *xawara*, são associadas às fumaças (*wakëxi*) produzidas por suas “máquinas” (maquinário de garimpo, motores de aviões e helicópteros) e à queima de suas possessões (mercúrio e ouro, papéis, lonas, lixo). Veremos neste manual que são usados pelo menos dezoito nomes de epidemias deste tipo pelos *Watoriki t^heri pë*. A maioria dos velhos xamãs Yanomami estiveram entre as primeiras vítimas destas “epidemias-fumaça” (*xawara a wakëxi*), deixando entre os sobreviventes um clima de medo, amargura e insegurança. Os jovens xamãs se desesperam agora para conseguir vencer esta maldição e salvar os membros de suas comunidades. Dizem-se sobrepujados pelo número e a fome canibal dos espíritos das epidemias (*xawarari*)⁵⁶ atraídos pelos brancos e sua tecnologia.

O fato de os Yanomami distinguirem as epidemias, atribuídas aos brancos, das outras doenças não significa, entretanto, que eles opõem “doenças de branco” a “doenças tradicionais.” Aliás, antes do contato direto com os brancos, eles atribuíam as epidemias à fumaça produzida por substâncias maléficas jogadas no fogo por feiticeiros *oka* (Yanomami ou oriundos de outros grupos indígenas vizinhos)⁵⁷. A distinção relevante

⁵⁶ A “epidemias-fumaça” (*xawara a wakëxi*) é a forma visível dos “espíritos das epidemias” (*xawarari pë*).

⁵⁷ Ver Albert 1992 e a parte “Epidemias” deste manual.

para os Yanomami é, na realidade, entre doenças que afetam o indivíduo (*rããra*) e doenças que afetam a coletividade (*waiwai*). Assim, um caso isolado de coma malárico pode ser associado a uma agressão de espíritos xamânicos ou a um ataque de feiticeiros inimigos *oka*, enquanto crises de malária afetando vários membros de uma aldeia são interpretadas como *xawara* (epidemia). Temos aqui um exemplo típico dos conflitos de interpretação entre medicina ocidental e etiologia Yanomami que os profissionais de saúde podem encontrar no campo; conflitos que só podem ser resolvidos com diálogo intercultural. No caso, convencer a aceitar o tratamento anti-malárico significa, ao mesmo tempo, admitir a relevância da etiologia indígena e persuadir os parentes do doente de que a malária é *também* uma das causas da doença. Uma confrontação direta com a interpretação xamânica só levaria ao conflito e ao fracasso terapêutico.

Curas

Todas as doenças, logo que produzem alterações das percepções e sensações normais, indício de que a “imagem essencial” do doente foi afetada, são tratadas por curas xamânicas, desde pneumonias até infecções de fraturas abertas. Só alguns males realmente benignos e que assim permanecem⁵⁸ (como as feridas, as parasitoses intestinais ou as dores passageiras) não são tratados pelo xamanismo.

Para desenvolver suas sessões de cura, os xamãs inalam um pó alucinógeno (*yakōana*)⁵⁹ que os faz entrar num estado de transe visionário durante o qual chamam a si espíritos auxiliares (*xapiri*)⁶⁰ aos quais acabam identificando-se por meio de coreografias e cantos

⁵⁸ Em caso de agravamento, um novo diagnóstico recorrerá às etiologias xamânicas habituais, mudando eventualmente de uma para outra, a fim de seguir a evolução dos sintomas.

⁵⁹ Feito da resina ou de fragmentos da casca interna da árvore *Virola sp.* secos e pulverizados.

⁶⁰ É também usado o termo *hekura* (mais comum entre os Yanomami ocidentais).

específicos⁶¹. Os espíritos xamânicos são vistos sob a forma de miniaturas humanóides enfeitadas de ornamentos cerimoniais coloridos e brilhantes⁶². São espíritos de entes da floresta⁶³ ou de entidades cosmológicas e mitológicas que os xamãs escolhem em função de suas “armas” e aptidões sobrenaturais no processo diagnóstico e, depois, na realização da cura⁶⁴.

Considera-se que, através desta experiência, os xamãs adquirem a visão sobrenatural que lhes dá acesso à lógica que esta por trás dos fenômenos observáveis pelas pessoas comuns (*kua përa t^hë*) e à capacidade de influir sobre eles. Incorporando seus espíritos auxiliares, esforçam-se, então, em identificar o rastro (*õno*) dos agentes etiológicos que originaram as afecções tratadas, localizar os objetos patogênicos (*matihi*) deixados no “corpo interior” das vítimas, bem como os efeitos dos seus princípios ativos (*wai*)⁶⁵.

Na cura xamânica, os espíritos *xapiri* são usados para extrair os objetos patogênicos que afetam a “imagem essencial” dos doentes (ou cuidar do seu duplo animal ferido), para “limpar” os efeitos do princípio ativo destes objetos, para, eventualmente, reintegrar a “imagem essencial” no “corpo interior” do paciente, e, por fim, para combater entidades sobrenaturais agressoras.

⁶¹ O nome dos xamãs, *xapiri*, é idêntico ao nome dos espíritos (*hekura* pode, também, designar espíritos e xamãs); a prática do xamanismo é chamada *xapirimou*, “agir enquanto espírito xamânico.”

⁶² Sua dança de apresentação é comparada à chegada de convidados, ricamente adornados, numa festa intercomunitária *reahu*.

⁶³ Existem espíritos xamânicos de mamíferos, pássaros, peixes, insetos, batráquios, répteis, lagartos, quelônios e crustáceos, bem como espíritos de diversas árvores, espíritos das folhas, dos méis silvestres, da água, das pedras, das cachoeiras, da lua. Existem, também, alguns espíritos xamânicos “caseiros” como o espírito do cachorro, do fogo, ou da panela de barro.

⁶⁴ Sendo a maioria dos espíritos xamânicos espíritos animais, suas “armas” e aptidões remetem, geralmente, às características físicas e comportamentais das espécies correspondentes.

⁶⁵ Os sintomas são simbolicamente associados a estes objetos patogênicos que podem ser tanto substâncias de feitiçaria como possessões de seres maléficos. Febre e sensação de sufocação podem, assim, ser atribuídos ao fato de um espírito maléfico apertar o corpo da sua vítima com fios de algodão incandescentes.

Uma vez realizada a cura xamânica, os sintomas são tratados com cerca de duzentas plantas medicinais (a maioria silvestres) na forma de bebidas, banhos, aplicações, inalações, *etc*⁶⁶. Esta fitoterapia constitui uma medicina caseira considerada como especialidade das mulheres idosas. Seu uso encontra-se, entretanto, em declínio, tanto pelo fato de poucas mulheres idosas terem sobrevivido às epidemias levadas pela intensificação do contato nas últimas duas décadas (sarampo, coqueluche, gripe, malária, *etc.*), quanto pelo acesso crescente das comunidades Yanomami aos remédios ocidentais no mesmo período.

Medicina ocidental e medicina Yanomami

A distinção nítida, no sistema terapêutico Yanomami, entre a cura xamânica (*nëhë yaxuu*), aplicada à redução dos agentes e vetores etiológicos, e a cura caseira (*hwërimãï*), aplicada à redução dos sintomas, é fundamental para definir os limites que a intervenção médica branca deve respeitar para ser compatível com as normas sociais e culturais de seus pacientes e, portanto, manter sua eficiência e sua ética profissional.

Os Yanomami consideram a medicina ocidental e seu acervo de remédios como uma forma de medicina doméstica particularmente poderosa no tratamento sintomatológico (é uma das razões pelas quais tendem a abandonar os seus remédios tradicionais). Entretanto, a cura xamânica representa para eles uma forma superior de atuação terapêutica por ser baseada no conhecimento fornecido pela visão alucinogênica e, assim, atingir a causa profunda dos processos aparentes, no caso, a etiologia sobrenatural.

Deve-se tirar disto alguns ensinamentos importantes para a assistência médica a longo prazo na área Yanomami:

1. Estar ciente de que menosprezar, desrespeitar ou impedir o trabalho dos xamãs através de uma intervenção médica autoritária e proselitista, constitui não somente um erro terapêutico, mas também

⁶⁶ Ver Milliken & Albert 1996 e 1997b. Além das plantas (198 espécies medicinais levantadas), são usados como remédios mais de uma dúzia de insetos, em particular, formigas.

uma agressão intolerável a um dos alicerces fundamentais da cultura e da sociedade Yanomami. O xamanismo não é uma mera forma de cura “mágica” sem efeitos empíricos. Trata-se, em primeiro lugar, de uma sofisticada terapia psico-somática que deve ser considerada essencial para reforçar a segurança psicológica e, portanto, a resistência orgânica dos pacientes. Trata-se, em segundo lugar, de um complexo instrumento simbólico de reflexão sobre as relações entre corpo, pessoa e alteridade, bem como entre natureza e sociedade.

2. Nunca esquecer que a assistência médica ocidental deve sempre ser proposta e não imposta aos Yanomami, e que a medicina branca é considerada por eles como complementar, mas jamais substituta do diagnóstico e do tratamento xamânico. Portanto, antes de qualquer ação terapêutica sobre um paciente também submetido (ou suscetível de ser submetido) a uma cura xamânica, deve sempre ter-se a preocupação de dialogar com a família e os xamãs para integrar a intervenção da maneira mais apropriada possível, cultural e socialmente. Em caso de emergência, pode-se propor uma ação conjunta xamã - médico (enfermeiro). Em outros casos, é preferível uma intervenção posterior ao trabalho xamânico. Deve sempre ser lembrado que, para os Yanomami, a medicina ocidental é assimilada a um tipo de cura empírica que somente atua no registro sintomático e nunca pode, por si só, tratar da etiologia da doença, domínio privilegiado da cura xamânica.

3. Estar ciente de que a doença de um indivíduo é sempre considerada na sociedade Yanomami como um acontecimento social envolvendo a sua comunidade como um todo. Cada caso de doença é tido, assim, como sendo a atualização de poderes malévolos que constituem uma ameaça virtual e permanente para todos os membros da aldeia. Lembramos aqui que toda aldeia-maloca Yanomami é uma unidade residencial baseada num complexo entrecruzamento de laços de consangüinidade e casamento. Em função disso, a coletividade dos

parentes/co-residentes de um doente⁶⁷ mobiliza-se tanto na determinação da etiologia das agressões patogênicas que afetam seus membros quanto nas decisões e operações relativas a seu tratamento. Este engajamento coletivo nos episódios mórbidos é considerado pelos Yanomami como um procedimento essencial para atingir o sucesso terapêutico. Nada mais oposto ao nosso costume de isolar os doentes em instituições sanitárias fechadas do resto da sociedade do que a socialização terapêutica dos Yanomami. Esta oposição manifesta-se, aliás, de maneira exemplar no caso das remoções de pacientes indígenas para a cidade, remoções freqüentemente recusadas pelos próprios doentes e, sobretudo, por seus familiares, que temem vê-los, assim, privados de um tratamento cultural e socialmente adequado. Recomenda-se, portanto, sempre tomar em conta as intervenções, reivindicações e decisões dos parentes de um doente no planejamento do atendimento sanitário. Deve-se, também, evitar totalmente que o doente seja isolado de sua família imediata ou de outros membros de sua comunidade. Isto representa para um Yanomami - da mesma maneira que ser impedido de se beneficiar de uma cura xamânica - um grande fator de ansiedade psicológica e, portanto, de agravamento do seu estado.

4. Estar ciente de que a adoção de remédios ocidentais pelos Yanomami não quer dizer que eles aceitem o sistema de interpretação da doença que fundamenta seu uso e que, por isso, não respeitam facilmente as regras precisas associadas ao consumo desses remédios (indicações, posologia, *etc.*). Recomenda-se, portanto, evitar “distribuir” remédios, isto é, não entregar doses de remédios sem ter absoluta certeza do seu uso correto. Para chegar progressivamente a um uso adequado dos medicamentos, a prescrição deve sempre estar acompanhada de explicações sobre seus efeitos curativos, as condições e limites de sua eficiência, bem como os seus possíveis efeitos colaterais ou perigos.

⁶⁷ *ipa t'è pè* “minha gente”, *kami t'eri yama ki* “nós co-residentes.”

Nestas explicações deve-se, de preferência, tomar por base de comparação os remédios tradicionais da floresta para evitar uma valorização exagerada dos tratamentos ocidentais, o que abre caminho para a hiper-medicação.

5. Estar ciente, por fim, de que o uso indiscriminado, ou mesmo generalizado, de remédios ocidentais leva a um rápido abandono dos tradicionais, o que representa para os Yanomami não somente uma perda irreparável no plano intelectual e sanitário, mas ainda um agravamento de sua dependência social e econômica da sociedade branca. Recomenda-se, portanto, no decorrer do atendimento de saúde na área Yanomami, um particular cuidado na observação e valorização do conhecimento indígena relativo aos remédios da floresta.

Assistência sanitária intercultural

A assistência de saúde na área Yanomami desenvolve-se, por definição, numa “situação intercultural.” Isto significa, principalmente, duas coisas:

1. que os profissionais de saúde prestem seu atendimento na fronteira de dois sistemas de interpretação e tratamento da doença envolvendo conceitos, práticas e visões de mundo radicalmente diferentes;

2. que esse trabalho é desempenhado num contexto de comunicação lingüística precária entre pacientes e profissionais de saúde, onde cada um apenas entende algumas palavras da língua do outro.

Tais diferenças culturais e dificuldades de comunicação constituem o quadro permanente da assistência de saúde na área Yanomami. São, obviamente, a fonte de muitos dos problemas e frustrações que os profissionais encontram no desempenho de seu trabalho e, reciprocamente, de muitos dos dissabores, angústias e desventuras por que passam os Yanomami, frente à medicina ocidental.

Para amenizar essa situação de “choque cultural” recíproco, existe somente uma solução: que os profissionais de saúde façam o esforço de adquirir conhecimentos básicos sobre os conceitos e as idéias Yanomami relativos à doença e seu tratamento. Só assim poderão conduzir e explicar seu trabalho de uma maneira compatível com o universo social e cultural dos Yanomami. Não fazer este esforço leva a um atendimento “cego”, cuja eficiência será rapidamente comprometida pela rejeição que ele pode suscitar entre seus pacientes, seja sob a forma de resistência passiva (recusa ou abandono de tratamento, fugas), seja mesmo sob a forma de resistência ativa (manifestações explícitas de hostilidade).

Abandonar este atendimento guiado pelo “etnocentrismo”, onde só valem as idéias e técnicas ocidentais, para levar em conta a relevância própria do sistema de interpretação e tratamento Yanomami da doença, é chegar a um atendimento regido pelo “relativismo cultural.” Essa passagem do “etnocentrismo” ao “relativismo” médico deve ser a base de toda assistência de saúde intercultural. É a garantia tanto da eficiência do atendimento prestado aos povos indígenas quanto do respeito a seus direitos.

Sons e grafia Yanomami (dialeto *Yanomae*)

As vogais

O dialeto *Yanomae* tem sete vogais que aparecem na tabela abaixo conforme a posição da língua na boca durante a articulação:

	anterior	central	posterior (arredondada)
alta/fechada	<i>i</i>	<i>ɨ</i>	<i>u</i>
média	<i>e</i>	<i>ɛ̃</i>	<i>o</i>
baixa/aberta		<i>a</i>	

Cinco dessas vogais são comuns ao português. As duas únicas que podem ser difíceis de pronunciar são, portanto, *ɨ* e *ɛ̃*. A primeira é representada pela letra *ɨ* e seu som fica entre *i* e *u*. Para se pronunciar *ɨ*, começa-se a pronunciar *i* e logo depois *u*. Ao mesmo tempo, os lábios ficam estendidos e a massa da língua fica pressionada contra o centro do palato. A segunda é representada pela letra *ɛ̃*. Para se tentar pronunciar *ɛ̃*, começa-se com *e* e, logo depois, *o*. O som do *ɛ̃* fica entre as duas vogais *e* e *o*. Os lábios ficam relaxados e não arredondados e a massa da língua solta.

Todas estas sete vogais podem ser nasalizadas e representadas, neste caso, por um til sobreposto à vogal, como em *hũxomou*, ‘assobiar’ ou *mãu*, ‘água’. Todas as vogais também podem ser alongadas, articuladas com maior duração. Vogais alongadas são representadas por duas letras, por exemplo, *xaari*, ‘reto’ e *pee nahe*, ‘tabaco’.

Os exemplos abaixo mostram ocorrências das vogais no dialeto *Yanomae*:

<i>i</i>	<i>imi</i>	‘dedo’
<i>e</i>	<i>here</i>	‘molhado’
<i>ɨ</i>	<i>piti</i>	‘cheio’

<i>ë</i>	<i>ëpëhë</i>	‘mole’
<i>a</i>	<i>aka</i>	‘língua’
<i>u</i>	<i>kuyuhu</i>	‘curvado’
<i>o</i>	<i>koro</i>	‘parte de baixo, parte de trás, jusante’

As consoantes

O dialeto *Yanomae* tem 13 consoantes que aparecem na tabela abaixo, conforme o modo de articulação e a posição da língua na boca durante a articulação:

	Bilabial	Alveolar	Palatal	Velar	Glotal
Oclusivas					
Simples	<i>p</i>	<i>t</i>		<i>k</i>	
Aspirada		<i>t^h</i>			
Fricativas	<i>hw</i>	<i>s</i>	<i>x</i>	<i>h</i>	
Vibrante		<i>r</i>			
Nasais	<i>m</i>	<i>n</i>			
Semivogais	<i>w</i>		<i>y</i>		

As **oclusivas simples** são representadas pelas letras *p*, *t*, e *k*. *p* e *t* são pronunciadas freqüentemente como suas respectivas contrapartes sonoras *b* e *d*, não mudando o significado da palavra. A oclusiva *k* é sempre pronunciada como tal. As oclusivas simples são basicamente as mesmas que existem em português, nas palavras ‘papo’, ‘teto’ e ‘cabo’.

A **oclusiva aspirada** *t^h* é pronunciada como *t* com um sopro adicional de ar. O contraste entre *t^h* e *t* pode ser exemplificado nas palavras *t^hai*, ‘fazer’ e *tai*, ‘ver’. Consideramos aqui *t^h* como uma unidade fonêmica, como é o caso nas gramáticas pedagógicas de Borgman (1976, 1990) sobre o *Sanima*, e Lizot (1996) sobre o Yanomami ocidental. Entretanto, deve-se notar que no recente trabalho de Ramirez (1994b: 61-62), também dedicado ao Yanomami ocidental, este som é analisado como uma seqüência de fonemas *t* e *h*.

As **fricativas** são representadas pelas letras *s*, *x*, e *h*. Não apresentam dificuldades para os falantes do português. São basicamente similares aos sons *s* de ‘saber’ e *x* de ‘lixo’; *h* é semelhante à pronúncia carioca da consoante inicial da palavra ‘rápido’. Existe, além de *h*, o fonema *hw*. *hw* é pronunciado como uma seqüência formada do som *h* e, logo depois, do som *w* (como *u* na palavra água). Trata-se, de acordo com Ramirez (1994b: 35-36), de um fonema residual com distribuição limitada (nunca acompanha *i*, *o* ou *u*). Esse fonema é específico ao subdialeto *Yanomae* do alto Catrimani (aldeias do Posto Demini, rio Lobo d’Almada e rio Jundiá) e corresponde ao fonema *f* da região de Surucucus. Além dessa particularidade, todas as outras qualidades fônicas descritas aqui são idênticas nas outras áreas de falar *Yanomae*: Toototobi, Catrimani, Paapiú, Xitei, Homoxi, Palimiú, etc.

A **vibrante** *r* é produzida quando a ponta da língua bate brevemente na região alveolar, atrás dos dentes superiores. Pode encontrar-se pronunciada como a lateral *l*. Também é muito parecida ao *n* quando ocorre ao lado de uma vogal nasalizada. Por exemplo, a pronúncia do *r* é igual a *n* depois de *õ* : *mõri* = *mõni*, ‘um, quase’.

As **nasais**, *m* e *n*, são basicamente as mesmas que existem em português nas palavras ‘mato’ e ‘nove’.

As **semivogais** são representadas pelas letras *w* e *y*. Estes tipos de sons são pronunciados como vogais, mas têm uma duração curta como consoantes e ocorrem precedendo ou seguindo uma vogal. O som de *w* é semelhante ao som representado por *u* na palavra portuguesa ‘água’. O som de *y* é semelhante ao som representado por *i* na palavra portuguesa ‘praia’.

Os exemplos abaixo mostram ocorrências das consoantes no dialeto *Yanomae*:

<i>p</i>	<i>poko</i>	‘braço’
<i>t</i>	<i>totihi</i>	‘bom’

<i>k</i>	<i>koai</i>	‘beber’
<i>t^h</i>	<i>t^hoko</i>	‘tosse’
<i>s</i>	<i>siki</i>	‘pele’
<i>x</i>	<i>xiki</i>	‘intestinos’
<i>h</i>	<i>hutu</i>	‘roça’
<i>hw</i>	<i>hwama</i>	‘convidado’
<i>r</i>	<i>rape</i>	‘comprido’
<i>m</i>	<i>mamo</i>	‘olho’
<i>n</i>	<i>naki</i>	‘dentes’
<i>w</i>	<i>waĩsipë</i>	‘pequeno’
<i>y</i>	<i>yopi</i>	‘quente’

A sílaba

A sílaba mais comum consiste de uma consoante e uma vogal como, por exemplo, em *wa-kë*, ‘fogo’. Ocorrem também outros tipos de sílabas, como, por exemplo, V-CV em *a-ra*, ‘arara’, CVV em *puu*, ‘mel’ ou CCVV em *pree*, ‘grande’.

Existem entretanto seqüências de vogais difíceis de pronunciar, por exemplo:

<i>pëi</i>	‘sentir-se mal, ficar doente’
-VV	
<i>maniai</i>	‘dar uma terçadada’
—VVV	
<i>Aiamori</i>	‘espírito das flechas’
VVV—	
<i>praiai</i>	‘dançar nas festas <i>reahu</i> (apresentação)’
—VVVV	

Existem, também, agrupamentos de certas consoantes difíceis de pronunciar. Por exemplo:

<i>hr</i>	<i>hrake</i>	‘escorregadio’
	<i>hrami</i>	‘picante’
	<i>hriki</i>	‘lombo’
	<i>tuhrai</i>	‘vomitar’
<i>kr</i>	<i>kraioa</i>	‘um branco’
	<i>kreai</i>	‘quebrar’
	<i>krërirai</i>	‘raspar, aplainar’
	<i>takri</i>	‘piranha’
<i>pr</i>	<i>pree</i>	‘grande’
	<i>prika</i>	‘pimenta’
	<i>prohe</i>	‘frouxo’
	<i>prõõ</i>	‘mosca’
<i>mr</i>	<i>mraka</i>	‘areia’

Acentuação

O acento marca a intensidade de uma sílaba. A acentuação na penúltima sílaba é mais frequente no dialeto *Yanomae*, como, por exemplo, em: *xáma*, ‘anta’ e *watóri*, ‘vento forte’. Para marcar ênfase, entretanto, o acento pode ser colocado na última sílaba da frase, como, por exemplo, em: *ya nini mahí* ! ‘estou com muita dor!’.



Homens Yanomami (Mario Yanomami, Catrimani, 1978)

II. LÉXICO TEMÁTICO

1. O CORPO

No dialeto *Yanomae* os nomes de partes do corpo (e os fluidos corporais, excreções, secreções e componentes da pessoa) são sempre entendidos como pertencendo a alguém. Cada parte do corpo é, portanto, usualmente precedida da forma possessiva *pei e/ou* por um pronome pessoal. Por exemplo, *pei ya aka*, ‘é a minha língua’.

Na lista abaixo, os possessivos não aparecem por questões de simplificação.

ANATOMIA EXTERNA

Geral

<i>Yanomae</i>	Português
1. siki	pele
2. u (pë)	osso (s)
3. yāhi yāhiki	carne, músculo (também: gordo, carnudo)

Cabeça

Geral

4. he heki	cabeça
5. he ëpëhë he uutiti	fontanela
6. hemaka	nuca
7. huko	testa
8. hwesika pooro	área occipital
9. karemoki	bochecha
10. kutupu	pomo de Adão

- | | |
|-----------------------------|---------------|
| 11. mamakaki | área malar |
| 12. naki t ^h ëki | área temporal |
| 13. naaripë | queixo |
| 14. orahi
oraka | pescoço |
| 15. ũreme | garganta |
| 16. wëyëki | área frontal |

Cabelo

- | | |
|-------------------------------|--|
| 17. hwait ^h a (ki) | cabelo (s) |
| 18. hwesika pooro | tonsura, corte calvo no cabelo
(também: área occipital) |
| 19. kasi ki kōi | bigode |
| 20. kaayëki | barba |
| 21. kōi | pêlo (do corpo), peludo |
| 22. kōikōi pëka | raiz do pêlo, poro sudoríparo |
| 23. mīki | fronte |

Nariz

- | | |
|------------------|---|
| 24. hū
hūkaki | nariz |
| 25. hūka pëka | narina |
| 26. hūkasi | parte de baixo do nariz e septo nasal |
| 27. hūkasi pëka | orifício do septo nasal para ornamentos |

Boca

- | | |
|--------------|-----------------|
| 28. aka | língua |
| 29. aka hūxo | ponta da língua |

- | | |
|--------------------------------------|---|
| 30. aka katikati | freio da língua |
| 31. aka koro | dorso da língua |
| 32. aka ora | frente da língua |
| 33. aka rūrūki | lados da língua |
| 34. aka wākōko | meio da língua |
| 35. aka t ^h aki | úvula, área atrás da língua |
| 36. hūxo | bico do lábio superior |
| 37. hrii-hami aka t ^h aki | palato |
| 38. hrii-hami kahiki | parte superior da boca |
| 39. husi | lábio inferior |
| 40. husi pēka | orifício no lábio inferior para
ornamentos |
| 41. kahiki | boca |
| 42. kahiki pepi
kahiki pēhētē | área embaixo do lábio inferior |
| 43. kasi (ki) | lábio (s) |
| 44. pēhētē-hami kahiki | parte inferior da boca |
| 45. ũreme moximoxi pē | amígdalas |

Dentes

- | | |
|--|----------------------------|
| 46. hrii-hami na ki | dentes superiores |
| 47. korona-hami na ki
pree-o-wi na ki | molares e pré-molares |
| 48. mi amo na ki | incisivos e dentes caninos |
| 49. na (ki) | dente (s) |
| 50. na siposi | esmalte |
| 51. na ũūxi mi amo | dentina |

- | | |
|-------------------------------|------------------------|
| 52. na ũūxi yai | polpa |
| 53. na ki pēka hikato | espaço entre os dentes |
| 54. na ki hēt ^h o | gengiva |
| 55. na ki koro
na ki xiana | raiz dos dentes |
| 56. na ki ora | coroa dos dentes |
| 57. na ki hiki | mandíbula |
| 58. pēhētē-hamī na ki | dentes inferiores |

Olhos e visão

- | | |
|-----------------------------------|------------------------------|
| 59. mamō (ki) | olho (s) |
| 60. mamō au | branco do olho |
| 61. mama kahiki | órbitas dos olhos |
| 62. mama kasi ki | pálpebras |
| 63. mama kasi ki yaipē | parte superior das pálpebras |
| 64. mama kasi ki kōi
mami xiki | pestanas |
| 65. mamō pēt ^h a | nervo ótico |
| 66. mamō t ^h ona | canto do olho |
| 67. mamō ũūxi | interior do olho |
| 68. mamō uxi | pupila do olho |
| 69. mamō xuu | humor aquoso, humor vítreo |
| 70. weemoxiki | sobrancelhas |

Orelhas e ouvido

- | | |
|-------------------|--|
| 71. yēmaka (ki) | orelha (s) |
| 72. yēmaka pēka | canal auditivo, buraco no lóbulo da orelha |
| 73. yēmaka yauyau | lóbulo da orelha |

Parte superior do corpo

Geral

74. amoku hwesika	plexo solar
75. hriki	lombo
76. hwakaimi	axila
77. hwakaraki	ombro, articulação do braço ao corpo
78. hwasipë	omoplatas
79. huumot ^h o	coluna vertebral
80. ora	parte superior do corpo
81. pakara hiki	clavícula
82. pariki	torax, peito
83. pariki hopoko pariki taro	parte inferior do esterno
84. repuku	gradil costal
85. repokosiki	costelas
86. suhu upë	peito
87. suhu upë amõre	glândula mamária
88. suhu umoki	peitos de moça, peito de homem
89. suhu u moki hũka	bico do seio
90. yaipë yaipëki	dorso
91. yaipë mamaka	parte superior do dorso

Abdômen

92. kotohiki	cintura
93. makasi	umbigo, cordão umbilical
94. misi pisi	barriga, pele e gordura da barriga

Membros superiores

95. ēhat ^h a	antebraço (incluindo a mão)
96. ēhat ^h a tikētikē	junta do pulso
97. hayurima poko haasipërima poko	braço esquerdo
98. ihurupë imi haasipërima imi	dedo menor
99. imi (kî) imi kî	dedo (s) mão (s)
100. imi hūxo imi ora	ponta dos dedos
101. imi kî hwakarakî	espaços entre os dedos
102. imi kî mōxokore	osso da junta do pulso
103. imi kî pariki	palma da mão
104. imi kî xiana	'calcanhar' (palma) da mão
105. imi kî tikētikē	articulações dos dedos, falanges
106. nahasi (kî)	unha (s)
107. patarima imi	dedo polegar
108. poko	braço
109. poko pariki	região interna do braço
110. poko ëxëmapë	cotovelo
111. poko t ^h akî	área lateral superior do braço área superior das costelas embaixo do braço
112. poko yaipë	região externa do braço
113. raperima imi mî amo imi	dedo do meio

114. totihirima poko braço direito
kateherima poko

Parte inferior do corpo

Geral

115. koruki parte inferior do corpo

Pelve

116. kohosiki área sacra
117. komonaki nádegas
118. kramoki virilha
119. kramo siki pele sobre a virilha
120. manapiki quadril
121. wexiki pelos pubianos
122. xina moko ponta do cóccix
123. xio hiki área do cóccix
124. xit^hemaki área embaixo do umbigo

Membros inferiores

125. hayurima mahi dedo menor
126. mahasi (ki) unha (s) do (s) pé (s)
127. maheko área da tíbia abaixo do joelho
128. mahi (ki) dedo (s) do pé, pé (s)
129. mahi pariki planta do pé
130. mahi pitipiti área anterior da planta do pé
131. mahi ũremesi área da dobra da planta do pé (entre os dedos e a parte anterior da planta do pé)

132. mahi wahete	arco da planta do pé
133. mahi heki	bico do pé, parte de cima dos dedos dos pés
134. mahi ora	bico do pé, ponta dos dedos dos pés
135. mahi xiana	calcanhar
136. mahi yaipë	peito do pé
137. mat ^h a	perna, panturrilha
138. mat ^h a tixoko	fossa poplíteia
139. mat ^h opë	tendões
140. moxuru upë	coxa
141. patarima mahi	dedó polegar
142. raperima mahi	dedo no meio
143. u humapë	canela (da perna)
144. u huuruaxipë u huuruapë	patela, rótula
145. u mōxokore	joelho, articulação do joelho
146. u wāyapë oruhe	tornozelo
147. xāhu	músculo da coxa

ANATOMIA INTERNA

Esqueleto

Geral

148. u pë mǎo	esqueleto, ossos (fora do corpo)
---------------	----------------------------------

Cabeça

149. huko mǎro	osso frontal
150. he mǎro	osso parietal, abóbada do crânio
151. naki t ^h ëki mǎro	osso temporal
152. hemaka mǎro	osso occipital
153. hemaka tikëtikë mǎro	atlas, primeira vértebra cervical
154. ũūxi pëka mǎro	orifício occipital
155. mama kahiki mǎro	margem inferior da órbita, osso malar
156. naki hëth ^o mǎro	osso maxilar superior
157. naki hiki mǎro	osso maxilar inferior
158. naki hiki mǎro xatiti	articulação do maxilar inferior
159. he mǎro akat ^h ahu	suturas dos ossos do crânio
160. hu mǎro	osso do nariz
161. weemoxiki mǎro	margem superior da órbita

Coluna vertebral e bacia

162. huumot ^h o mǎro	vértebras dorsais e lombares, coluna vertebral
163. kohosiki mǎro	vértebras sacras
164. koto hiki mǎro	bacia
165. komonaki mǎro	ísquio
166. manapiki mǎro	osso íliaco
167. moxi huko he mǎro	púbis (homem)
168. na huko he mǎro	púbis (mulher)
169. orahi mǎro	vértebras cervicais
170. xina moko mǎro	última vértebra coccígea
171. xio hiki mǎro	vértebras coccígeas e ísquio

Parte superior do corpo

172. hwasipë mǎro	omoplatas
173. pakara hiki mǎro	clavícula
174. pariki hiki mǎro	esterno
175. pariki pesipesipë	caixa torácica
176. poo a yawëyawë	cartilagem da ponta do esterno
177. repokosiki mǎro	costelas
178. repokosiki ora tuku	cartilagem costal
179. repokosiki yawëyawë	costelas flutuantes

Membros superiores

180. ēhat ^h aki mǎro	osso do antebraço (rádio e cúbito)
181. imi ki mǎro	ossos da mão (carpo e metacarpo)
182. imi ki tikëtikë mǎro	ossos dos dedos (falanges)
183. poko mǎro	osso do braço (úmero)

Membros inferiores

184. mahi ki mǎro	ossos do pé (tarso, metatarso)
185. mahi ki tikëtikë mǎro	ossos dos dedos (falanges)
186. mahi xiana mǎro	calcanhar
187. moxuru upë mǎro	fêmur
188. moxuru upë mǎro tia	cabeça do fêmur
189. u mǎro	tíbia
190. u poroapë mǎro	rótula
191. waaria unamo	perônio

Sistema nervoso

192. ũūxipë cérebro, medula espinhal (e medula óssea em geral)

Sistema respiratório

193. hēreki pulmões
194. t^horopë traquéia
195. t^horopë ora brônquios

Sistema circulatório

196. amo maxokopë coração
197. mat^hoyo (pë) veia (s)

Sistema digestivo

198. amoku fígado (também: ventre)
199. amoku pesi peritôneo
amoku pesipesipë
amoku t^hakî
200. amoku mǎitoripë vesícula biliar
mǎitori
201. amoku mǎitoripë ũt^ha canal biliar
202. aurima xîkî intestino delgado
aurima pîsi
tikirima pîsi
203. horikî canal anal
204. hura baço
hurapikî
205. pîsi estômago

206. rii hipë pëka	orifício do esôfago
207. rii hipë pët ^h a	esôfago
208. sira	pâncreas
209. uxirima xiki uxirima pisi warã patarima pisi	intestino grosso
210. xiki	intestinos
211. xinat ^h o	reto
212. xio pëka xioka	ânus

Sistema urinário

213. moxi pëka moxi heka moxi he yakoto	meato urinário (homem)
214. na pëka	meato urinário (mulher)
215. nara (pë)	rim (rins)
216. nasi	bexiga
217. nasi pëka	meato urinário (homem e mulher)
218. nasi pët ^h a	uretra

Sistema reprodutivo

Feminino

219. na	vulva
220. na pëka	orifício vaginal (também: meato urinário)
221. na ũūxi	vagina
222. na kasi ki	lábios vaginais

223. na mamo	clítoris
224. na siki ihuru na siki ihuru t ^h ari	placenta
225. nati siki	útero

Masculino

226. mosisi	prepúcio
227. mō upë pēt ^h a	canal ejaculatório
228. moxi	pênis
229. moxi korona	base do pênis
230. moxi roxi moxi he moka	glande, cabeça do pênis
231. wāt ^h emo (ki)	testículo(s)
232. wāt ^h emo siki aruki aru siki	escroto

FISIOLOGIA: FLUIDOS, SECREÇÕES E EXCREÇÕES

233. hūxu upë	secreção nasal, coriza
234. hūkaki xāhe	secreção nasal ressequida
235. iyë iyëiyë pë	sangue (também: sangrento) sangue esparramado
236. t ^h uë a iyë	sangue menstrual
237. kahi upë konohori upë	saliva

238. kōrahēt ^h o	coágulo de sangue
239. kreããsi	secreção do olho
240. mapu upë	lágrimas
241. mō upë	esperma, sêmen
242. nahi upë	líquido amniótico
243. nau upë	secreções vaginais
244. nasipë	urina
245. nionio upë	pus (também: purulento)
246. suhu upë	leite materno
247. tuhrepë	vômito
248. t ^h oko	catarro
249. yëmaka ki xãhe	cerume
250. xipë	fezes

2. GINECOLOGIA, PROCRIAÇÃO E PEDIATRIA

Ginecologia

251. kō-pro-u estar menstruada de novo após a primeira menstruação (menarca)
a kōprou “Ela está menstruando de novo (pela primeira vez após a menarca).”
252. na iyë-pra-i menstruar
a na iyëprarioma “Ela ficou menstruada.”
253. na iyë ro-a estar menstruando
(lit. ‘ficar agachado com sangue’)
a iyë roa “Ela está tendo a sua menstruação.”
a roa
a iyë roprarioma “Ela ficou menstruada.”
254. na komi ser virgem (lit. ‘com a vagina tapada’)
a na komi t^ha ? “Ela é virgem?”
255. yĩpĩ estar na primeira menstruação,
ser púbere
256. yĩpĩ-mo-u seguir o ritual da primeira menstruação
a yĩpĩmoa hikirayoma “Ela já teve a sua primeira menstruação.”

Procriação

257. ihuru a t^ha-i engravidar uma mulher
(lit. ‘fazer uma criança’)
ihuru ya e t^hakema “Eu engravidei-a.”
258. ihuru a ke-pra-i dar à luz (lit. ‘cair uma criança’)
ihuru ipa a keprarema “Minha criança nasceu.”
259. ihuru a wai po-u sentir as dores do parto
ihuru a wai ku-a
ihuru a nini po-u
ihuru a nini ku-a
ihuru a wai pou hikia “Ela já está sentindo as dores do parto.”

260. ihuru kípě poaka-a ter gêmeos
(lit. ‘duas crianças estão lado a lado’)
261. ke-pra-ì t^hapia estar no último mês da gravidez
(lit. ‘perto de cair’)
a keprai t^hapia titipou “Ela está com uma criança pronta para
nascer.”
262. manaka-pě ser/estar estéril (com magreza e pele
amarelada) por causa de feitiçaria
com um pó da planta cultivada
manakaki (*Alstroemeria* sp.)
a manakapě “Ela é estéril.”
263. mo hwetu-pro-u ficar em posição de cabeça para
baixo antes de nascer
mo hwetuprou tēhē,
nahi upě hwarayou “Quando o feto vai ficar de cabeça
para baixo, as águas vão sair.”
264. na wa-ì copular (homem falando, transitivo)
(lit. ‘comer a vulva’)
265. wa-mo-u copular (homem ou mulher falando,
intransitivo)
266. nahi upě hwa-ì o sair das águas
nahi upě hwapema “Saíram as águas.”
“A placenta rompeu-se.”
267. pìsi praitì ter a barriga baixa (último mês de
gravidez)
a pìsi praitì “Ela tem a barriga baixa.”
268. totixi-pě uma criança desmamada antes do
tempo por causa do nascimento de
outro (uma criança magra, chorona
e com barriga inchada)

- a totixipë* “Esta criança foi desmamada antes do tempo.”
- pei wā a wei totixipë* “Esta criança tem choro de criança desmamada antes do tempo.”
269. *xapo-pë* ser/estar estéril (com obesidade) por causa de feitiçaria com pó de *xapo kiki*, pequenos insetos homópteros (Cercopidae) que produzem um tipo de espuma em baixo de certas folhas na mata
- a xapopërayoma* “Ela ficou estéril por causa de feitiço com *xapo kiki*.”
270. *ximīna-pë* estar grávida
- a ximinapë* “Ela está grávida.”
- a ximinapërayoma* “Ela ficou grávida.”
- ximinapëri!* “Que gravidez de barriga grande!”
271. *ximīna-pë oxe* cedo na gravidez (primeiro trimestre)
- ximīna-pë natu*
- a ximinapë oxe xoa* “A sua gravidez é ainda recente.”
272. *ximīna-pë pata* gravidez avançada (segundo/terceiro trimestre)
- ximīna-pë pata mahi* gravidez muito avançada (terceiro trimestre)
- a ximinapë pata mahi waoto* “Ela está nos últimos meses de gravidez, dá para ver.”

Pediatria

273. *ihuru a wei* uma criança pequena (somente usado no contexto de uma frase)
- ihuru a wei keprarema* “A criança nasceu.”

3. OS COMPONENTES DA PESSOA

Ver, sobre os componentes da pessoa, a parte “Interpretação da doença. Corpo e pessoa, doença e morte”, página 44.

- | | |
|---------------------|--|
| 283. siki | envelope corporal (também: pele) |
| 284. ũũxi
mi amo | o ‘interior’, o ‘centro’ do corpo
(conjunto dos componentes
imateriais da pessoa) |
| 285. pih | pensamento consciente, vontade,
olhar |
| 286. nõreme | ‘princípio vital’, associado ao sopro
(<i>wĩxĩa</i>) e à ‘imagem essencial’,
‘imagem sobrenatural’ (<i>ũtupě</i>) |
| 287. ũtupě | ‘imagem essencial’, ‘imagem
sobrenatural’ (também: todas as
formas de representação em
miniatura, como imagem no espelho,
sombra, fotos, brinquedos, etc.) |
| 288. wĩxĩa | sopro, fôlego, sopro vital |
| 289. pore | pensamento inconsciente, fantasma |
| 290. rĩxĩ | ‘duplo animal’ |



Doente e espírito xamânico (Mozaniel e José Yanomami, Demini, 1996)

4. AS DOENÇAS

Geral

291. kahiki totihi ter boa saúde (lit. 'ter boca boa')
ya kahiki totihi "Estou com boa saúde."
292. kanasi corpo (ou parte do corpo) de um doente 'devorado' por um agente etiológico sobrenatural (também: marca de ferida ou mordida, sobras de uma refeição)
wa kanasi hwërimiaki "Trata esta parte doente/ferida!"
293. në wārĩ mal, doença (também: espírito maléfico)
hwei t^hë në wārĩha
t^hë pë përayoma "Essa gente começou a adoecer por causa deste mal."
294. pë-i sentir-se mal, começar a adoecer
ya pëa tikorayoma
ya në ka pëa tikorayepi! "Que desgraça! Comecei a ficar doente."
"Que desgraça! Não será que comecei a adoecer."
295. rãã doença
rããra
urihi a në rããpë "A mata é cheia de doença."
296. rããkaë estar doente
ya rããkaë mahi "Estou muito doente."
297. rããkaërima t^hë um doente
rããkaërima t^hë pë mi t^ha? "Não têm doentes (aqui)?"
298. rãã-mo-u ficar doente (também: gemer de dor)
ya rããmorayoma "Fiquei doente."
299. temi estar com saúde, estar vivo
ya temi "Estou com boa saúde."

300. *rāāsiri* espírito da doença
rāāraari
urihi a nē rāāsiripē “A mata está cheia de espírito de doença.”
301. *ōno* rastro ou marca de um agente etiológico (também: marca de uma ferida ou mordida)
yai t^hē ōno kuonoa “É a marca de um ser sobrenatural.”

Agentes etiológicos como os espíritos maléficos ou seus ‘filhos’ usados como espíritos xamânicos agressivos podem ‘levar a imagem essencial’ de suas vítimas. Podem também ‘cortá-la’ (*manipra-ī*), ‘queimá-la’ (*īximā-ī*), ‘amarrá-la’ (*ōka-ī*), etc.

O ‘princípio patogênico’ (*wai*) das plantas e substâncias de feitiçaria também afeta diretamente a ‘imagem essencial’ das pessoas atingidas. Ver na introdução, a parte “Interpretação da doença. Corpo e pessoa, doença e morte”, página 44.

302. *ūtupē tē-huru* levar (para longe) a ‘imagem essencial’ de alguém
nē wārīni e
ūtupē tehuruma “Um espírito maléfico levou a ‘imagem essencial’ dele.”
303. *ūtupē ukē-ri-huru* arrancar a ‘imagem essencial’
304. *ūtupē ikoko-ri-huru* puxar a ‘imagem essencial’
305. *wai* princípio patogênico (também: forte, poderoso, perigoso)
hwēri a pata wai
axi praa kupēyē! “Está no chão o princípio patogênico amarelo de uma substância de feitiçaria!” (fala de xamā)
- hwēri kiki wai*
mahi t^hare “As substâncias de feitiçaria são (habitualmente) muito perigosas.”

TIPOS DE DOENÇAS

Afecções e características da pele

- | | |
|------------------------------|---|
| 306. ãtãma asi | pinta |
| 307. hero | tipo de afecção cutânea (mancha grande, úmida e vermelha com pequenas vesículas) atribuída ao consumo de água durante o resguardo <i>õnokaẽmou</i> (guerra, feitiçaria letal, xamanismo agressivo ou matança de um 'duplo animal' <i>rĩxi</i>) |
| <i>ya heropërayoma</i> | "Fiquei com mancha de <i>hero</i> ." |
| 308. kahumo | cravo, espinha |
| 309. sira | afta. As aftas são geralmente atribuídas ao consumo de carne gorda de veado durante o resguardo da primeira menstruação. Diz-se também que as pessoas que assobiam perto de uma moça em resguardo podem pegar aftas. |
| <i>ya kasi sirapërayoma</i> | "Peguei aftas na boca." |
| 310. õra | cisto subcutâneo ou nódulo de oncocercose |
| <i>a he õrapë</i> | "Ele tem nódulos na cabeça." |
| 311. si koro-pë
si rukuku | ter a pele arrepiada |
| <i>a si koropërayoma</i> | "Sua pele ficou arrepiada." |
| 312. si hukuku | ter descascamento da pele (por queimaduras de sol, na cicatrização de uma ferida, no sarampo) |
| <i>ya si hukukuprarioma</i> | "A minha pele descascou." |
| 313. si horere | ter peles mortas (na boca, em caso de sapinhos, ou nas mãos, depois de ficar dentro d'água durante muito tempo) |
| <i>a kahiki si horere</i> | "Ele tem a boca cheia de peles mortas." |

314. si rōki
a si rōki ter a pele rugosa
 “Ele tem a pele rugosa.”
315. si t^horo ho
*ya imi ki si
 t^horohorarioma* ter a pele com bolhas (nas mãos,
 queimaduras, catapora)
 “Fiquei com bolhas nas mãos.”
316. si uutiti ter a pele lisa
317. si waēke ter a pele muito enrugada
318. si waprutu
 si prautu ter uma pele de velho (flácida)
319. siki hweriri ter a pele com dobras
320. simo sinal (ou verruga)
321. tukurima si
*tukurima ya si
 hwarayoma* pele nova (cicatrização)
 “Fiquei com pele nova (nesta ferida).”
322. wahi tipo de afecção cutânea (manchas
 brancas com descamação)
ya wahipē mahi “Tenho muitas manchas de *wahi*.”
323. warasi impetigo (também: pequena ferida
 infectada)
ya warasipērayoma “Fiquei com impetigo” (ou “Minhas
 pequenas feridas infectaram”).
324. waxia tipo de afecção cutânea duradoura
 (ferida arredondada, profunda, úmida
 e com borda avermelhada) atribuída
 a quebra de proibições alimentares ou
 de contato em resguardos de
 menstruação, parto e guerra
 (leishmaniose tegumentar?)
ipa waxia rarorayoma “Peguei uma ferida *waxia*.”

325. xohomo	comedão
326. ximokore <i>ya ximokore</i>	pequenas espinhas em placa “Tenho placa de pequenas espinhas.”
327. yoasi <i>ya yoasipërayoma</i>	pano branco “Fiquei com manchas de pano branco.”
328. yuu <i>ya yuupërayoma</i>	furúnculo “Fiquei com furúnculos.”
329. xuëma <i>ya xuëmamorayoma</i>	tipo de furúnculo maior “Fiquei com um grande furúnculo.”

Feridas, infecções e fraturas

Feridas

330. heka	ferida no couro cabeludo (provocada por paulada)
331. kōhōri-ā-ī riiki-a-ī hwë-ī <i>ipa tusitusi a kōhōrikema</i> <i>ipa tusitusi a riikirayou</i> <i>rope t^hë hwëtaki</i>	cicatrizar (geral) “Minha ferida cicatrizou.” “Minha ferida vai cicatrizar.” “Vai cicatrizar rápido.”
332. iyë <i>ya imi iyë</i>	sangrento (também: sangue) “A minha mão está sangrando.”
333. iyë hwa-ī <i>ya iyë hwaī mahi</i>	sangrar “Estou sangrando muito.”
334. mat ^h a <i>poko mat^ha</i>	cortado, amputado “Ele tem o braço amputado.”
335. tusitusi <i>ipa tusitusi a kua</i>	ferida profunda (genérico) “Tenho uma ferida.”

336. *ōno* marca de uma ferida ou mordida
kanasi

Nos exemplos seguintes, *kanasi* pode ser usado em lugar de *ōno*, exceto para as feridas causadas por animais (excluindo cobras):

- ya imi manīprario kure,* “Cortei a minha mão com faca
hwei poo ōno ka kii (ontem, há alguns dias), aqui está a ferida.”
- ya mahi pahotoprarioma,* “Cortei o meu pé (passado
hwei koxi ōno ka kii genérico), aqui está a ferida.”
- ya mahi hīpi kure,* “Furei o meu pé com pau,
hwei huu tihī ōno ka kii aqui está a ferida.”
- ya īxirayoma,* “Me queimei, aqui está a marca
hwei wakē ōno ka kure que o fogo deixou.”
- yaroni ware kakēkēri kure,* “Um animal me arranhou,
hwei nahasi ki ōno ka kii aqui está a marca de suas unhas.”
- yaroni ware wari kure,* “Um animal me mordeu,
hwei na ki ōno ka kii aqui está a marca de seus dentes.”
- orukikini ware wari kure,* “Uma cobra me mordeu, aqui está
hwei na ki ōno ka kii a marca da picada.”
- yamara akani ware* . “Uma arraia furou o meu pé,
mahi tikiri kure, aqui está a ferida.”
hwei aka xina ōno ka kure
- ya t^haremahe,* “Me flecharam/balearam,
hwei ōno ka kure aqui está a ferida.”
337. *wanaka* ferida causada por uma ponta
 (de flecha: *rahaka wanaka*,
 de pau: *huu tihī wanaka*)
338. *xonaka* rachado, ferida nas juntas do pé

Infecções

- | | | |
|------|--|--|
| 339. | moxiki
<i>ya moxiki nini
mahi hwarayoma</i> | gânglios (genérico)
“Saíram em mim gânglios
que doem muito.” |
| 340. | nionio upë
<i>ipa xãã a homoprarioma,
a nionio upë mahi</i> | pus, purulento
“O meu gânglio inguinal estourou,
está muito purulento.” |
| 341. | tare
<i>ipa tusitusi a tarerayonoa</i> | muito infectado, podre
“Minha ferida infectou muito
(sem eu perceber).” |
| 342. | xãã
<i>ipa xãã a pata
hwarayoma,
hwei kramokiha</i> | gânglio inguinal inflamado
“Saiu um gânglio inflamado
na minha virilha, aqui.” |
| 343. | xuë-ï
xuë
<i>ipa xãã a xuëa
mahirayoma,
ya huprimi</i> | inchar
inchado
“Meu gânglio inguinal inchou
muito, não consigo andar.” |

Fraturas (e problemas locomotores)

- | | | |
|------|--|--|
| 344. | kawëkawë-mo-u
hiyëtihiyëti-mo-u
<i>a kawëkawëmou</i> | andar mancando (com um dos pés
pisando na ponta)
“Ele anda mancando (pisando na
ponta de um pé).” |
| 345. | kayë-a-ï
<i>a kayëai xoa</i> | mancar (genérico)
“Ele manca ainda.” |
| 346. | kayëkayë-mo-u
<i>a kayëkayëmou</i> | andar mancando
“Ele anda mancando.” |
| 347. | mahï hamiri-pra-ï
<i>ya mahi hamiriprarioma</i> | torcer o pé
“Torci o pé.” |

348. mahi ki hu-u rōōrorōōro andar nos calcanhares dos pés
(por causa de uma ferida)
a mahi ki huu “Dá pena vê-lo andar
rōōrorōōro nē ōhōtai nos calcanhares dos pés.”
349. mahi ki yapote ter os pés torcidos para dentro
a mahi ki yapote “Ele está com os pé torcidos para
dentro.”
350. hu-u yapote andar pisando no lado externo dos pés
(por deformidade física)
351. tihēyē-a-ī mancar (por deformidade física)
a pata tihēyēai t^hare “Ele (homem maduro) manca
(desde sempre).”
352. u kreano fratura causada por torção (termo
usado na descrição dos ossos
das vítimas atribuídas aos feiticeiros
inimigos *oka*)
u kreano mi rē kini “Não tem marca de fratura
(causadas por feiticeiros), é óbvio.”
(fala durante um diagnóstico *post*
mortem)
353. u mǎro akat^hahu rachadura num osso
ya u mǎro “O meu osso ficou rachado.”
akat^hahuprarioma
354. u mǎro ērēhē protuberância (calo ósseo) numa
fratura mal consolidada
ya u mǎro ērēhēkema “Meu osso consolidou com uma
protuberância (calo ósseo).”
355. u mǎro karāna-pē consolidação de uma fratura
ya u mǎro “Meu osso (fraturado) já consolidou
karānapēa hikirayoma bem.”
356. (u mǎro) kēpra-ī fraturar um osso por torção
ya poko kēprarioma “Quebrei o meu braço (torcendo-o).”

- | | |
|---|--|
| 357. (u mǎro) tihikia-
<i>ya poko tihikikema</i> | fraturar um osso por um choque
“Quebrei o meu braço (numa queda).” |
| 358. (u mǎro) yahiki-pra-
<i>ya poko yahikiprarena</i> | fraturar um osso por um golpe
“Quebrei o meu braço (com um golpe).” |
| 359. u opopra-
<i>ya u opoprarioma</i> | torcer o pé/tíbia
“Torci o pé/tíbia.” |
| 360. u yahikano | fratura por um golpe |

Etiologias gerais

Todas as doenças atribuídas à malevolência humana (feitiçaria, xamanismo agressivo e ataque do ‘duplo animal’) são classificadas como *yanomae t^hë pë ãno*, ‘marcas/rastros de Yanomami’. As doenças atribuídas a seres não-humanos são designadas como *yai t^hë pë ãno*. Ver acima a parte “Interpretação da doença. Etiologias”, páginas 45-49.

Feitiçaria

Sobre as diversas formas de feitiçaria Yanomami, ver acima, na introdução, a parte “Interpretação da doença. Etiologias”, página 45.

- | | |
|---------------------------|---|
| 361. hwëri
aroari | planta ou substância de feitiçaria |
| hwëri kiki
aroari kiki | conjunto das plantas ou substâncias de feitiçaria |
| <i>ya hwëripë mahi</i> | “Estou muito afetado por feitiços.” |
| <i>hwëri ãno kuonoa</i> | “É a marca de um feitiço.” |

As plantas ou substâncias de feitiçaria são secadas e pulverizadas antes de ser lançadas por diversos meios (ver abaixo 365, 366) sobre as vítimas.

- | | |
|---|--|
| 362. hwëria-
<i>ware hwëriarenoahe</i> | atingir alguém com uma planta ou substância de feitiçaria
“Eles me atingiram com um feitiço (sem eu perceber).” |
|---|--|

363. *imino* rastro, marca de uma agressão patogênica (lit. ‘rastro da mão’)
- t^hë pë imino nē mot^ha!* “Chega do ‘rastro da mão’ desta gente!”
- nē wārī imino, waoto* “(Trata-se) do ‘rastro da mão’ de um espírito maléfico, é óbvio.”
- t^hë imino nē wai* “O ‘rastro de mão’ deste (espírito maléfico) é perigoso.”
364. *kanasi te-i* pegar restos de comida de uma pessoa para fazer um feitiço
- ware kanasi tenoahe* “Pegaram restos de minha comida para um feitiço (sem eu perceber).”
365. *hora-pra-ī* soprar um feitiço com zarabatana em alguém (feiticeiros inimigos *oka*)
- ware horapraremahe* “Sopraram um feitiço em mim.”
366. *hōrōka-ī* esfregar um feitiço em alguém
- ware hōrōkorenoahe* “Esfregaram em mim um feitiço (sem eu perceber).”
- Além de ‘sopradas’ e ‘esfregadas’, as plantas e substâncias de feitiçaria podem também ser ‘jogadas’ (*xëyëpra-ī*), ‘sopradas na palma da mão’ (*horixipra-ī*) ou colocadas nos alimentos (*kea-mā-ī*).
367. *maika a wai* doença (dores de barriga e diarreia) causada pelo ‘mau olhado’ de uma pessoa hostil
368. *maika-mo-u* ser atingido pelo ‘mau olhado’ de uma pessoa hostil
- ya maikamorayoma* “Fui atingido por ‘mau olhado’ .”
369. *maë te-i* pegar terra da pegada de uma pessoa para fazer um feitiço
- ware maë tenoahe* “Pegaram terra da minha pegada para um feitiço (sem eu perceber).”

370. maxita-mo-u ficar doente por causa de um feitiço com terra de pegada (ver abaixo 388-392)
- ya maxitamorayoma* “Fiquei doente por causa de um feitiço com terra de pegada.”
371. mat^haki-mo-u ficar doente por causa de um feitiço com terra de pegada (ver abaixo 388-392)
- ya mat^hakimorayoma* “Fiquei doente por causa de um feitiço com terra de pegada.”
372. oka feiticeiro inimigo
- oka pëni ware*
 horaprarenoahe “Feiticeiros inimigos sopraram um feitiço em mim.”
- oka pëni a xerenoahe* “Feiticeiros inimigos mataram-no.”
- oka pëni a*
 paxuwarenoahe “Feiticeiros inimigos envenenaram-no com uma substância de feitiçaria *paxo uki*.”
- oka pë ãno kuonoa* “É a marca de feiticeiros inimigos.”

Listaremos a seguir as plantas e substâncias de feitiçaria mais freqüentemente evocadas nos diagnósticos:

373. amixi hana ki provoca febre alta, emagrecimento, extrema fraqueza e sede constante (lit. ‘folhas da sede’; planta cultivada, *Justicia sp.*)
Pode ser também jogada no fogo para causar ‘fumaças-epidemias’ (ver abaixo a parte “Epidemias”, página 114) ou soprada por feiticeiros *oka*

374. hayokoari hana ki provoca um estado de extrema agitação delirante (folhas de planta cultivada) Pode ser também jogada no fogo para causar ‘fumaças-epidemias’. (ver abaixo a parte “Epidemias”, página 114)
375. hipiri kiki provoca cegueira (fragmentos brilhantes recolhidos nos igarapés)
376. hwëri rai a provoca febre, mal-estar e fortes dores nas pernas e na região lombar (tubérculo de planta cultivada)
377. hwëri kiki yai provoca um forte mal-estar geral com febre, cefaléia, zumbido no ouvido, dores articulares e fraqueza (lit. ‘verdadeiro feitiço’; bulbos de planta cultivada, *Cyperus sp.*)
378. kōamaxi kiki provoca mal-estar, náusea, extrema fraqueza e icterícia (folhas de planta cultivada)
379. maika hana ki provoca febre alta e uma violenta e dolorosa fermentação intestinal com disenteria (folhas de planta cultivada, *Justicia sp.*)
380. oko xiki provoca febre alta, extrema fraqueza, icterícia e rigidez nos membros (bulbos de planta cultivada pelas mulheres; *Cyperus sp.*)
381. paxo uku provoca uma violenta disenteria com sangue (lit. ‘pêlos de macaco cuatá’)

382. pirimahi kī īxi provoca fortes dores e hemorragia no útero
(insetos da madeira podre)
383. piti au uku provoca febre alta e inchação generalizada do corpo
(bulbos de planta cultivada; *Cyperus sp.*)
384. pore hana kī provoca um estado de agitação convulsivo
(lit. ‘folhas de fantasma’; folhas de planta cultivada, *Justicia sp.*).
385. puu hana kī provoca uma violenta disenteria com espuma
(lit. ‘folhas de mel’; folhas de planta cultivada, *Justicia sp.*).
386. romi hana kī provoca uma violenta disenteria com sangue
(lit. ‘folhas da magreza’; planta cultivada, *Justicia sp.*)
387. waka moxiki provoca fortes convulsões (e queda no fogo)
(lit. ‘hérnias de tatu-canastra’; bulbos de planta cultivada, *Cyperus sp.*)

Existe também uma série de plantas de feitiçaria associadas a animais “imitados” pelas vítimas durante episódios de delírio febril: *hwëri ara a* (lit. ‘feitiço arara’), *paxo hana kī* (lit. ‘folhas cuatá’, *Justicia sp.*), *xama hana kī* (lit. ‘folhas anta’), *xoko hana kī* (lit. ‘folhas tamanduá-mirim’), *tihī hana kī* (lit. ‘folhas onça’, *Caladium sp.*), *yawere mamokasi kī* (lit. ‘[planta] pálpebras de preguiça’, *Cyperus sp.*), *yoyo hana kī* (lit. ‘folhas sapo-cururu’).

Existem, ainda, algumas plantas usadas especificamente para a ‘feitiçaria de pegada’ (*maẽ*):

388. kawahi kiki provoca uma insensibilidade dos membros inferiores (lit. '[plantas] peixe elétrico'; bulbos de planta cultivada, *Cyperus sp.*)
389. koroxo kiki provoca fortes dores nas pernas e paralisia das articulações do joelho (bulbos de planta cultivada)
390. motore amo siki provoca infecção nas pernas, marcadas por linhas vermelhas (linfangite?) (bulbos de planta cultivada)
391. waripo a provoca lesões purulentas nas pernas (bulbo de planta cultivada) Pode ser também jogada no fogo para causar “fumaças-epidemias”; provoca, neste caso, febre alta e descamação. (ver abaixo a parte “Epidemias”, página 114).
392. yoporo a provoca a proliferação de pústulas ou abscessos nas pernas (bulbo de planta cultivada, *Caladium sp.*).

Existe, enfim, uma série de plantas e substâncias de feitiçarias usadas entre homens e mulheres nos conflitos amorosos (ciúme, rejeição, assédio, *etc.*) para causar afecções cutâneas desagradáveis (prurido) e/ou inestéticas (depigmentação, coloração).

Trata-se principalmente de: [homens:] *uxi hiki* e *kramo siki* (pó de algas), *naxoko siki*, *hwaha xiki*, *koromoxi kiki* e *yoasi* (pó de insetos); [mulheres:] *tapra kiki* (bulbos de planta cultivada, *Caladium sp.*).

Ataques de espíritos xamânicos

Os xamãs de aldeias longínquas têm a reputação de ‘devorar’ as crianças sob a forma de espíritos xamânicos agressivos. Diz-se que estes espíritos podem também engravidar as mulheres, provocando o

nascimento de crianças natimortas e o óbito das parturientes; ou ainda, que eles agridem mulheres grávidas, matando, assim, mães e fetos.

Os espíritos auxiliares usados no xamanismo de agressão são as ‘imagens’ de espíritos maléficos *ně wārī* como *Koimari*, *Kamakari*, *Xināromari*, etc. Ver abaixo, página 103, sobre esses espíritos maléficos.

Sobre o xamanismo agressivo, ver acima, na introdução, a parte “Interpretação da doença. Etiologias”, página 47.

Sobre o xamanismo terapêutico, ver acima, na introdução, a parte “Interpretação da doença. Curas”, páginas 49-51, e, abaixo, a parte “As terapêuticas. Cura xamânica”, páginas 154-159.

393. *hekura* espírito xamânico (também: *xamã*) (palavra mais usada na língua Yanomami ocidental; ver abaixo *xapiri*, o seu equivalente no Yanomami oriental)
394. *Koimari* espírito maléfico celeste associado ao gavião *koikoioma* (*Herpetotheres cachinnans*)
É o espírito maléfico mais frequentemente mencionado no xamanismo agressivo; ‘corta’ a ‘imagem essencial’ de suas vítimas com terçado e/ou põe no seu pescoço um fio de algodão em chamas.
Koimarini a xëprarema “Foi o espírito gavião *Koimari* quem o matou.”
Koimari ihurupë e kuonoa “É uma criança feita pelo espírito *Koimari* (sem a gente saber).” (criança natimorta)
395. *koi-a-i* atacar alguém (geralmente uma criança) com espíritos xamânicos maléficos (genérico)
xapiri pëni a koiarenoahe “Espíritos xamânicos agrediram-no (sem a gente perceber).”

396. *xapiri* espírito xamânico (também: *xamã*)
- xapiri pë ixorayonoa* “Espíritos xamânicos maléficos acabaram de atacar (sem a gente perceber).”
- xapiri pë õno kuonoa* “É a marca de espíritos xamânicos maléficos.”
- xapiri pëni a maniprarenoahe* “Espíritos xamânicos maléficos acabaram de ‘cortá-lo’ (sua ‘imagem essencial’) (sem a gente perceber).”
- xapiri pëni a tēhurunoahe* “Espíritos xamânicos maléficos acabaram de levá-lo (sua ‘imagem essencial’) para longe (sem a gente perceber).”
- xapiri pëni a temahe* “Espíritos xamânicos maléficos pegaram-no (sua ‘imagem essencial’).”
397. *xapiri hu-u* deslocar-se sob forma de espírito xamânico (geralmente agressivo)
- a xapiri huu mahi* “Ele viaja muito como espírito xamânico (para devorar vítimas).”

Ataques ao ‘duplo animal’

Sobre o ‘duplo animal’ *rĩxĩ*, ver acima, na introdução, a parte “Interpretação da doença. Corpo e pessoa, doença e morte” e “Etiologias”, páginas 44 e 47.

398. *pahe-pra-i* cair e perder seu ‘duplo animal’ (criança)
- a paheprariono* “Ele caiu e seu ‘duplo animal’ foi embora (sem ninguém perceber).”

399. raka-mo-u sentir uma dor interna aguda e súbita quando o seu 'duplo animal' foi flechado
- a rakamorayoma* "Ficou com a dor do seu 'duplo animal' ferido."
- ya rakamoa tikorayoma* "Que desgraça ! Estou sentindo a dor do meu 'duplo animal' flechado."
400. yaro rĩxĩ 'duplo animal' (sinônimos de rĩxĩ)
- yaro
- yaro rĩxĩ a xëpraremahe* "Mataram o 'duplo animal' (dele)."
- yaro a yai kuoma* "Foi realmente o seu 'duplo animal' (que foi afetado)."
- rixiha pēt^ha yāpohe* "Estão mantendo o seu 'duplo animal' amarrado."
401. yaro-mo-u ficar doente quando o seu 'duplo animal' for atingido
- ya yaromorayoma* "Fiquei doente por causa do meu 'duplo animal'."

Ataques de espíritos maléficos

Sobre os espíritos maléficos, ver acima, na introdução, a parte "Interpretação da doença. Etiologias", página 47.

402. kaxari-mo-u ficar doente por causa do espírito maléfico *Kaxari* (ver 407)
- ya kaxarimorayoma* "Fiquei doente por causa do espírito *Kaxari*."

403. mahi riori-mo-u ter um abscesso na frente da planta do pé (atribuído a uma perfuração provocado pelo espírito *Riori* no tempo da chuva, ver 417)
O abscesso forma-se geralmente depois de se retirar um espinho do pé (na estação da chuva, a planta do pé amolecida é mais vulnerável). A ‘agulha sobrenatural’ de *Riori* (*Riori a nē rihi upē*), que se supõe seja a origem do abscesso, é retirada numa cura xamânica.
- ya mahi riorimorayoma* “Meu pé ficou com um furo do espírito *Riori*”
404. nē wārī espírito maléfico (genérico) (também: mal, doença)
- nē wārī kiki conjunto dos espíritos maléficos
- nē wārīni a ixorayoma* “Um espírito maléfico atacou-o (sua ‘imagem essencial’).”
- nē wārīni a tehuruma* “Um espírito maléfico levou-o (sua ‘imagem essencial’) para longe.”
- nē wārīni a tema* “Um espírito maléfico pegou-o (sua ‘imagem essencial’).”
- nē wārīni a xëprarema* “Um espírito maléfico matou-o (sua ‘imagem essencial’).”
- nē wārīni a warema* “Um espírito maléfico devorou-o (sua ‘imagem essencial’).”
405. yai t^hë ente sobrenatural, invisível (genérico) Nesse sentido opõe-se a *yanomae t^hë*, ‘ser humano’ e *yaro*, ‘animal de caça’. Significa, também, ente desconhecido, não nomeado; coisa não comestível, imprestável.

*yai t^hë kutaeni,
a nomãimi*

“Trata-se de um ente sobrenatural,
por isso, é imortal.”

*yai t^hë! wa t^hë
wano mai!*

“É uma coisa desconhecida/não
comestível! Não coma isso!”

Geralmente, cada nome de espírito (terminado em *-ri*, como todos os entes sobrenaturais) designa, ao mesmo tempo, uma classe de espíritos do mesmo tipo.

O número de espíritos maléficos registrados na pesquisa é grande demais (acima de cinqüenta) para que todos sejam listados aqui. Apenas mencionaremos os mais freqüentemente evocados:

406. Kamakari

espírito maléfico celeste; são-lhe atribuídas dores profundas, agudas e latejantes na cabeça (dentes, olhos, ouvidos) e nas juntas (braços, pernas, mãos)

Este espírito é também associado às cinzas dos xamãs mortos que o usavam como espírito auxiliar no xamanismo agressivo.

*Kamakarini ware
na ki wai*

“O espírito *Kamakari* ‘come’ meus dentes.”

407. Kaxari

espírito maléfico da lagarta *kaxa*; é-lhe atribuída uma sensação de roedura interna

Há vários outros espíritos lagarta associados aos mesmos sintomas: *Aputumauri*, *Mãyãri*, *Rãemiri*, *Wayawayari*, *Yoropori*, etc.

408. Krayari

espírito lagarta; são-lhe atribuídas coceiras ou perfurações infectadas nos pés (a lagarta em questão tem casulo urticante e pêlos rígidos)

409. Koimari espírito maléfico celeste usado essencialmente no xamanismo agressivo (ver acima 394)
410. Maarikari espírito maléfico da chuva; tira o calor do corpo e provoca inchações dos testículos ou inflamação dos lábios da vulva
411. Mot^hokari espírito maléfico do sol que ‘devora’ suas vítimas de uma maneira sanguinária; são-lhe atribuídas febres mortais
412. Ōkarimari espírito maléfico sucuri que copula com as mulheres (são-lhe atribuídos abortos, crianças natimortas e óbitos de parturientes) e sodomiza os homens (é-lhe atribuída a presença de sangue e pus na urina)
413. Omamari espírito maléfico da floresta que caça os humanos encontrados na mata; são-lhe atribuídas febres altas
414. Omoari espírito maléfico do tempo da seca que empurra com violência as pessoas encontradas na mata ou capturá-las para assá-las e comê-las; são-lhe atribuídas febres mortais
415. Porepatari espírito dono do curare que caça sem parar na mata, onde flecha os humanos com suas pontas envenenadas; são-lhe atribuídas doenças graves com fortes dores internas
416. Poreporeri espírito fantasma das áreas de mata queimada onde empurra os humanos que encontra; são-lhe atribuídas doenças graves com perda da consciência

417. Riori espírito maléfico das cheias que se desloca nos rios profundos e fura com uma lança as pessoas que encontra nas margens
Seu corpo é preto, peludo e coberto de pus; aplica seus pêlos pubianos às feridas de suas vítimas, causando infecções.
418. Ruërikari espírito maléfico do tempo nublado que flecha os humanos encontrados na mata; são-lhe atribuídas doenças graves com fortes dores internas
419. Titiri espírito maléfico da noite e da escuridão que morde os rins das pessoas dormindo sem fogo, copula com mulheres e homens provocando inflamações vaginais e anais e aplica seus pêlos pubianos à pele de suas vítimas, causando infecções
420. Toorori espírito maléfico do tempo da chuva que captura e come as pessoas encontradas na mata, fervendo-as numa grande panela
421. Wakari a nē mōeri-pë Mōeri ‘espírito maléfico tatu-canastra das vertigens’
Uma fumaça opaca sai de seu corpo, deixando os humanos que encontra com vertigens. Mora com os espíritos *Mot^hokari* e *Omoari*.
422. Weyaweyari espírito maléfico do entardecer que pega as crianças em seus braços e mantém-nas cativas; é-lhe atribuído o estado dos bebês doentes que ficam agitados e com insônia, recusando o seio

423. Xiã ãxiri espírito maléfico borboleta que vive perto das poças d'água onde captura os humanos no verão para comê-los; são-lhe atribuídas doenças graves
424. Xinãromari espírito maléfico do algodão que vive nas águas
Quando sai à tarde na floresta captura os humanos para sodomizá-los e arrancar suas peles; são-lhe atribuídas afecções onde o doente tem inflamação cutânea generalizada e febre alta
425. Xuukari espírito maléfico que deixa escorrer do céu um líquido patogênico ('a diarreia do espírito do céu', *Hutukarari a nẽ xuukaripẽ* ou *hutukara a nẽ xuupẽ*), provocando epidemias de diarreia entre os humanos
426. Yãpimari espírito maléfico do verão que captura e come suas vítimas; são-lhe atribuídas doenças graves

A agressão às mulheres por espíritos maléficos é tida, da mesma maneira que os ataques de espíritos xamânicos (ver acima), como a origem de dificuldades no parto e da morte e/ou malformação dos fetos:

Titirini a xit^hemaki hupërema yaro, ihuru a hõkõa

“*Titiri* tocou a sua barriga (na altura do útero), (por isso) a criança está presa.”

Õkarimarini a ixorayoma yaro, t^hë waximi hwapema, yai t^hë ihirupë kutaeni

“*Õkarimari* atacou (a criança), (por isso) nasceu morta, é filho de um ser sobrenatural.”

Fetos ‘amarelados’, ‘alaranjados’, ‘com manchas brancas ou pretas’, ‘cobertos de pêlos’, ‘sem braços’, ‘com o ânus tapado’, *etc.* são atribuídos às copulações invisíveis de *Õkarimari*.

Quebra de proibições alimentares (e outras)

Ver a parte “Afeções e características da pele”, página 89, para algumas outras conseqüências de proibições alimentares.

427. aka horere (criança) ter sapinhos por causa de uma quebra de proibição alimentar sobre peixes na gravidez da mãe. Diz-se que ‘o peixe come a língua da criança’: *yurini aka wai*.

pei aka horere mahi “Sua língua tem muitos sapinhos.”

Os peixes proibidos são: ‘piabas’ (*yaraka asipë*), ‘piranhas’ (*takri pë*), ‘pirararas’ (*harana pë*), ‘traíras’ (*maxapaxi pë*), ‘surubins’ (*kurito pë*).

Muitas mortes de recém-nascidos são também atribuídas a esta quebra de proibições alimentares durante a gravidez. Nestes casos, ouve-se:

yurini a xëprarema “O peixe matou-o (logo depois do nascimento).”

yurini a maniprarema “O peixe cortou-o.”

yurini a ixorayoma “O peixe atacou.”

428. aka pora axi-mo-u (criança) ter sapinhos por causa de uma quebra de proibição alimentar de sementes de cabaça *poraxi* (*Posadaea sphaerocarpa* Cogn.) torradas durante a gravidez da mãe

pei aka pora aximorayoma “Sua língua tem sapinhos.”

429. hit^hore a ente parecido como um tamanduá-mirim que se forma na barriga de quem quebra proibições alimentares durante o ritual pós-guerra *ōnokaēmou* Diz-se que a vítima morre com extrema inchação na barriga.
430. hit^hore-pē-i ter extrema inchação da barriga, morrer com a barriga estourada
a hit^horepērayoma “Morreu com a barriga estourada.”
431. kahiki xami wayo ter a boca contaminada (durante resguardos rituais ligados a sangramentos: menstruação, pós-parto, guerra)
kahiki xami wayo tēhē wa hoximaprario “Quando se está com a boca contaminada (por não respeitar uma proibição alimentar) se passa mal.”
432. mamō ki aputuma-mo-u (criança) ter infecção dos olhos por causa de uma quebra de proibição alimentar das lagartas *aputuma* (larvas de Sphingidae) durante a gravidez da mãe
pei mamō ki aputumamou “Ele tem olhos infeccionados.”
433. moxiki hérnia inguinal (associada ao fato de comer cará, mamão, piquiá, etc. durante resguardos ligados a sangramentos)

As hérnias inguinais, freqüentes nas pessoas idosas, são consideradas sinal de velhice e julgadas extremamente inestéticas: são motivo de vergonha, além de queixas de dores nas pernas e nas costas.

434. moxiki-mo-u ter hérnia inguinal
a moxikimorayoma “Ficou com hérnia inguinal.”

435. oko nat^he-mo-u ter mastite (inflamação de mama associada ao fato de comer ovos de caranguejo)
Cura-se esquentando o seio e espremendo-o acima do fogo.
ya oko nat^hemorayoma “Fiquei com mastite.”
436. waka-mo-u ter orquite (inflamação dos testículos associada ao fato de dormir sem fogo)
ya wakamoa tikorayoma, “Que desgraça! Fiquei com orquite porque estava dormindo sem fogo.”
ruëri ya pirio tēhë
437. waxia-i sofrer uma penalidade após uma infração ritual (durante resguardos de guerra, menstruação ou pós-parto), seja uma proibição alimentar (dores internas) seja de contato (ferida que não sara)
t^hë waxiai! “(Cuidado) tocar isso contamina!”

As seguintes penalidades são também associadas ao comer carne mal cozida:

- ya hriki waxiarena,* “Fiquei com as costas/área lombar machucadas, não consigo ficar acororado.”
ya rooproimi
- xamani ware hriki* “A anta machucou (mordeu)
waxiarena as minhas costas/área lombar.”
(wahikiprarema)
- paxoni ware hwasipë* “O macaco machucou (mordeu)
waxiarena as minhas costas/omoplatas.”
(wahotoprarema)

438. *xit^hemaki mapia-mo-u* (criança) dores de barrigas por causa de uma quebra de proibição alimentar das larvas *mapia* durante a gravidez da mãe (grandes larvas brancas encontradas nos troncos podres de certas palmeiras)

*pei xit^hemaki
mapiamorayoma*

“Ele tem dores de barriga (embaixo do umbigo).”

439. *yaro kuayopra-i* pequeno ritual de descontaminação da carne submetida à proibição alimentar (passa-se um pedaço de mão em mão ao redor da cintura) Os idosos fazem essa manipulação com a carne de anta para evitar dores nas costas.

440. *yuri nat^he-mo-u*

ter uma inflamação do músculo da perna (associada, para os homens, ao fato de comer ovos de peixe)

*ya mat^ha yuri
nat^hemorayoma*

“Estou com inflamação na panturrilha.”

Epidemias

Geral

441. *ĩra-o* contagiar-se, contaminar-se, pegar
he hu-o uma doença de alguém
- mihami! wa ahetono mai!* “Cuidado! Não se aproxime!
wa ĩraki! Você vai se contaminar!”
- mihami! wa he huki!* “Cuidado! Você vai se contaminar!
wa përayou! Vai adoecer!”
- mihami! te he huamãi!* “Cuidado! Isto contamina!
t^hë pëmãi! Isto faz adoecer!”

442. *ně ai-pě a wai* epidemia que faz perder os sentidos (lit. ‘mal potente que faz virar outro’; *wai* significa ‘poderoso, perigoso’)
443. *rãã a wai* doença perigosa, doença epidêmica,
rããra a wai epidemia (genérico)
ně wãrĩ a wai
444. *waiwai* mal epidêmico, epidemia (genérico)
445. *wai ihi-o* carregar, trazer uma doença contagiosa
- waiha ai t^hě pě huuwini* “Mais tarde outras pessoas que virão
wai ihia kōpihe trarão de novo uma doença contagiosa.”
446. *wai te-i* pegar, levar uma doença contagiosa
ai a wai tei tēhě “Quando pegarem outra doença
kaē kopihe contagiosa, eles chegarão com ela.”
447. *xawara* epidemia (genérico)
xawara a wai
448. *xawara wakëxi* ‘fumaça-epidemia’, epidemia (genérico)
449. *xawara-mo-u* estar afetado por uma epidemia
rããra a ně wai kuopě? “Não será uma doença epidêmica?
ya xawaramoa Que desgraça! Fui contaminado por
tikorayoma uma epidemia.”
450. *Xawarari* espírito da epidemia
451. *ya-i* iniciar (lit. ‘botar no fogo’) uma
he ya-i epidemia colocando no fogo plantas/
substâncias de feitiçaria ou objetos dos brancos
- xawara a wai ně kuopě?* “Não será uma epidemia? Os brancos
napě pēni yama ki ‘jogaram no fogo’ (uma epidemia)
he yaremahe contra nós.”

Antes do contato direto com os brancos, as epidemias propagadas de grupo em grupo eram geralmente atribuídas a feiticeiros inimigos *oka* (Yanomami ou oriundos de grupos vizinhos) acusados de ter jogado no fogo plantas e/ou substâncias patogênicas.

Tinha-se, assim, epidemias ‘de casca de tatu-canastra’ (*waka husi wai*), de ‘ossos de tatu-canastra’ (*waka upë marō wai*), de ‘folhas da sede’ (*amixi hana wai*), ‘de planta *waripo*’ (*waripo wai*), de ‘entrada de ninho de abelhas *makuyuma*’ (*makuyuma oraka wai*) ou ‘de veneno de peixe *Phyllanthus brasiliensis*’ (*paraparahi wai*), etc.

Como vimos acima (425), existia, também, uma forma de epidemia de diarreia atribuída a um espírito maléfico do céu, *Xuukari* (‘espírito diarreia’).

Sobre objetos e máquinas dos brancos e epidemias, ver a parte “Interpretação da doença”, página 48.

Nomes de epidemias

- | | |
|--|---|
| 452. aka nini a wai | epidemia de monilíase oral (sapinhos)
(lit. ‘epidemia de dor de língua’) |
| 453. hura a wai
marari a wai | epidemia de malária
(lit. ‘epidemia de baço’) |
| 454. hūxu a wai | epidemia de coriza
(lit. ‘epidemia de muco nasal’) |
| 455. katapora a wai | epidemia de catapora, de varicela |
| 456. kutupuma a wai | epidemia de caxumba
(lit. ‘epidemia de garganta’) |
| 457. mamō wai a wai
mamō waiwi t ^h ë a wai | epidemia de conjuntivite.
(lit. ‘epidemia de mal de olho’ ou ‘da coisa que come o olho’) |
| 458. orahima a wai | epidemia de meningite
(lit. ‘epidemia de pescoço’) |
| 459. sarapo a wai | epidemia de sarampo |

460. si hukuku a wai	epidemia de afecção da pele (lit. 'epidemia de descamação cutânea')
461. t ^h oko a wai	epidemia de gripe, de coqueluche (lit. 'epidemia de tosse')
462. tuhre a wai	epidemia de gastroenterite (lit. 'epidemia de vômito')
463. warasi a wai	epidemia de impetigo (lit. 'epidemia de feridas')
464. xiki waprama a wai xipë iyëma a wai	epidemia de disenteria (com sangue) (lit. 'epidemia comedora dos intestinos' e 'epidemia de fezes com sangue').
465. xuëma a wai	epidemia de infecção intestinal (lit. 'epidemia de inchaço')
466. xuhuti a wai	epidemia de afecção cutânea (sarna, escabiose) (lit. 'epidemia de coceira')
467. xuu a wai	epidemia de diarréia (sem sangue)
468. yëmaka ki wapo a wai	epidemia de otite (lit. 'epidemia comedora do ouvido')
469. yuu a wai	epidemia de furunculose

DESCRIÇÃO DOS SINTOMAS

Geral

470. haari	passar mal
<i>t^hë haari kerayou kure</i>	"Caiu enquanto passava mal."
471. imi ki pore-mo-u	ter as mãos trêmulas
<i>ya imi ki poremorayoma</i>	"Fiquei com as mãos trêmulas."

472. kahiki kōaimi ter a boca amarga
 ya kahiki kōaimi “Estou com a boca amarga.”
473. kahiki t^het^he ter a língua pesada
 ya kahiki t^het^he “Estou com a língua pesada.”
474. kahiki totiho-u ter bom apetite
 a kahiki totihou t^ha? “Ele está com bom apetite?”
475. kahiki yāreke estar com a boca pastosa
 ya kahiki yāreke “Estou com a boca pastosa.”
476. kasi pote ter a boca sem gosto (entorpecida)
 kahiki oke
 ya aka wehe, “Estou com a língua seca,
 ya kasi poterayoma minha boca ficou entorpecida.”
477. mahiā-ī ficar muito doente, ficar pior
 mahi-pra-ī
 mahi-tu
 ya mahiprarioma, “Fiquei pior,
 urihi ya taaimi nem vejo a floresta.”
478. mo hwetu-hwetu-mo-u mexer-se sem parar na rede (insônia,
 mo hwetu-ho-u doença, dor)
 a mo hwetuhwetumou “Ele ficou se mexendo na rede sem
 kupēni parar.”
479. nē ai-pē sentir-se fora do normal (lit. ‘ficar
 outro’), ter as suas sensações normais
 alteradas (dor, doença, alucinógenos),
 passar mal.
 ya nē aipēa tikorayoma “Que desgraça! Estou me sentindo
 fora do normal.”

Esta expressão pode também ser usada para descrever uma sensação de estranheza numa parte do corpo, por exemplo:

- | | | |
|------|--|--|
| | <i>ya pariki në aipë</i> | “Eu tenho uma sensação esquisita no peito.” |
| 480. | <i>nëhë ma-pra-i</i> | ficar inteiramente tomado por uma doença |
| | <i>ya nëhë maprarioma,</i>
<i>ya mahi</i> | “Estou completamente tomado, estou muito mal.” |

Usa-se também, neste caso, a expressão:

- | | | |
|------|--------------------------|---|
| | <i>ya ãũxi nëhë mi</i> | “Estou sentindo o interior do meu corpo todo doente.” |
| 481. | <i>në kirihi</i> | ter uma sensação de estranheza assustadora |
| | <i>ya në kirihi mahi</i> | “Estou me sentido muito estranho.” |

Esta expressão pode ser também usada com nomes de partes do corpo:

- | | | |
|------|--|---|
| | <i>ya heki në kirihi</i> | “Tenho uma sensação assustadora na cabeça.” |
| 482. | <i>nomã-i</i> | passar mal, estar morrendo (também: estar sob efeito de alucinógenos) |
| | <i>ya nomãi, ya taamoimi</i> | “Estou passando mal. Não estou vendo mais nada.” |
| 483. | <i>nomã-i pihì totihi</i>
<i>nomã-i totihi</i> | ‘querer’ ficar sempre doente, estar sempre doente |
| | <i>a nomãi pihì totihi</i> | “Ele fica sempre doente.” |
| | <i>kuraha a nomãi</i>
<i>pihi ka rë totihi!</i> | “Ele está realmente sempre doente!” |

484. *pariki pesisi* magro, de costelas à vista
pariki pesisi mahi “Ele está muito magro.”
485. *pihi hehu-a* sentir-se mal
(lit. ‘com a consciência fechada’)
ya pihi hehua “Estou me sentindo mal”
486. *pihi huë-a* sentir-se mal
(lit. ‘a consciência agarrada’)
ya pihi huëa “Estou me sentindo mal.”
487. *pihi komi* sentir-se mal
(lit. ‘com a consciência tapada’)
ya pihi komi nē kirihi “Estou me sentindo mal de uma
maneira assustadora.”
488. *pihi ma-pra-i* perder a consciência
pihi ma-pra-o
pihi maprakema “Ele perdeu a consciência.”
pihi mapraohuru rē kini “Ele acabou de perder a consciência.”
489. *pihi mohoti* perder as sensações numa parte do
pihi mi corpo
ya poko pihi mohoti “Não estou sentindo mais o meu
nē kirihi braço, é assustador.”
490. *pihi nē ai-pë* sentir-se mal, ficar com sensações
estranhas
ya pihi nē aipërioma “Estou me sentindo mal.”
491. *pihi si wai-pra-i* sentir-se mal, com ouvidos tapados e
sensações alteradas
(lit. ‘a consciência ficando silenciosa’)
ya pihi si waiprarioma “Estou me sentindo mal.”

492. pihi taaimi
pihi taamoimi
pihi si waihi
urihi taamou nē kirihi,
ya pihi taaimi estar fora da consciência normal
“Estou vendo a floresta de um jeito assustador, estou fora da consciência normal.”
493. pihi xë-a
ya pihi xëa sentir-se mal
(lit. ‘a consciência batida’)
“Estou me sentindo mal.”
494. pore-mo-u
ya poremorayoma ficar num estado de consciência alterado (dor, doença, alucinógenos), passar mal
(lit. ‘agir como fantasma’)
“Fiquei muito mal.”
495. pore-pë
a porepë moxi tukema estar num estado de consciência alterado (dor, doença, alucinógenos)
(lit. ‘estar como fantasma’)
“Ele se afogou enquanto estava num estado de consciência alterado.”
496. rããra a waĩsipë-o tēhë começo de uma doença
(lit. ‘quando a doença é pequena’)
497. rããra a taro-o tēhë agravamento da doença
(lit. ‘quando a doença vai na profundezza [do corpo]’)
498. sio-mo-u
a siomou xi wãĩprou ter insônia
“Estou com insônia que não acaba.”
499. si t^homo-pë
si t^het^he
ya mat^ha si
t^homopërarioma ficar adormecido (braço, perna)
“Estou com a perna adormecida.”

500. ũūxi nomã-i sentir-se muito doente
(lit. ‘ter o interior morrendo no fundo’)
ya ũūxi nomaa “Estou me sentindo muito doente e
tarorayoma estou piorando.”
501. ũūxi rãã-mo-u ficar doente
(lit. ‘o interior do corpo adoecendo’)
ya ũūxi rããmou “Estou começando a ficar doente.”
imatayou
502. waĩtaro-pë emagrecido, em má condição física
a waĩtaropë mahi “Ele está muito emagrecido.”
503. waximi estar cansado, estar desmaiado
(também: estar morto)
ya waximi mahi “Estou muito cansado.”
a waximi kerayoma “Caiu desmaiado.”
a waximi praa “Está desmaiado no chão.”
504. xi hari-pro-u ficar nervoso, agitado, fora de si
a xi hariprou rë kurani! “Ele está ficando fora de si!”
505. xi harihi estar nervoso, agitado, fora de si
a mahi yaro, a xi harihi “Ele está muito mal, por isso
está muito agitado.”
a xi harihi në kirihi “Ele está agitado de um modo
assustador.”

Sensações de dor

Geral

506. nini sentir dor (genérico ou parte do corpo)
t^hë nini mahi “Dói muito.”
ya nini nëhë mi “Estou com dores em toda parte.”
ya mamó ki nini “Estou com dor nos olhos.”

507. nini a taro-o tëhë agravamento da dor
(lit. 'quando a dor vai à profundidade
[do corpo]')
508. nini a waĩsipë-o tëhë começo da dor
(lit. 'quando a dor é pequena')
509. nini pore-mo-u sofrer muito, ficar com uma dor intensa
ya nini poremoa "Acordei com uma dor intensa."
harurayoma
510. rãã-mo-u gemer de dor (também: ficar doente)
a rããmou "Está gemendo de dor."
511. rakaimi sentir uma dor interna aguda
(difusa ou localizada)
ya rakaimi "Que desgraça! Uma dor aguda
xatia tikoprarioma 'fincou-se' em mim."
ya ũũxi rakaimi "Estou com dores dentro do corpo."
ya hrìkì (mat^ha kì) "Estou com dores na região
rakaimi mahi lombar (nas pernas)."
512. tisi monehe diminuir (dor)
hwei tëhë tisi "Agora a dor está diminuindo."
monehea imatayou
513. wa-i ter a sensação de 'ser devorado'
(genérico ou parte do corpo)
(também: comer [transitivo], copular)
taroha ya wai prauku "Tenho a sensação de ser
'devorado' no interior do corpo."
ya ũũxi wai nëhë mi "Tenho a sensação intensa de ser
'devorado' em todo o interior do
corpo."
514. witi-i ter uma sensação de 'mordida' numa
parte do corpo
ya poko witiì "Tenho uma sensação de 'mordida'
no braço."

515. wāxikā-ī ter uma sensação de ‘mastigação’
numa parte do corpo
ya xiki wāxikia haruri “Acordei com uma sensação de
kini mastigação nos intestinos.”
516. xopoha-ī diminuir (dor)
hwei tēhē t^hē xopohoa “Agora, a dor está diminuindo.”
imatayou
- Musculares
517. kaxu-u ter fadiga muscular por causa de
esforço
(genérico ou parte do corpo; também
usado para expressar fome)
ya kaxukema “Fiquei cansado (do esforço).”
ya poko kaxukema “Fiquei com dores e cansaço no
braço.”
ya ohi kaxukema “Fiquei com fome.”
518. tura-mo-u ter cãibra
ya mat^ha turamorayoma “Fiquei com cãibra na perna.”
519. wakiki ter sensação de irritação e tremedeira
nos músculos
(genérico ou parte do corpo)
ya ūūxi wakiki mahi “Estou com uma intensa sensação de
irritação e tremedeira no corpo.”
ya poko wakiki “Tenho sensação de irritação
e tremedeira nos músculos do braço.”
520. waihi ter dores musculares agudas devido
a esforço excessivo
(genérico ou parte do corpo)
ya waihirarioma “Estou com todos os músculos
doloridos.”
ya poko ki waihi “Estou com dores nos músculos dos
braços.”

529. si wakë prakoko ter linhas vermelhas na pele (coceira)
ya si wakë prakoko “Tenho tantas linhas vermelhas na
në kirihi pele que dá medo.”
530. xi toaha ter sensação de irritação nervosa na
pele (também: ter orgasmo, ficar
eufórico)
ya xi toaha mahi yaro, “Tenho uma forte sensação de
ya mipronimi irritação nervosa na pele, por isso não
dormi.”
531. xuhuti ter uma sensação de coceira forte
ya si xuhuti mahi “Estou com muita coceira na pele.”
ya xuhuturarioma “Fiquei com muita coceira.”

Cefaléias

532. heki ropehe ter uma forte cefaléia (com dor atrás
dos olhos)
ya heki ropehe mahi “Estou com muita dor de cabeça.”
533. heki paroho ter uma forte cefaléia (genérico)
ya heki paroho “Tenho muita dor de cabeça.”
534. heki heayu ter uma cefaléia (média)
ya heki heayu “Estou com dor de cabeça.”
535. hemakasi ihe ter uma forte cefaléia (com dores atrás
do crânio; lit. ‘ter a nuca desmanchada’)
ya hemakasi ihe “Estou com uma dor de cabeça muito
në kirihi forte.”

Fraqueza e vertigens

536. hayasi-pë ter membros fracos, entorpecidos e
trêmulos
ya mat^ha ki hayasipë “Estou com pernas fracas.”

537. *mamo ki ximõre* ter uma sensação giratória (vertigem)
(lit. 'ter os olhos girando')
- ya mamo ki ximõre* "Estou com uma sensação de vertigem."
538. *mõe-mo-u* estar com vertigem
- ya mōemorayoma* "Estou com vertigem."
539. *mõe-pë* ter uma sensação de vertigem
- ya mōepë* "Estou com sensação de vertigem."
540. *nosi* sentir-se fraco ('mole', 'gasto',
uutiti 'maduro')
tate
- ya nosi nē kirihi* "Estou-me sentindo mole de um jeito assustador."
541. *nosi-pra-i* enfraquecer, ficar 'mole'
- ya nosiprarioma* "Fiquei fraco."
542. *oxeoxe-mo-u* andar de pernas frouxas (por fraqueza)
- ya oxeoxemou xoa* "Ainda estou andando com pernas frouxas."
543. *pariki uutiti* ter uma sensação de fraqueza
pariki waximi (lit. 'ter o peito fraco' ou 'ter o peito cançado')
- ya pariki uutitiprarioma* "Fiquei fraco."
ya pariki waximiprarioma
544. *pihi hai-mo-u* ter uma sensação de mal-estar, de grande fraqueza
- ya pihi haimou* "Tenho uma sensação de grande fraqueza."
545. *pihi kaë riaria* ter uma sensação de oscilação/
vacilação (vertigem)
- ya pihi kaë riaria* "Tenho uma sensação de vertigem."

546. pihī kaē yatiyati ter uma sensação de tremor
(vertigem)
ya pihī kaē yatiyati “Tenho uma sensação de vertigem.”
547. pihī mōe-pē ter uma sensação de vertigem
ya pihī mōepērarioma “Tenho uma sensação de vertigem.”
548. pihī t^haka yakē-a ficar com sensação de fraqueza
intensa, de vazio interno
ya pihī t^haka yakē-a “Tenho uma sensação de fraqueza
intensa.”
549. pihī tiretire ter uma sensação de altura, de
vertigem
ya pihī tiretire “Tenho uma sensação de vertigem.”
550. pihī uutiti ficar com sensação de fraqueza
ya pihī uutitirarioma “Fiquei com uma sensação de
fraqueza.”
551. pihī wahē ter uma sensação de vazio, de
fraqueza
ya pihī wahē “Tenho uma sensação de fraqueza.”
552. pihī wawē ter uma sensação de vazio, de
vertigem
ya pihī wawē nē kirihi “Tenho uma sensação assustadora de
vazio.”
553. pihī yawē-a ter uma sensação de falta de energia
ya pihī yawēa “Estou com uma sensação de falta de
energia.”
554. rayoka-ī ficar enfraquecido, ficar mole
ya rayokai mahio “Fiquei muito enfraquecido.”
kupēni
ya porepē ta rayoka! “Estou ficando muito enfraquecido
pela doença!”

555. *taa-mo-u kenikeni* ver as coisas se mexerem (vertigem)
huu tihi pë taamou “Estou vendo as árvores mexerem-se.”
kenikeni
556. *uhutu* estar fraco de fome
ya uhuturayoma “Fiquei fraco de fome”
557. *uku oxeoxe* ter pernas fracas (articulações frouxas)
ya uku oxeoxe mahi “Estou com as pernas muito frouxas.”
558. *uku usi* ter pernas fracas (lit. ‘moles’)
ya uku usi “Tenho as pernas fracas.”
559. *ũũxi mi* ter uma sensação de vazio interno
ũũxi uutiti (lit. ‘não ter mais corpo interior’ ou ‘ter o corpo interior fraco’)
ya ũũxi mi mahi “Tenho uma sensação de grande fraqueza.”
ya ũũxi uutiti “Estou fraco.”
560. *ũũxi warara* ter uma sensação de vazio interno
(lit. ‘ter o corpo interior esburacado’)
ya ũũxi warara “Tenho uma sensação de grande fraqueza.”
561. *ũũxi proke* ter uma sensação de vazio interno
(lit. ‘ter o corpo interior vazio’)
ya ũũxi proke “Tenho uma sensação de grande fraqueza.”
562. *wĩxĩa wahë* falta de fôlego, ter uma sensação de vazio interno
ya wĩxĩa wahë “Estou sem fôlego.”

563. *yāhiki pore-pē* estar muito fraco
(lit. ‘com o corpo como fantasma’)
ya yāhiki porepērarioma “Fiquei muito fraco.”

Estados febris e convulsões

564. *hura-mo-u* ter malária
ya huramorayoma “Peguei malária.”
565. *mamo ki mosi poruhua-i* ter os olhos voltados para trás
a mamo ki mosi poruhurarioma “Ficou com os olhos voltados para trás.”
566. *na ki tēhētēhē-mo-u* bater os dentes (de frio e febre)
ya na ki tēhētēhēmou xi wārī “Não paro de bater os dentes.”
567. *ruarua-mo-u* agitar-se com pequenos movimentos espóradicos, estertores da morte
a ruaruamou “Está tendo os últimos movimentos antes da morte.”
568. *rīhirīhi-mo-u* ter convulsões (com agitação caótica, boca e nariz espumando) causadas por uma febre atribuída a uma planta de feitiçaria
a rīhirīhimou “Está com convulsões.”
569. *si saīhi* ter uma sensação externa de frio (com calor interno)
ya si saīhi mahi “Estou sentindo muito frio.”
570. *ūūxi yopi* estar com sensação de calor interno
ya ūūxi yopi “Estou com sensação de calor dentro do corpo.”

571. wahati
ya wahati sentir frio (também: frio)
“Estou sentindo frio.”
572. wakë tu-o
ya wakë tukema ter uma febre muito alta
“Estou queimando de febre.”
573. wat^hot^ho
ya wat^hot^hokema ter a febre (dor) baixando
(também: morno)
“Fiquei com febre baixa.”
574. xëkixëki-mo-u
a xëkixëkimou ter convulsões causadas por uma
febre alta (com desmaio repentino,
forte tremedeira dos membros e
espuma na boca e no nariz)
“Está com convulsões.”
575. yaporea-i
a yaporeai xi wãrĩ rolar no chão (convulsões ou excesso
de alucinógeno)
“Ele rola no chão sem parar.”
576. yatiyati-mo-u
xetixeti-mo-u
a yatiyatimou tremer, sentir calafrios de febre ou
fraqueza
“Ele está tremendo.”
577. yopi
ya yopi mahi estar com febre (também: quente)
“Estou com muita febre.”
578. yopi hwa-i
here hwa-i
a yopi hwai mahi suar, transpirar
“Ele está transpirando muito.”

Distúrbios respiratórios

579. ã hwa-i pĩrara-pra-i
*ya ã hwai
pĩraraprarioma* falar com uma voz rouca
“Fiquei com a voz rouca.”

580. aka t^haki nini ter dor de garganta
 ya kaē aka t^haki “Fiquei também com dor de
 ninirayoma garganta.”
581. etisia-mo-u espirrar
 ya etisiamou xi wārīprou “Estou espirrando sem parar.”
582. hērēhērēmo-u respirar com ritmo rápido, ter
 respiração ofegante
 a hērēhērēmou “Ele respira com ritmo rápido.”
583. hūka komi ter o nariz entupido
 ya hūka komirarioma “Fiquei com o nariz completamente
 entupido.”
584. hūxupē hwa-i ter o nariz escorrendo
 ya hūxupē eharaxi “Estou com o nariz escorrendo com
 hwaī uma coriza clara.”
585. moxi tu-o engasgar-se, sufocar, asfixiar,
 afogar-se
 pei a moxi tukema “Ele se engasgou (criança pequena).”
 pei moxi tuo imatayou “Ele está se engasgando (criança
 pequena).”
 pei moxi tukenoa “Ele se engasgou (criança pequena).”
 (sem a gente perceber)
 a moxi tuparioma “Ele se afogou (no rio).”
586. parīki huxi ter inflamação pulmonar (também:
 acidez no esôfago)
 ya parīki huxi “Estou com os pulmões irritados.”
587. parīki rakaimi sentir dores em pontada no peito
 hūrēkēhūrēkē-mo-u
 ya parīki rakaimi “Estou sentindo dores em pontada no
 hūrēkēhūrēkēmou peito.”

588. *pariki xēērexēēre-mo-u* ter uma respiração com chiado
ya pariki “Fiquei respirando com chiado.”
xēērexēēremorayoma
589. *t^hoko pē hoa-mo-u* expectorar catarro
ya t^hoko pē axi (iyë) “Expectorei catarro com pus
hoamoma (sangue).”
590. *t^hoko-mo-u* tossir, ter uma infecção respiratória
ya t^hokomorayoma “Fiquei com tosse.”
591. *ũreme hrohro-mo-u* ter respiração rápida com pulso
pariki hrohro-mo-u batendo na base da garganta
a ũreme hrohromou “Ele tem respiração rápida com pulso
batendo na garganta.”
592. *ũreme nanixi* ter a garganta ‘coçando’ (irritada)
ya ũreme nanixi “Estou com a garganta irritada.”
593. *ũreme xi popoho* ter a garganta ‘coçando’ (irritada)
ya ũreme xi popoho “Estou com a garganta irritada.”
594. *ũreme huxi* ter a garganta inflamada
ya ũreme huxi “Estou com a garganta inflamada.”
595. *wĩxĩa kohipë* ter dificuldade para respirar, perder
wĩxĩa yawëyawë-mo-u o fôlego
wĩxĩa yawë-ï
wĩxĩa kohipë “Ele tem dificuldade para respirar.”
wĩxĩa yawëyawëmou “Ele tem dificuldade para respirar.”
wĩxĩa yawëa imatayou “Ele está perdendo o fôlego.”
596. *wĩxĩa-mo-u* soprar quando se perde o fôlego
wĩxĩamou xi wãrĩ “Ele não pára de soprar para retomar
o fôlego.”

597. *wīxīa tihiti-pra-i* perder o fôlego (por causa de um golpe)
wīxīa hetato-a
wīxīa tihitiprario kini “Ele acabou de perder o fôlego.”
wīxīa he tatokema “Ele perdeu o fôlego.”
598. *wīxīa ukë-i* retomar o fôlego
hwei tēhë ya wīxīa “Acabei de retomar o fôlego.”
ukërayoma
599. *wīxīa wahëwahë* ter uma respiração fraca e ofegante
wīxīa wahëwahë “Ele tem uma respiração fraca e ofegante.”

Distúrbios gastro-intestinais

600. *amoku-u* ter dores intestinais, ‘dor de barriga’
(lit. dores ‘de fígado’)
ya amokurayoma “Estou com dores de barriga.”
601. *amoku hāt^hu-pra-i* ter uma dor aguda no abdômen
amoku yapre-pra-i (lit. ‘ter o fígado virado’)
amoku hamiri-pra-i
ya amoku hāt^huprarioma “Tenho muita dor de barriga.”
602. *amoku rakaimi* ter uma dor aguda no abdômen
(lit. ‘no fígado’)
ya amoku rakaimi “Fiquei com uma dor aguda no
xatiprarioma abdômen.”
603. *amoku nini* ter dores de barriga (lit. de ‘fígado’)
xiki nini (lit. de ‘intestinos’)
ya amoku nini “Estou com dores de barriga.”
604. *amoku yōriku-u* ter fortes dores intestinais
xiki yōriku-u (lit. ‘o fígado/os intestinos se
liquefazendo’)
ya amoku yōrikuu “Estou com o fígado se liquefazendo”

- | | |
|--|--|
| 605. amoku yoru-u
xiki yoru-u
ya <i>xiki yoruu</i> | ter fortes dores intestinais
(lit. 'o fígado/os intestinos fervendo')
"Estou com os intestinos fervendo." |
| 606. kahiki si uutiti
ya <i>kahiki si uutiti</i> | estar enjoado, ter vontade de vomitar
"Estou com vontade de vomitar." |
| 607. komoxi yoru-u
ya <i>komoxi yorurayoma</i> | estar enjoado, ter vontade de vomitar
"Fiquei com vontade de vomitar." |
| 608. pariki hōkihi
ya <i>pariki hōkihi</i> | ficar engasgado com comida no
esôfago
"Fiquei engasgado com comida." |
| 609. pariki huxi
ya <i>pariki huxi</i> | estar com acidez no estômago
subindo pelo esôfago (lit. 'no peito')
(também: irritação pulmonar)
"Estou com acidez vinda do
estômago." |
| 610. tuhra-i
ya <i>tuhrrayoma</i> | vomitar
"Vomitei." |
| 611. xiki wa-i
ya <i>xiki wai</i> | ter a sensação de ter os intestinos
'comidos'
"Tenho a sensação de que meus
intestinos estão sendo 'comidos'." |
| 612. xiki witi-i
ya <i>xiki witi mahi</i> | ter uma sensação de 'mordida' nos
intestinos
"Estou com uma sensação intensa de
'mordida' nos intestinos." |
| 613. xiki wāxikā-i
ya <i>xiki wāxikāi</i> | ter uma sensação de 'mastigação' nos
intestinos
"Estou com uma sensação de
mastigação nos intestinos." |

614. xipë ahĩ ter fezes pastosas (lit. ‘como lama’)
ya xipë ahĩ “Tenho fezes pastosas.”
615. xipë eharaxi ter fezes aquosas, diarréia líquida
 xipë amoku
ya xipë eharaxi xi wāri “Estou com diarréia sem parar.”
616. xipë hōko-a estar com prisão de ventre
 (lit. ‘fezes presas’)
ya xipë hōkōa “Estou com prisão de ventre.”
617. xipë iyë ter sangue nas fezes
ya xipë iyë “Estou com sangue nas fezes.”
618. xipë kohipë ter fezes duras
ya xipë kohipë “Estou com fezes duras.”
619. xipë moxi ter diarréia espumosa
ya xipë moxi “Estou com diarréia espumosa.”
620. xipë mokure ter diarréia com pedaços duros
ya xipë mokure “Tenho diarréia com pedaços duros.”
621. xipë orixi ter diarréia pegajosa
ya xipë orixi “Estou com diarréia pegajosa.”
622. xipë yāreke ter diarréia com muco
 xipë aniki (para as crianças)
ya xipë yāreke “Estou com diarréia pastosa.”
623. xuu-pë ter forte diarréia aquosa
ya xuu-përayoma “Estou com uma diarréia aquosa.”

Problemas de olhos e ouvidos

624. hipë-pë ser ou estar cego
ya hipëpërayoma “Fiquei cego.”
ya hipëpë “Sou/estou cego.”

625. *mamo hore* (ter) um olho branco
626. *mamo ki akere* (ter) estrabismo convergente
627. *mamo ki araha* (ter) estrabismo divergente
628. *mamo ki au* (ter) os olhos 'limpos', em bom estado, que enxergam bem
ya mamo ki au "Estou com bom olhos."
629. *mamo ki hraa-i* ter algo que arde nos olhos
ya mamo ki hraarema "Tenho algo que arde nos olhos."
630. *mamo ki titi-a* usar óculos
pë mamo ki titia "Eles usam óculos."
631. *mamo ki wai-pë* ter uma infecção ocular, ter conjuntivite
ya mamo ki waipërayoma "Fiquei com infecção ocular."
ya mamo ki waipë "Estou com infecção ocular."
632. *mamo ki wakë-i* ficar com os olhos avermelhados
ya mamo ki wakërarioma "Fiquei com os olhos avermelhados."
633. *taa-mo-u ĩrara* enxergar fora de foco
taa-mo-u pĩrara
t^hë taamou ĩrara "Estou enxergando fora de foco."
634. *yëmaka ki komi* estar surdo, ter o ouvido tapado
ya yëmaka ki komi "Estou com o ouvido tapado."
635. *yëmaka ki sĩĩri-mo-u* ter zumbindo nos ouvidos
ya yëmaka ki sĩĩrimou "Estou com zumbindo nos ouvidos."
636. *yëmaka ki homo-pra-i* ter os ouvidos que 'estouram' (que voltam a ouvir de repente depois de ficar tapados)
hwei tēhë ya yëmaka ki homoprarioma "Agora os meus ouvidos 'estouraram'."

Problemas odontológicos

637. kamakari xipë cáries (lit. ‘fezes do espírito *Kamakari*’, ver acima 406)
ya na ki kamakari xipë “Estou com cáries.”
638. kamakari maë cárie profunda (lit. ‘caminho de *Kamakari*’)
639. na ki asika-mo-u ranger os dentes
wa na ki asikamotino mai! “Não ranja os dentes!”
640. na ki ayakasi ter dentes quebrados
ya na ki ayakasi “Tenho os dentes quebrados.”
641. na ki ētē ter os dentes muito danificados (sujos e cariados)
na ki īxi
ya na ki īxi mahi “Tenho os dentes muito danificados.”
642. na ki hēt^ho pēka horara ter um espaço vazio na gengiva (onde falta um dente)
ya na ki hēt^ho pēka horara “Tenho um espaço na gengiva.”
643. na ki ihe ter dentes frouxos
ya na ki ihe “Tenho dentes fouxos.”
644. na ki pēka horara ter buracos nos dentes
ya na ki pēka horara “Estou com buracos nos dentes.”
645. (na ki) si tēkēkē-pra-i ficar oco (dentes)
ya na si tēkēkēprarema “O meu dente ficou oco.”
646. na ki t^haka yaki-a ter um espaço vazio na gengiva (onde falta um dente)
ya na ki t^haka yakia “Estou com um dente faltando.”
647. na ki wa-i ter dor de dentes (lit. ‘ter os dentes sendo comidos’)
ya na ki wai “Tenho dor de dentes.”

5. AS AGRESSÕES AMBIENTAIS

Animais peçonhentos

Abelhas

O termo genérico para designar abelhas é *puu na ki*. Não são perigosas. Entretanto, algumas produzem mel tóxico, como, em particular:

648. *makuyuma na ki* abelha cujo mel tóxico *makuyuma upë* provoca dores musculares e febre
Trigona sp.
- witi pei t^hë kuo kuha?* “O que foi?”
- puu upëni a në* “Ele está passando mal por causa do mel que bebeu.”
aipërioma

Aranhas

649. *hwāhā kiki* aranha preta terrícola com pêlos alaranjados no abdômen (caranguejeira)
O quadro de sua picada é benigno, porém com dor local. Seus pêlos provocam forte coceira. É freqüente durante a noite no chão das malocas.
650. *kaheparema* aranha pequena de cor preta com pernas finas
Abriga-se nas folhagens e pode viver dentro das casas. Não é agressiva e sua picada só provoca dor localizada.

651. *warea koxiki*

aranha pequena de cor marrom com pernas finas (tarântula)

Tem hábitos noturnos e pode viver dentro das casas. Não é agressiva, mas sua picada pode ser grave.

Lycosa sp.

652. *yarima koxiki*

aranha de cor clara com pernas de grande envergadura (aranha armadeira)

Abriga-se em folhagens (especialmente de bananeiras e palmeiras, mas também de casas velhas). É agressiva e sua picada é grave, podendo levar crianças ao óbito.

Phoneutria sp.

witi pei t^hë kuo kuha?

“O que foi?”

yarima koxikini

“Uma aranha *yarima koxiki* acabou de me picar.”

ware wari kini

Arraia

653. *yamara aka*

arraia de água doce

Sua cauda comprida é afilada e provida de ferrões peçonhentos dotados de farpas recurvadas que dificultam sua extração.

Paratrygon sp.

witi pei t^hë kuo kuha?

“O que foi?”

yamara akani

“Uma arraia furou o meu pé.”

ware mahi tikirema

Cobras

O termo genérico para designar cobras é *oru kiki*. As cobras peçonhentas são ditas *wai*, ‘perigosas, poderosas’, as outras *oke*, ‘inócuas’. Seguem os nomes das cobras venenosas mais comuns da área Yanomami:

654. *preerima kiki*
preerimaki
- surucucu pico-de-jaca ou
surucutinga
lit. ‘cobra grande’
Pode atingir 4,50 m de comprimento
e é a maior cobra venenosa do
Brasil. Seu bote pode ultrapassar
um terço do seu tamanho. A
extremidade da cauda apresenta
escamas arrepiadas. É de cor
alaranjada com desenhos pretos no
dorso. Vive na mata.
Lachesis muta
655. *karihirima kiki*
karihirimaki
- jararaca
É responsável pela maior parte dos
acidentes ofídicos na área
Yanomami. Mede no máximo 2 m
de comprimento. É agressiva e dá
bote. Tem a extremidade da cauda
lisa e de cor parda. É geralmente
associada à beira de rios e igarapés,
sendo também encontrada na mata,
em locais úmidos.
Bothrops atrox
656. *rarima kiki*
- cobra coral verdadeira
Tem geralmente coloração em anéis
vermelhos, pretos e amarelos ou
vermelhos, pretos e brancos.

Encontram-se umas seis espécies dessa cobra na área Yanomami. Mede no máximo 1,60 m de comprimento. São raros os acidentes causados pela cobra coral devido à posição dos seus dentes no maxilar (só pode morder, não pode dar bote) e por ser encontrada em tocas. Além do mais, ela não é agressiva.
Micrurus sp.

657. waroma kiki
waromaki grande cobra peçonhenta arborícola de cor avermelhada
Bothrops sp.?
658. werehe kokoki grande cobra peçonhenta arborícola lit. ‘cobra papagaio’
Provavelmente é a jararaca-verde.
Bothrops bilineatus
- witi pei t^hë kuo kuha? “O que foi?”
- oru kini ware warema “Uma cobra me mordeu.”
- witi pei t^hë ki oru
kuo kuha? “Que tipo de cobra foi?”
- preerima kini ware
warema “Foi uma surucucu que me mordeu.”

Escorpiões

O veneno do escorpião causa apenas uma dor local intensa. No entanto, em crianças menores de sete anos, o acidente pode ser grave. Os Yanomami dizem que o efeito do veneno será maior se o escorpião morrer depois da picada. Estes escorpiões são amarelados quando novos.

659. s̄hi
escorpião preto
Tityus bahiensis
660. poko p̄t̄irema
escorpião preto com pinças grandes
lit. ‘braços gordos’
Tityus serrulatus
- witi pei t^hë kuo kuha?* “O que foi?”
- s̄hini ware tikarema,*
hwei a ka kiini “Um escorpião me picou, este que
está aqui.”

Formigas

661. xiho
formiga tocandira ou ‘formigão
preto’
A maior formiga da Amazônia, de
picada muito dolorosa, capaz de
produzir vômitos. Vive em
pequenas colônias com ninhos ao pé
de árvores mortas.
Paraponera clavata
- witi pei t^hë kuo kuha?* “O que foi?”
- xihoni ware tikarema* “Uma formiga tocandira me picou.”

Lacraias

662. peesirima kiki
centopéia que vive nos troncos
podres
Sua picada é dolorosa e seus pêlos
têm, além disso, um efeito urticante
muito forte.
Scolopendra sp.
- witi pei t^hë kuo kuha?* “O que foi?”
- peesirima kini*
ware yãximirema “Foi uma centopéia *peesirima kiki*
que me queimou a pele.”

Lagartas-de-fogo

O contato com estas lagartas (larvas de insetos Lepidópteros) de pêlos urticantes (*hesi upë wai*) produz pequenas queimaduras cutâneas dolorosas ou mesmo lesões mais amplas acompanhadas de sintomas gerais (febre, náuseas, reação ganglionar).

- | | |
|---|--|
| 663. iro u | lagarta de pêlo avermelhado como o macaco guariba <i>iro</i>
<i>Mygalopyge sp.</i> |
| 664. mohuma u | lagarta de pêlo claro como a águia <i>mohuma</i> |
| 665. poo hēt ^h o | lagarta comprida de pêlos parecidos com espinhos transparentes |
| 666. ximi u
yawere u
<i>witi pei t^hë kuo kuha?</i>
<i>poo hēt^honi</i>
<i>ware yāximiri kini</i> | lagarta de pêlo claro como a preguiça <i>ximi</i> (ou <i>yawere</i>)
“O que foi?”
“Foi uma lagarta <i>poo hēt^ho</i> que acabou de me queimar.” |

Sapos

Estes três sapos de grande porte e de pele verrucosa (‘sapos-cururu’) possuem glândulas parótidas dorsais, contendo uma secreção tóxica que pode provocar irritação ocular grave (surge quando for exercida certa pressão sobre as parótidas). Seus ovos são altamente tóxicos.

- | | |
|------------------|---|
| 667. prōōma koko | grande sapo d’água com pele das costas alaranjada |
| 668. tooro | grande sapo d’água nomeado a partir da onomatopéia do seu canto <i>Toorori</i> (ver acima 420) é o espírito maléfico das chuvas.
<i>Bufo sp.</i> |

669. yoyo grande sapo de terra (pode atingir até 22 cm de comprimento)
Suas glândulas parótidas secretam uma substância espessa, leitosa e particularmente tóxica.
Bufo marinus
- witi pei t^hë kuo kuha? “O que foi?”
- yoyo pei nat^he ki “Ele comeu ovos de sapo yoyo, está
warema, a nomãi waoto passando muito mal, dá para ver.”
- prõõma kokoni ware “Um sapo prõõma koko lançou seu
mamo ki hraarema líquido ácido nos meus olhos.”
(piirema)

Vespas

O termo genérico para designar vespas é *kopena na ki*. São aqui mencionadas quatro apenas, cujas picadas são consideradas especialmente dolorosas:

670. kurira na ki vespas pretas com manchas
cinentas
671. oraki rapama na ki vespas vermelhas
672. pëxëkërima na ki pequenas vespas pretas com mancha
amarela na cabeça
673. xūwārī na ki grandes vespas pretas
Polistes sp.
- witi pei t^hë kuo kuha? “O que foi?”
- kopena na kini ware waa* “Vespas me picaram todo
mahirema o corpo.”

Vegetais tóxicos

Cogumelos

674. *tuhre amoki* grande cogumelo amarelado
lit. ‘cogumelo-vômito’
Lentinus striatulus
- witi pei t^hë kuo kuha?* “O que foi?”
- tuhre amoki warenoa,*
a tuhrai waoto “Ele comeu um cogumelo *tuhre amoki*, dá para ver, está vomitando.”

Frutas silvestres

As sementes de certas frutas silvestres somente podem ser comidas depois de longo cozimento e, então, colocadas em cestos submersos na água do rio por um tempo, a fim de eliminar o seu veneno:

675. *kāi kiki* frutas de *kāi hi*, árvore encontrada geralmente nas terras altas da área Yanomami
Inga sp.
676. *momo kiki* frutas de *momo hi*, árvore também encontrada nas terras altas da área Yanomami
Micrandra rossii
677. *toxa kiki* frutas de *toxa hi*
Inga sp.
678. *wapu kiki* frutas da árvore *wapo kohi*
Clathrotropis macrocarpa
- witi pei t^hë kuo kuha?* “O que foi?”
- toxa mokini pei a nomāi* “Ele (criança) está passando mal por causa de sementes de frutas *toxa kiki*.”

wapu kiki kōaimi
warema yaro,
pei a nomāi

“Ele (criança) está passando muito mal porque comeu frutas *wapu kiki* amargas (não preparadas)!”

Plantas cultivadas

679. *kōaimirima koko*

tubérculo de mandioca
Manihot utilissima
Envenenamentos acontecem geralmente quando se bebe o caldo de mandioca (*naxi uku*) antes do tempo de ebulição adequado.

680. *puu si*

cana de açúcar
A base de suas folhas provocam coceiras e seu caldo estragado é tóxico, ou seja *sikae-pë* (ver acima 526).

witi pei t^hë kuo kuha?

“O que foi?”

naxi uku kōaimi ha
koarinì pei a nomāi

“Está passando muito mal por ter bebido caldo de mandioca amargo (mal fervido).”

puu si hana kini ya
xuhaturayoma

“Peguei uma coceira com folhas de cana.”

puu si ukunì ya
sikaemorayoma

“Fiquei intoxicado com caldo de cana estragado.”

Vegetais alergênicos

Árvores

Todas as árvores a seguir têm casca, folha, frutas ou cinzas (quando usadas como lenha) que podem provocar coceira:

681. asoa sihi	<i>Pseudolmedia laevis</i>
682. hapakara hi	<i>Bagassa guianensis</i>
683. hayi hi	<i>Pseudolmedia laevigata</i>
684. hwaha nahi	<i>Cordia cf lomatoloba</i>
685. hwaha xihi	<i>Solanum asperum</i>
686. kāri nahi	<i>Brosimum lactescens</i>
687. ōema ahi	<i>Pourouma bicolor</i>
688. ruapa hi	<i>Caryocar villosum</i>
689. warapa kohi	<i>Protium unifoliatum</i>
690. warihinama usihi	<i>Pourouma minor</i>
691. warë amohi	<i>Rhodostemonodaphne grandis</i>
692. xopa hi	<i>Helicostylis tomentosa</i>
693. xoxo mohi	<i>Caryocar glabrum</i>
694. xuhuturi onahi	<i>Herrania lemniscata</i>
<i>witi pei t^hë kuo kuha?</i>	“O que foi?”
<i>hwaha xihini pei a xuhuturayoma</i>	“Ele pegou esta coceira de uma árvore hwaha xihi.”

Cipós

695. kut ^h ã ãt ^h ë	tipo de cipó-timbó ou timbó-de-peixe que provoca coceira quando batido para pesca <i>Lonchocarpus sylvestris</i>
---	---

696. maari t^hot^ho tipo de cipó d'água, também chamado 'cipó de fogo' Cortes ou arranhaduras por rebentos deste cipó são dolorosos e supuram facilmente. Sua casca e folhas também provocam coceira.
Pinzona coriacea
697. momo t^hot^ho tipo de cipó rasteiro de vegetação aberta com inflorescência vermelha Sua casca provoca coceira.
Cissus erosa
698. poroma t^hot^ho tipo de cipó de tronco de árvore com frutas alaranjadas Sua seiva provoca coceira.
Syngonium vellozianum
699. wākōwākō axi t^hot^ho cipó cujas frutas com talos compridos e cobertos de pêlos urticantes provocam coceira
Mucuna urens
700. xirã āt^hē tipo de cipó-timbó ou timbó-de-peixe que provoca coceira quando batido para pesca
Derris sp.

Folhas

701. poroma hana kī tipo de taioba selvagem de beira de igarapé cuja seiva provoca coceira
Xanthosoma sagitifolia

Tabocas

702. rahaka taboca grande cujas bainhas com pêlos urticantes provocam coceira
Guadua sp.

Zoonoses comuns

703. hihō ona bicho-de-pé
Tunga penetrans
mahi ki hihō onapē mahi “Seus pés estão cheios de bichos.”
704. kopet^haema pulga comum (também: barata)
Ctenocephalides canis
705. moxa berne, ura
 (também: larvas de moscas)
Dermatobia hominis
moxa a pata kua “Tem um berne grande (aqui).”
ipa tusitusi a “A minha ferida ficou cheia de
moxapërayoma vermes.”
706. noma piolho
Pediculus humanus capitis
he nomapē mahi “Tem a cabeça cheia de piolhos.”
707. noma nat^he lêndea
708. tori carrapato grande
Amblyomma sp.
torini ware krāāri kini “Um carrapato acabou de me picar.”
ipa tori kanasi hraai mahi “O lugar de onde tirei um carrapato
 está muito irritado.”
709. ūkuxi simulídeo, pequeno inseto
 hematófago cuja picada dá muita
 coceira e pode transmitir a
 oncocercose (‘pium’)
ūkuxi pēni ya mi “Fiquei com coceira só por causa
xuhutua përayoma dos piuns.”

710. xihina
xihina pëni ya xuhuturarioma
minúsculo carrapato branco que dá muita coceira
“Eu fiquei com coceira por causa de carrapatos *xihina*.”
711. riõ pë
nome genérico dos mosquitos
Também designa especificamente grandes mosquitos pretos, hematófagos e diurnos. Os mosquitos chamados *hayana pë* (avermelhados) e *oposi pë* (claros) são também hematófagos e diurnos; enquanto os *yãpi yaipësi pë* são hematófagos mas de hábitos crepusculares.

Parasitoses intestinais

712. aõpata kiki
ya xiki aõpatapërayoma
vermes do tipo *Ascaris* (‘lombriga’)
“Fiquei com *Ascaris*”
713. horema ki
ya horemapërayoma
nome genérico para todos os tipos de vermes (de terra e intestinais)
“Fiquei com vermes.”
714. xi toha pë
ya xio xi tohapë mahi
vermes do tipo *Oxiúrus* (‘verme linha’) que causam forte coceira anal
“Estou com o ânus cheio de vermes *xitoha*.”



Xamã inalando pó alucinógeno *yakōana* para curar um doente
(Mario Yanomami, Catrimani, 1978)

6. AS TERAPÊUTICAS

Geral

- | | |
|---|--|
| 715. haro-u | ficar bom |
| <i>waiha wa harorayou</i> | “Mais tarde você vai ficar bom.” |
| 716. haro-mã-i | curar
(lit. ‘fazer com que fique bom’) |
| <i>waiha t^hë haromãi</i> | “Mas tarde, isto fará (você) ficar bom.” |
| 717. mamó ki prohehe | voltar ao normal
(lit. ‘os olhos soltos’) |
| <i>hwei tēhē ya mamó ki proheherayoma</i> | “Agora, voltei ao normal.” |
| 718. ma-pra-i | terminar (estado mórbido, dor)
(forma intransitiva do verbo ‘acabar’) |
| <i>xuhurumono mai, wa maprari</i> | “Não fique inquieto, (sua doença/dor) vai acabar.” |
| 719. pihi-pra-i
pihi-a-i | voltar à consciência
(também: pensar em alguém) |
| <i>pihiprarefa t^ha?</i> | “Voltou à consciência?” |
| 720. pihi hāt ^h oho-pro-u | começar a melhorar (ficar ‘mais ou menos’) |
| <i>hwei tēhē ya pihi hāt^hohoprou</i> | “Agora, estou começando a melhorar.” |
| 721. pihi hatuku-u | voltar à consciência |
| <i>a pihi hatukurayoma</i> | “Voltou à consciência.” |
| 722. pihi totihi-pro-u | sentir-se melhor, ficar bom |
| <i>ya pihi totihiprarioma</i> | “Estou me sentindo melhor.” |

723. pihi wanono ficar melhor
 ya pihi wanonokema, “Fiquei melhor, minha dor parou.”
 ya nini makema
724. pihi wawë-pra-i voltar ao normal
 (lit. ‘a consciência aberta’)
 ya pihi wawëprarioma “Voltei ao normal.”
725. pihi waoto-pra-i voltar ao normal
 (lit. ‘a consciência clara’)
 ya pihi waotoprarioma “Voltei ao normal.”
726. totoa-i consultar o xamã ou o médico
 (lit. ‘ir mostrar’)
 wa totoki! “Vai consultar (o xamã/médico)!”
727. uëhë-i ficar bom
 uëhë-pra-i
 hwei tëhë ya “Agora, já fiquei bom.”
 uëhëa hikirayoma

Cura xamânica

728. hayu-pra-i fazer massagem com movimento
 das mãos para cima no corpo do
 paciente para extrair objetos/
 princípios patogênicos do seu
 corpo
 (também: tirar, extrair por cima)
 t^hë në wãrĩ “Quando ele (o xamã) tiver
 hayuprari tëhë extraído o mal, seu corpo vai
 a saĩprario esfriar.”
729. hōhi-ãĩ arrancar um objeto/princípio
 patogênico com as mãos juntas
 rãara wa hōhia xoarari! “Arranca esta doença (dele)!”
 (fala para um xamã)

730. hokoko-pra-ï
hokoka-ï
- t^hë në wãrĩ*
hokokoprari tēhë
a harorayou
- fazer massagem com movimento das mãos para baixo no corpo do paciente para extrair objetos/ princípios patogênicos do seu corpo
(também: tirar, extrair por baixo)
“Quando ele (o xamã) tiver extraído o mal, ele vai ficar bom.”
731. horixa-ï
- ipa wa t^hë horixiprari!*
- fazer uma cura xamânica (lit. ‘soprar’)
“Faça uma cura xamânica em minha criança!”
(fala para um xamã)
732. horixi-pra-ï
- wa t^hë horixia xoaprari!*
- soprar no paciente no fim da cura para esfriar seu corpo (enquanto os espíritos xamânicos estão a ponto de ir embora)
“Sopra nele logo!”
(fala para um xamã)
733. horixa-mo-u
- a horixamou*
- fazer sopro xamânico em si mesmo
“Ele está fazendo xamanismo em si mesmo.”
734. hũka hora-ï
- waiha hũka horaihe*
- soprar pó alucinógeno no nariz, iniciar alguém no xamanismo
“Mais tarde, eles vão iniciá-lo xamã”
735. Napënapëri
- espírito xamânico dos brancos convocado para lutar contra as epidemias

736. *nëhë yaxu-u* fazer cura xamânica
(lit. ‘afugentar’)
ware nëhë yaxuri! “Faça cura xamânica em mim!”
737. *nëhë rëa-i* fazer cura xamânica
(lit. ‘interpor-se’)
wa nëhë rëari! “Faça cura xamânica em mim!”
738. *oke-pra-i* tornar inócua (uma doença)
hura a okea “A malária já se tornou inócua.”
hikiprarioma
739. *paaru-mã-i* varrer o chão da aldeia com folhas
paaru-pra-i num ritual destinado a fazer voltar
(ou reinstalar no seu ninho)
o ‘duplo animal’ *rĩxĩ* de uma
criança (ver acima 398)
Este ritual é associado à cura
xamânica.
ihuru a rĩxĩ paarumãihe “Fazem voltar o ‘duplo animal’ da
criança.”
740. *pihi hoyua-i* livrar-se de (lit. ‘jogar’) uma doença
(cura xamânica)
pihi hoyarema “Curou o doente.”
741. *pihi hayua-i* ‘extirpar’ uma doença
(cura xamânica)
pihi hayurema “Curou o doente.”
742. *paitipra-i* fazer um movimento com as duas
mãos para baixo do corpo do
paciente enquanto se sopra nele a
fim de limpar o interior do seu
corpo
wa t^hë paitiprari! “Faça uma limpeza xamânica nele!”
(fala para um xamã)

- | | |
|---|---|
| 743. rããra hoya-i
<i>rããra hoyaa hikirema</i> | livrar-se de (lit. ‘jogar’) uma doença
“Já se livrou da doença.” |
| 744. ũtupë it ^h o-mã-i

<i>napë pë ũtupë
pree it^homãihe</i> | chamar (para baixo) imagens
sobrenaturais (para usar como
espíritos xamânicos)

“Eles chamam (para baixo) também
a ‘imagem sobrenatural’ dos
brancos (como espírito xamânico).” |
| 745. waruka-i

<i>ihuru a warukaihe,
kona pë ukaihe</i> | limpar (chupando e esfregando com
as mãos) o ‘duplo animal’ <i>rĩxĩ</i> caído
de uma criança (ver acima 739)

“Eles limpam o ‘duplo’ animal da
criança, tiram as formigas grudadas
nele.” |
| 746. wai xë-pra-i

<i>wai xëprarema</i> | jogar fora um objeto/princípio
patogênico

“Ele (o xamã) jogou o mal embaixo
da terra.” |

Os objetos/princípios patogênicos devem ser jogados pelos xamãs no mundo subterrâneo, a fim de serem comidos pelos antepassados canibais da primeira humanidade, os *Aõpatari pë*.

- | | |
|-------------------------------------|--|
| 747. xapiri (pë)

hekura (pë) | espírito (s) xamânico (s), mas,
também: xamã (s)

espírito (s) xamânico (s), mas,
também: xamã (s) (palavra mais
usada na língua Yanomami
ocidental) |
|-------------------------------------|--|

Potencialmente, todo tipo de ente pode ser chamado e usado como espírito auxiliar xamânico, sob forma de sua ‘imagem essencial/sobrenatural’ (*ũtipë*). Diz-se, então, que essa imagem ‘desce’ (*it^ho-u*) e ‘faz sua dança de apresentação’ (*praia-i*) para o xamã que acaba se identificando com ela. O mesmo termo se usa para designar xamãs e espíritos porque a sessão de xamanismo opera, justamente, esse processo de identificação do xamã com seus espíritos auxiliares.

Ver acima, página 100, a parte “Ataques de espíritos xamânicos” e, na Introdução, a parte “Interpretação da doença. Curas”, páginas 49-50.

- | | | |
|------|--|--|
| 748. | <i>xapiri pë it^ho-mã-i</i> | chamar (para baixo), convocar espíritos xamânicos |
| | <i>xapiri pë it^homarihe</i> | “Eles chamam (para baixo) os espíritos xamânicos.” |
| 749. | <i>xapiri pë praia-mã-i</i> | convidar, ‘fazer dançar’ os espíritos xamânicos como convidados |
| | <i>xapiri pë praïamãihe</i> | “Eles ‘fazem dançar’ os espíritos xamânicos.” |
| 750. | <i>xapiri-mo-u</i>
<i>hekura-mo-u</i> | praticar o xamanismo (genérico) |
| | <i>a xapirimopariopë</i> | “Ele deve fazer xamanismo primeiro.” |
| 751. | <i>xapiri-pro-u</i>
<i>xapiri-pra-i</i> | tornar-se xamã |
| | <i>a xapiriprou</i> | “Ele está se tornando um xamã.” |
| | <i>a xapiriprarioma</i> | “Ele se tornou um xamã.” |
| 752. | <i>yãroko-pra-i</i> | varrer o chão da aldeia com folhas num ritual destinado a trazer de volta o ‘duplo animal’ <i>rĩxĩ</i> de uma criança (ver acima 739); também: recuperar sua ‘imagem essencial’ capturada por espíritos maléficos (ritual associado à cura xamânica) |

Outros tratamentos

753. he ri-pra-i despejar água sobre a cabeça e o corpo de um doente para baixar a febre
wa he riprari “Joga água (nele) para baixar a febre.”
754. hwëri remédio (caseiro ou ocidental) (também: planta de feitiçaria, ingrediente na preparação de feitiço, curare ou remédio)
marari a hwëri kura? “Tem remédio para malária?”
755. hwërimamotima t^hë pë remédios (genérico) (lit. ‘coisas para esfregar-se, curar-se’)
hwërimamotima t^hë pë mi t^ha? “Não tem remédios?”
756. hwëri-mã-i tratar com remédio (caseiro ou ocidental) depois de fazer xamanismo, esfregar um remédio
 õno hwëri-mã-i
 kanasi hwëri-mã-i
wa t^hë hwërimãi he yoteki “Dá um remédio para ele depois disso (após a cura xamânica).”
wama õno (kanasi) hwërimia henari, a saĩpropë “Vocês devem aplicar um remédio nesta ferida (mordida, queimadura, etc.) amanhã de manhã para que a febre dele baixe.”
ware warasipë hwërimiri “Esfrega um remédio nas minhas feridas infeccionadas.”
757. hwëri-ma-mo-u aplicar-se um remédio
yamini wa hwërimamou “Aplica-se o remédio sozinho.”

758. hōmōka-mo-u esfregar-se, limpar-se com água,
 yāru-mo-u tomar banho
 a hōmōkamorayoma “Ele se esfregou com água.”
 wa yārumotayou “Vai (fora da aldeia) passar água no
 corpo.” (por exemplo, antes de
 aplicar um remédio contra
 escabiose)
759. kahiki korara-mo-u fazer gargarejo
 kahiki yoru-ma-mo-u
 wa kahiki koraramorayou “Faça um gargarejo.”
 wa kahiki yorumamorayou
760. kahiki rouka-mo-u enxaguar a boca com água
 wa kahiki roukamorayou “Enxágue a boca com água.”
761. ōka-ì ligar (um cipó ao redor de uma parte
 do corpo dolorida, pauzinhos para
 reduzir uma fratura, um curativo, etc.)
 wa e t^hē ōkaki, tusitusiha “Amarra isto por cima da ferida
 dele.”
762. riē-ì esfregar
 hwei t^hēni warasi “Esfregue suas feridas
 wa pē riēri infeccionadas com isto.”
 hwei t^hēni wa riēmou “Esfregue isto em você.”
 wa riēriēmamorayou “Esfregue (isto) em você várias
 vezes seguidas.”
763. wahumā-ì esquentar uma parte do corpo para
 aliviar a dor (com folha, casca,
 brasa)
 wa e mahiki wahumari “Aproxime uma brasa dos pés dele
 para aliviar a dor.”

764. wahuma-mo-u esquentar uma parte do corpo (reflexivo) para aliviar a dor (com folha, casca, brasa)
- wa wahumamorayou* “Esquente-se para aliviar a dor.”
765. xaraka ki pesi pequenas ripas de flecha ligadas umas às outras que servem para envolver membros fraturados
- xaraka ya ki pesi*
ōkaa hikiprarena “Já amarrei um *xaraka ki pesi* na fratura.”
766. yāruyāru-mā-i
yāru-u esfregar o corpo de um doente com água fresca para baixar a febre (também: limpar esfregando com água)
- pei wa wei yāruprari!* “Passe água na criança para baixar a febre!” (também: “Lave a criança!”)
- pei wa wei yāruyārumāi!* “Não pára de passar água na criança!”
767. yoa-pra-i bater com folhas para recuperar de um desmaio (também: açoitar)
- ware yoaprari,*
ya nē aipë “Me batam com folhas, estou perdendo a consciência.”
- a waximiprou,*
wa t^hë yoaprari,
a yānikipropë “Ele está desmaiando, batam nele com folhas, ele vai se recuperar.”
768. yoa-mo-u bater-se com folhas de urtiga para aliviar dores no corpo (cãibra, dor muscular, dor lombar, etc.)
- apina sikini yama ki*
yoamou t^hare “Nós estamos acostumados a nos bater com folhas de urtigas *apina siki* (*Urera baccifera*).”

Cura, remédios e profilaxias ocidentais

769. hemeyo (pë) remédio (s) dos brancos (genérico)
(do português ‘remédio’)
- hemeyo kiki comprimidos
hemeyo uku gotas
hemeyo upë xarope
- hemeyo wa e kiki hikaki* “Coloque esses comprimidos na boca dele.”
- hemeyo ware uku poyomaki* “Pingue colírio nos meus olhos.”
- hemeyo wa e upë koamari* “Dá-lhe de beber esse xarope.”
770. hemeyo uxipë substância borrifada contra mosquitos (lit. ‘cinzas de remédio’)
771. isesã injeção (do português ‘injeção’)
772. isesã uku remédio contido na seringa
773. koa-i beber
koa-mã-i dar de beber
- hemeyo wa upë koari* “Beba esse xarope.”
774. metiko médico (do português ‘médico’)
- metikoni wa nakai* “O médico está chamando você.”
775. piimã-i borrifar (a maloca contra malária)
watixa-i
- yano ya piimapë rë kini matihi wama pë tokumari* “Eu quero borrifar a maloca, ponham os seus pertences a salvo.”
776. poyo-mã-i pingar (um remédio)
- e uku poyoa hikimakema* “Já pingou o colírio nele/ as gotas para ele.”

7. A MORTE

Geral

781. aka wehe-pra-ï morrer de velhice
(lit. 'ficar com a língua seca')
a aka weheprakema “Morreu de velhice.”
782. hipëpë nomã-ï morrer de velhice
(lit. 'morrer cego')
yākimi a hipëpë
nomarayoma “No fim, acabou morrendo de velhice.”
783. hwëwë kë-pra-ï morrer de velhice
(lit. 'quebrar seco')
yākimi a hwëwë
këprakema “No fim, acabou morrendo de velhice.”
784. hwëwë nomã-ï morrer de velhice
(lit. 'morrer seco')
t^hëpë hwëwë nomama “As pessoas morreram de velhice.”
785. mosi ru-o morrer de velhice
(lit. 'extinguir-se como um fogo, uma luz')
a mosi ruprakema “Morreu de velhice.”
786. nomanoma a morte
787. nomã-ï morrer (também: perder
consciência por causa de dor,
doença, alucinógenos)
a nomaa hikirayonoa “Já morreu (agora, sem a gente perceber).”
a nomaparioma “Morreu (na rede).”

Para mais exemplos, ver a parte “Frases úteis. Perda de sentidos e morte”, páginas 239-240.

- | | |
|--|--|
| 788. noma-ma-mo-u
xë-pra-mo-u | matar-se, suicidar-se |
| <i>yoyo nat^he pë haari ha warini, xuhuruki waiha a nomamamorayoma</i> | “Matou-se de desespero numa crise nervosa comendo ovos de sapo <i>yoyo</i> (ver acima 669).” |
| <i>a kuohuo pihionimi yaro, yami në wāyaha a xëpramorayoma</i> | “Não queria ficar sozinho atrás (dos seus parentes mortos), por isso matou-se de desespero.” |
| 789. pata nomã-i | morrer de velhice |
| <i>pata yama ki xiro nomã i pihio</i> | “Só queremos morrer de velhice.” |

Menção do óbito

Os Yanomami preferem evitar entre si o uso do verbo *nomã-i* para falar de um óbito, especialmente, tratando-se de alguém que lhes é próximo (parentesco e/ou residência). De fato, não há nada que eles considerem mais impróprio do que pronunciar o nome dos mortos e referir-se explicitamente à morte humana. Preferem, de modo geral, para mencionar tudo que é relativo a um óbito, usar um código de expressões eufêmicas tais como:

- | | |
|-------------------------------|---|
| 790. imi huhera-i | lit. ‘largar a mão’
expressão xamânica para designar o óbito |
| <i>yama ki imi huherayoma</i> | “Morreu.” (lit. ‘largamos a mão’) |
| 791. mǎ-i | perder-se, perder
expressão para designar o óbito |
| <i>a marayoma</i> | “Morreu.” (lit. ‘perdeu-se’) |

792. mi negação
expressão para designar o óbito
a mi “Morreu.” (lit. ‘não está, não tem’)
793. nahi proke lit. ‘espaço familiar vazio’
expressão para designar o óbito
yutu nahi proke “Morreu há tempo.” (lit. ‘o lugar dele na maloca está vazio há tempo’)
794. nahi ke-i lit. ‘cair um poste da casa’
expressão para designar o óbito
pata nahi kerayoma “Um homem idoso morreu.” (lit. ‘um poste antigo da casa caiu’)
795. pore a a-(a) lit. ‘o fantasma vai embora’
expressão para designar o óbito
pore a aa hikirayoma “Morreu.” (lit. ‘seu fantasma já foi embora’)
796. pore a tire-(a) lit. ‘o fantasma vai para cima’
expressão para designar o óbito
pore a tirea hikirayoma “Morreu.” (lit. ‘seu fantasma já foi para cima’)
797. rainat^he prohe-pra-i lit. ‘a tipóia fica frouxa’
expressão para designar o óbito (durante o transporte de um doente)
rainat^he proheprarioma “Morreu.” (lit. ‘a tipóia ficou frouxa’)
798. ruhu masi hĩĩ-a lit. ‘uma pequena flecha de criança está plantada (no chão)’
expressão para designar o óbito de um menino

799. ruhu masi kasi-a lit. ‘uma pequena flecha de criança está na beira (fora da aldeia)’
expressão para designar o óbito de um menino
800. saĩ lit. ‘ficar frio’
expressão para designar o óbito
a saĩkema “Morreu.” (lit. ‘ficou frio’)
801. wiĩ a it^ha-a lit. ‘uma cesta grande está colocada no chão’
expressão para designar o óbito de uma mulher
802. wiĩ a kasi- a lit. ‘uma cesta grande está na beira (fora da aldeia)’
expressão para designar o óbito de uma mulher
803. wiĩ a raki-a lit. ‘uma cesta grande está encostada’
expressão para designar o óbito de uma mulher
804. wĩxĩa mã-ĩ lit. ‘o sopro vital acaba’
expressão para designar o óbito
wĩxĩa makema “Morreu.” (lit. ‘seu sopro vital acabou’)
805. wĩxĩa si a wai lit. ‘o sopro vital é silencioso’
expressão para designar o óbito
wĩxĩa si a waikema “Morreu.” (lit. ‘seu sopro vital silenciou’)
806. wĩxĩa yawë-pra-ĩ lit. ‘o sopro vital fica curto demais’
expressão para designar o óbito
a wĩxĩa yawëprakema “Morreu.” (lit. ‘Seu sopro vital ficou curto demais’)

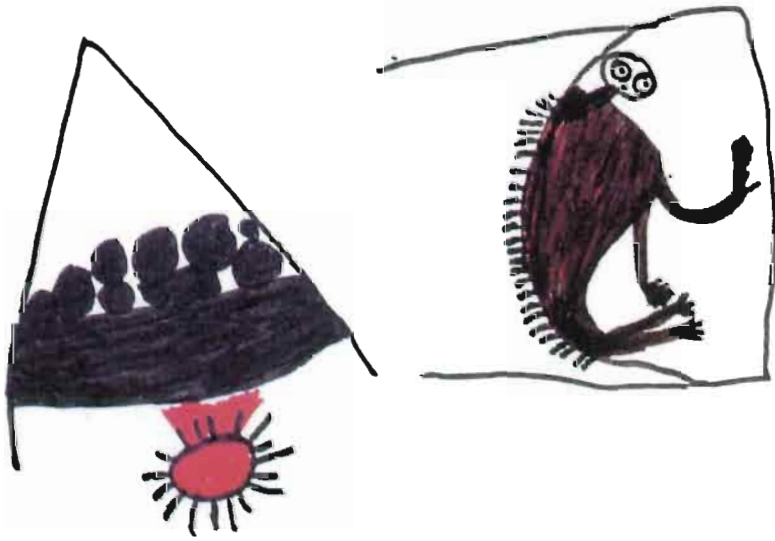
807. *xaraka ki xati-a* lit. ‘flechas estão plantadas no chão’
expressão para designar o óbito de um homem
808. *xaraka ki kasi-a* lit. ‘flechas estão na beira (fora da aldeia)’
expressão para designar o óbito de um homem
809. *xaraka ki yoka-mã-i* lit. ‘afastar flechas’
expressão para designar o óbito de um homem
- xaraka yama ki* “Tivemos um óbito.”
yokamarema
810. *xote he hĩ-a* lit. ‘uma cesta pequena está enfiada (num gancho)’
expressão para designar o óbito de uma menina
811. *xote he kasi-a* lit. ‘uma cesta pequena está na beira (fora da aldeia)’
expressão para designar o óbito de uma menina

Além disso, os nomes dos objetos que definem simbolicamente o sexo e idade dos mortos:

pequena flecha <i>ruhu masi</i> (menino)	flechas <i>xaraka ki</i> (homem)
pequena cesta <i>xote he</i> (menina)	grande cesta <i>wii a</i> (mulher)

Podem ser ainda combinados, para mencionar um óbito, com três verbos que designam a primeira operação do rito funerário Yanomami: a colocação do cadáver na mata, cuidadosamente fechado num invólucro de folhas, paus e cipó, para esperar a sua decomposição:

812. *kasi-mã-ĩ* lit. ‘colocar na beira (fora da aldeia)’
ruhu yama masi “Colocamos na mata o cadáver de
kasimarema um menino.”
xote yama he “Colocamos na mata o cadáver de
kasimarema uma menina.”
xaraka yama ki “Colocamos na mata o cadáver de
kasimarema um homem.”
wii yama a “Colocamos na mata o cadáver de
kasimarema uma mulher.”
813. *yoka-mã-ĩ* lit. ‘colocar de lado’
ruhu yama masi “Colocamos na mata o cadáver de
yokamarema um menino.”
xote yama he “Colocamos na mata o cadáver de
yokamarema uma menina.”
xaraka yama ki “Colocamos na mata o cadáver de
yokamarema um homem.”
wii yama a “Colocamos na mata o cadáver de
yokamarema uma mulher.”
814. *urihi-mã-ĩ* lit. ‘colocar na mata’
ruhu yama “Colocamos na mata o cadáver de
masi urihimarema um menino.”
xote yama he “Colocamos na mata o cadáver de
urihimarema uma menina.”
xaraka yama ki “Colocamos na mata o cadáver de
urihimarema um homem.”
wii yama a “Colocamos na mata o cadáver de
urihimarema uma mulher.”



Doente na rede perto de um jirau com carne moqueando
(Sebastião Yanomami, Demini, 1996)

III. FRASES ÚTEIS

As traduções em português não seguem as normas da descrição lingüística, a fim de aproximar-se o máximo possível das expressões faladas no campo.

(P) Pergunta, (R) Resposta, (D) Declaração, (I) Imperativo

As frases no imperativo são precedidas da menção “por favor” (que não existe em *Yanomae*) para lembrar que os profissionais de saúde não devem usá-las como ordens, mas sim com a cortesia que é devida a todos os seus pacientes.

1. GERAL

Comunicação básica

1. (I) *hōyami!*
“(Por favor) Venha cá!”
2. (P) *witi pei t^hē t^ha?*
“O que é isto?”
3. (P) *ya taari xa?*
“Posso ver?” (pedido de permissão)
4. (P) *ai?*
“Como?”
5. (P) *wiinaha pei wa kuu kuha?*
“O que foi que você disse?”
6. (P) *witi wa t^hē ā t^hai kuha?*
“Do que você estava falando?”
7. (I) *kaha! wa ā hwaā kōrini!*
“De novo! Repita (por favor)!”

8. (I) *wa t^hë ā hayua kōprarini!*
“(Por favor) Fale de novo!”
9. (P) *wa t^hë ā hīrīprai t^ha?*
“Você entende o que está sendo falado?”
10. (P) *wa t^hë ā hīriha?*
“Você entendeu o que foi falado (agora)?”
11. (R) *awe, ya t^hë ā hīrīrema*
“Sim, entendi.”
12. (R) *ma, ya t^hë ā hīrīpranimi*
“Não, não entendi.”
13. (R) *ma, rope wa ā hwai yaro, ya t^hë ā hīrīprai totihionimi*
“Não, você fala rápido demais, não entendi direito.”
14. (I) *yānikini wa ā hwai!*
“(Por favor) Fale devagar!”
15. (I) *yānikini ware ā hiramāi!*
“(Por favor) Me ensine estas palavras, mas devagar!”
16. (D) *ya t^hë ā uëmapë*
“Eu quero imitar esta fala.”
17. (I) *naki wa ā hwai!*
“(Por favor) Fale alto!”
18. (I) *wa yëmaka taki!*
“(Por favor) Fique atento!”
19. (D) *(ya) taimi*
“Não sei.”
20. (I) *awe, wa t^hë t^haki!*
“Sim, (por favor) faça isso!”

21. (I) *ma, wa t^hë t^hano mai!*
“Não, (por favor) não faça isso!”
22. (I) *wa t^hë t^hai kōō!*
“(Por favor) Faça de novo!”
23. (D) *kua hikia*
“Está bom.”
24. (D) *maprarioma*
“Acabou.”
25. (P) *inaha t^ha?*
“Assim?”
(também usado ironicamente quando alguém faz uma bobagem)
26. (R) *awe, inaha*
“Sim, assim.”
27. (D) *ai miinaha!*
“Assim! Muito bem!”
28. (D) *hwei t^hë ka kurenaha wa t^hë t^haki!*
“Faça desta maneira (demonstrando)!”
29. (R) *awe*
“Sim.”
30. (R) *ma* (também: *mi*)
“Não.”
31. (P) *witini?*
“Quem?”
32. (R) *kamani*
“Ele.”
33. (R) *hweini*
“Este.”

34. (R) *kami yani*
“Eu.”
35. (P) *peheti?*
“É verdade?”
36. (R) *peheti!*
“Sim, é verdade”
37. (R) *ma, a hōremou pio*
“Não, ele mente.”
38. (P) *witiha?*
“Onde?”
witihami?
“Para onde?”
39. (I) *wa t^hë kōatayou! ya t^hë taapë!*
“(Por favor) Vá buscar esta coisa! Eu quero ver!”
40. (P) *wa t^hë taari kuha?*
“Achou?”
41. (P) *wa taara?*
“Achou?” (quando procura perto)
42. (D) *a kua*
“Está.”
43. (D) *a mi*
“Não está, não tem.”
44. (D) *mihami!*
“Cuidado, afasta-se!”

Primeiros contatos

45. (P) *wama ki nohimou t^ha?*
“Vocês são amigos?”

46. (R) *awe, yama ki nohimou*
“Sim, somos amigos.”
47. (P) *witi wama t^hë t^hai kuha?*
“O que vocês estão fazendo?”
48. (R) *wama ki hwërimãï yaro, yama ki huimama*
“Vimos aqui para tratar você.”
49. (P) *witiha ipa t^hout^hou ya siki yãkepë t^ha?*
“Onde posso atar minha rede?”
50. (R) *hweiha wa siki yãki, hwei ka kurehami*
“Até aqui, nesta parte da casa.”
51. (I) *ipa ãraãra wama kiki t^haki, ipa hemeyo ya pë araopë*
“(Por favor) Faça uma prateleira para instalar os remédios.”
52. (P) *witi naximë t^hë marayou kure?*
“O que você perdeu?”
53. (R) *poo a marayoma*
“Perdi uma faca.”

Viagem

54. (D) *ya kōōkō*
“Volto para casa, vou embora.” (lugar relativamente próximo)
55. (D) *ya kopohuruma*
“Volto para casa”, “Até logo!”
(saída para uma viagem de volta)
56. (R) *awe, wa kōa kopohuru*
“Está bom. Pode voltar para casa.”
57. (D) *waiha ya huu kōōimãï*
“Mais tarde eu volto aqui.”

58. (D) *ya kōō henao*
“Eu vou embora amanhã (de manhã).”
59. (D) *opi ya huu kō*
“Eu volto daqui a um tempo (relativamente demorado).”
60. (D) *henaha ya yapai kōōimāi*
“Amanhã eu volto para cá.”
61. (P) *wiinaha wa nē kutario t^ha?*
“Quanto tempo você vai demorar (para voltar aqui)?”
62. (P) *wiinaha wa nē ha kutarini wa kopii t^ha?*
“Depois de quanto tempo você vai voltar aqui (de novo)?”
63. (R) *inaha poripo kiki nē kureha ya huu kōōimāi*
“Eu vou voltar daqui a (mostrando nos dedos) tantas luas.”
64. (R) *inaha t^hē nē titi ha kutarini ya huu kōōimāi*
“Eu vou voltar daqui a (mostrando nos dedos) tantas noites.”
65. (P) *witihami poriyō yo kua kurare, ya kōōwi?*
“Onde está o caminho para eu voltar?”
66. (R) *kihami yo kua kurare*
“O caminho está para lá.”
67. (P) *witihami Hwayasiki t^heri pei pē poriyō yo paa kua kura?*
“Onde começa o caminho para a aldeia dos Hwayasiki t^heri?”
68. (R) *kihami e yo paa kurare*
“O caminho deles começa para lá.”
69. (I) *yānikini wa huhuru! ya maa hēa tikorayou!*
“(Por favor) Vá mais devagar! Que desgraça, você vai me deixar para trás e eu vou me perder!”
70. (D) *wahaemē! ya waximi horuu pario*
“Espere(m)! Eu vou descansar um pouco primeiro.”

Trocas

71. (I) *māu wa u hikepi!*
“(Por favor) Vá buscar um pouco de água!”
(dentro da maloca)
72. (I) *māu wa u hikeatayou!*
“(Por favor) Vá buscar água!” (no igarapé)
73. (D) *kōō wa ayëki pihioyou*
“(Por favor) Quero um pouco de lenha.”
74. (D) *ai koraha wa ki pihioyou*
“(Por favor) Quero uma destas bananas.”
75. (D) *ai yaro wa pihioyou*
“(Por favor) Quero um pedaço desta carne.”
76. (D) *ai a!* (também: *ai t^hë!*)
“Mais um(a)!”
77. (P) *witi t^hëni ya nē kōmakepë t^ha?*
“Com que posso retribuir?” (um serviço ou presente)
78. (D) *waiha ya t^hë nē kōamāi*
“Eu vou retribuir mais tarde.”
79. (D) *waiha matihi ya pë hipii*
“Mais tarde eu vou te dar objetos de troca.”
80. (P) *witi wa t^hë peximāi t^ha?*
“O que você vai querer (como retribuição)?”
81. (P) *witi wa t^hë peximāi kuha?*
“O que é que você está querendo (como retribuição)?”
82. (R) *matihi ya (pë) peximāi*
“Eu quero objeto (s) de troca.”

83. (R) *ihĩ ya t^hë peximãi*
“Eu quero aquela coisa (já mencionada).”
84. (D) *wa tēhuru*
“Pode levar.”
85. (D) *ma, ya t^hë hipiaimi*
“Não, não quero dar isto.”
86. (D) *wa xi imamono mai*
“Não seja sovina.”
87. (I) *wa t^hë kōa kōmapi!*
“(Por favor) Devolva isto!”
88. (D) *wa xi ihete totihi*
“Você é generoso, gostei.”

2. CENSO

Para realizar-se o censo de uma comunidade com eficiência é recomendado seguir as seguintes regras:

1. Deve-se combinar o censo com uma consulta médica sistemática (exame geral e/ou busca ativa de malária, *etc.*) de todos os membros da aldeia;
2. Deve-se começar pelos homens adultos casados, um por um, vendo, sucessivamente para cada um, todos os membros de sua família;
3. Uma vez feito isso, a maior parte do censo está geralmente completada, restando apenas identificar as pessoas “isoladas”: idosos viúvos, mulheres solteiras e sem parentes (com ou sem filhos), meninos e meninas órfãos adotados e rapazes vindo de fora (refugiados, em visita ou em serviço pré-marital).

Aldeia

89. (P) *witi t^heri pei wa (wama ki) t^ha?*
“De que aldeia você (s) é (são)?”

90. (P) *hwei, witi t^heri a t^ha?*
“De que aldeia é esta pessoa?”
91. (P) *witi t^hë urihi ã kuowiha wa (wama ki) piria kura?*
“Como é o nome do lugar onde você (s) mora(m)?”
92. (P) *witi kaho wama ki ã kua kura?*
“Como se chama a comunidade de vocês?”

Situação sanitária

93. (P) *witiha wa piria?*
“Onde você mora?”
94. (P) *aho yanoha ai t^hë pë rããkaë kua mara?*
“Não tem pessoas doentes na sua aldeia?”
95. (R) *awe, t^hë pë rããkaë kua hëa kurare*
“Sim, tem pessoas doentes que ficaram.”
96. (P) *wiinaha t^hë pë në kutaa kura?*
“Quantos são?”
97. (R) *inaha t^hë pë në kutaa*
“Eles são tantos.” (mostrando nos dedos)
98. (P) *wiinaha rããkaërima t^hë pë në kutaa kura?*
“Quantas pessoas estão doentes?”
99. (R) *inaha t^hë pë në kutaa hëa kurare*
“Tantas pessoas doentes ficaram (na aldeia).”
(mostrando nos dedos)
100. (R) *hwei t^hë pë temiowi t^hë pë kōa hikipema*
“Todas pessoas com boa saúde chegaram (aqui).”
101. (I) *wa t^hë pë kōretayou! wa rërayou! pë nōmāi māopë!*
“(Por favor) Vá buscar este pessoal, correndo! Para que eles não morram!”

102. (R) *ma, t^hë pë rããkaẽ kuaimi, yama ki temi nẽhẽ mi*

“Não, não tem gente doente, todos nós estamos com boa saúde.”

Nomes pessoais

Os Yanomami nunca falam o próprio nome, a menos que já tenham um nome português. Neste caso pode-se perguntar:

103. (P) *witi kaho pei wããha kua kura?*

“Qual é o seu nome?” (perguntando pela primeira vez)

104. (R) *ya ãha mi*

“Não tenho nome.”

105. (P) *kaho witi pei wããha hirai sihe, napë pëni?*

“Qual é o nome que os brancos te deram?”

106. (D) *wããha nẽhẽ mohoturayoma*

“Esqueci o teu nome.”

107. (D) *wããha nẽhẽ mohotua kōrayoma*

“Esqueci de novo o teu nome.”

108. (I) *wããha marayoma, waahã hayua kōpramorayou!*

“Esqueci o teu nome, (por favor) fale de novo!”

109. (P) *witi kaho pei wããha kuo kuha?*

“Como era mesmo o teu nome?”

(perguntando de novo, intervalo breve)

110. (P) *witi kaho pei wããha kuo kupere?*

“Como era mesmo teu nome?”

(perguntando de novo, intervalo longo)

Os nomes Yanomami são apelidos, às vezes pejorativos e, de qualquer modo, unicamente usados por terceiros longe da pessoa nomeada ou de seus parentes. Por isso, “insultar” (*yahatua-i*) é um sinônimo freqüente de nomear (*hira-i*) em Yanomami.

Quando a pessoa não tem nome português, deve-se, portanto, pedir seu nome Yanomami para uma outra pessoa, que não é parente e, de preferência, oriunda de outra aldeia. A pergunta deve ser feita discretamente, afastando-se da pessoa nomeada e de seus parentes próximos.

Os meninos ou os líderes podem ajudar bastante na tarefa de identificação dos nomes Yanomami. Os primeiros, porque é uma boa brincadeira, os segundos, porque ninguém vai ousar reclamar de ser nomeado por eles (nomear publicamente é prova de valentia).

A pergunta indireta do nome se faz da maneira seguinte:

111. (P) *hwei witi pei wããha kua kura?*
“Qual é o nome deste/desta pessoa aqui?”
(perguntando pela primeira vez)
112. (P) *hwei witi pei wããha kuo kuha (kupere)?*
“Qual era mesmo o nome deste/desta pessoa aqui?”
(perguntando de novo, intervalo breve [longo])
113. (R) *ya ãha taimi, wããha kua hãt^hoa*
“Não conheço o nome dele, talvez tenha um (mas não sei).”

Famílias

Cônjuges

114. (P) *witihami aho t^huëpëhë a t^ha?*
“Onde está a sua esposa?”
witihami aho hãaroho a t^ha?
“Onde está o seu esposo?”

Podem ser usados aqui outros termos de parentesco de referência na segunda pessoa, ver o Apêndice III, “Vocabulário de parentesco”, páginas 289-299.

115. (R) *a mi*
“Não está; não tenho.”
(também: “morreu”; ver acima a parte “Menção do óbito”,
página 166).
116. (R) *hwei a*
“Está aqui (perto do falante).”
117. (R) *mihi a*
“Está ali (não muito perto do falante).”
118. (R) *kihi a*
“Está lá (longe do falante).”
119. (R) *a ayoma*
“Saiu da maloca.”
120. (R) *a ayou kini*
“Acabou de sair da maloca.”
121. (R) *a ayohuru kure*
“Deixou a maloca há tempo (ontem ou há dias) e para
longe.”
122. (R) *hutu kanahami a huhayoma*
“Foi para a roça.”
123. (R) *urihiami a rama ayoma*
“Foi caçar na floresta.”
124. (P) *witi pei t^hë t^hama ayou kuha?*
“Saiu para fazer o que?”
125. (R) *a ðhõtamoma ayou kini*
“Acabou de sair para trabalhar na roça.”
126. (R) *a rama ayohuru kini*
“Ele acabou de sair para caçar (longe).”

127. (R) *a xurukuraehuruma*
“Viajou (para longe).”

Filhos

128. (P) *hwei aho ihuruhu a t^ha?*
“Este menino é seu filho?”
129. (R) *awe, ipa ihuruye a*
“Sim, é meu filho.”
130. (P) *hwei aho t^hëëho a t^ha?*
“Esta menina é sua filha?”
131. (R) *awe, ipa t^hëëye a*
“Sim, é minha filha.”
132. (R) *awe, ipa a*
“Sim, é meu/minha.”
133. (R) *awe, ïhĩ a*
“Sim, ele/ela é.”
134. (P) *hwei aho ihuruhu pei pë t^ha?*
“São seus filhos?”
135. (P) *hwei aho ihiruhu kipë t^ha?*
“São os seus dois filhos?”
136. (P) *hwei aho pë t^ha?*
“Estes são seus?”
137. (P) *hwei aho kipë t^ha?*
“Estes dois são seus?”
138. (R) *awe, ipa pë xirõ*
“Sim, são todos meus.”
139. (R) *awe, ipa kipë xirõ*
“Sim, os dois são meus.”

140. (R) *awe, ʔhĩ pë*
“Sim, são estes.”
141. (R) *awe, ʔhĩ kipë*
“Sim, são estes dois.”
142. (D) *hwei warōrima pë*
“Aqui estão os meninos.”
143. (D) *hwei warōrima kipë*
“Aqui estão os dois meninos.”
144. (D) *hwei tʰuërima pë*
“Aqui estão as meninas.”
145. (D) *hwei tʰuërima kipë*
“Aqui estão as duas meninas.”
146. (P) *wĩnaha aho ihuruhu pei pë kutaa kura?*
“Quantos filhos você tem?”
147. (R) *hwei mōri a kua, hikio a*
“Tenho um, este aqui, é o único.”
148. (R) *hwei porokata e kipë wei kua*
“Tenho dois pequenos, são estes.”
149. (R) *wāroho pë kua, pei pë roa hikia*
“Tenho muitos! Eles estão todos sentados (no chão) aqui.”
150. (R) *ipa pë xirō roa hikia*
“Todos estes sentados aqui (no chão) são meus.”
151. (R) *inaha pë kutaa*
“Tenho este tanto (mostrando nos dedos).”

Outros

Órfãos

152. (P) *hwei amixi tʰë wei tʰa?*
“Esta criança é órfã (de mãe)?”

153. (R) *awe, amixi t^hë wei*
“Sim, é órfã (de mãe).”
154. (P) *hwei yami t^hë wei t^ha?*
hwei hamihi t^hë wei t^ha?
“Esta criança é órfã (dos dois pais)?”
155. (R) *awe, yami t^hë wei*
awe, hamihi t^hë wei
“Sim, é órfão (dos dois pais).”
156. (P) *wa t^hë wei t^hapou t^ha?*
“É você quem cuida desta criança órfã?”
157. (R) *awe, ya t^hë wei t^hapou*
“Sim, eu cuido dela.”
158. (R) *ma, hweini t^hë wei t^hapou t^hare*
“Não, é ele quem cuida habitualmente.”

Viúvos

159. (P) *hwei wahati t^hë t^ha?*
“É viúva esta pessoa?”
160. (R) *awe, wahati t^hë*
“Sim, é viúva.”

Solteiros

161. (P) *wa (a) xirõ t^ha?*
“Você (ele/a) é solteiro(a)?”
162. (R) *awe, ya (a) xirõ*
“Sim, eu sou (ele/a é) solteiro(a).”
163. (P) *aho t^huëpëhë (hëaroho) a mi t^ha?*
“Você não tem um(a) esposa (o)?”
164. (R) *a mi, ya xirõ*
“Não tenho. Eu sou solteiro(a).”

Visitantes, pretendentes e refugiados

165. (P) *hwama wa t^ha?*
“Você é um visitante?”
166. (R) *hwama ya ka rë kii*
“Eu sou, sim (confirmação).”
167. (P) *wa turaha piria t^ha?*⁶⁸
“Você mora aqui para conseguir uma mulher?”
168. (R) *awe, ya turaha piria*
“Sim, moro.”
169. (P) *hwei t^heri wa t^ha?*
“Você é morador daqui?”
170. (R) *hwei t^heri ya ka rë kii*
“Sou mesmo daqui (confirmação).”
171. (R) *ma, yayo ya, hwei t^heri ya kuaimi*
“Não, sou outro (de outra aldeia), não sou habitante desta aldeia.”
172. (P) *wa piria kohipëkema t^ha?*
“Você se instalou definitivamente (aqui)?”
173. (R) *awe, ya piria kohipëkema*
“Sim, estou instalado definitivamente (aqui).”

⁶⁸ *turaha* é o serviço pré-marital. Fazer serviço pré-marital é *turahamou*.

3. CONSULTA

Deve-se lembrar, na consulta, que o fato de apontar ou perguntar sobre qualquer singularidade física (malformação, cicatriz, doença de pele, hérnia inguinal, nódulo de oncorcrose, *etc.*) equivale para os Yanomami à atribuição (indireta) de um apelido, portanto a um insulto, especialmente, é óbvio, em público. Recomenda-se, portanto, aos profissionais de saúde, muita sensibilidade e discrição nesse aspecto.

Preparação do ambiente

O paciente

174. (I) *hōyami wa huimãĩ*
“(Por favor) Venha cá!”
175. (I) *wa ikuki!*
“(Por favor) Aproxime-se!”
176. (I) *wa tokutino mai! wa totoa hãt^hoki!*
“Pare de fugir! Venha mostrar o que você tem!”
(para as crianças)
177. (I) *wa kirino mai! wa kōōimãĩ!*
“Não fique com medo! Volte aqui!” (para as crianças)
178. (I) *wa yārumoa pariraatayou!*
“(Por favor) Você deve ir tomar banho primeiro!”
179. (I) *wa t^hē wei yārua paripraretayou!*
“(Por favor) Vá dar um banho na sua criança primeiro
(no rio)!”

A assistência (para as crianças)

As consultas médicas, nos postos de saúde ou ainda mais nas malocas, atraem a curiosidade de turmas de crianças que podem complicar o trabalho dos profissionais de saúde. Pode-se usar, neste caso, com a sensibilidade devida ao trato com crianças, as expressões seguintes:

180. (I) *wama ki ā maki!*
wama ki si ā waiki!
“(Por favor) Parem com esse barulho!”
181. (I) *mamakai wama ki roki!*
“Podem ficar aqui, mas (por favor) fiquem quietos!”
182. (I) *mihami! wama ki yokarayou!*
“Cuidado! Afastem-se!”
183. (I) *hemeyo wa ki hupatino mai! kiki wai!*
“(Por favor) Não fique mexendo com os remédios!
É perigoso!”

Instalação do paciente

184. (I) *kapixa orahami wa ki hayua pariṗrari!*
“(Por favor) Tire a camisa/o vestido primeiro!”
185. (I) *kapixa korohami wa ki hayua pariṗrari!*
“(Por favor) Tire a calça/o calção/a saia/o short primeiro!”
186. (I) *wa sipo rēki!*
“(Por favor) Vire de costas!”
187. (I) *wa mo hamiriṗrario!*
“(Por favor) Vire de frente!”
188. (I) *wa upraa aheteki!*
“(Por favor) Aproxime-se de mim!”
189. (I) *(hwei ha) wa praki!*
“(Por favor) Deite-se (aqui, no chão)!”
190. (I) *(hweiha) wa piriiki!*
“(Por favor) Deite-se (aqui, na rede)!”

191. (I) *(hweiha) wa araki!*
“(Por favor) Deite-se (aqui, num jirau de paxiúba ou na cama)!”
192. (I) *(hweiha) wa tipëki!*
“(Por favor) Sente-se (aqui, na rede)!”
193. (I) *(hweiha) wa tëkiki!*
“(Por favor) Sente-se (aqui, num tronco ou num pedaço de lenha)!”
194. (I) *(hweiha) wa roki!*
“(Por favor) Agache-se (aqui)!”
195. (I) *(hweiha) wa upraki!*
“(Por favor) Fique em pé (aqui)!”
196. (I) *wa upraa kōki!*
“(Por favor) Levante-se de novo!”

Explicação do exame físico

Pode-se usar em lugar das palavras sublinhadas abaixo outras partes do corpo listadas na parte “O corpo”, página 65 e seguintes.

197. (D) *wa xiki nini taai*
“Vou examinar sua dor de barriga (intestinos).”
198. (D) *wa aka t^haki taai*
“Vou olhar o fundo da sua garganta.”
199. (D) *wa hurapë taai*
“Vou olhar o seu baço.”
200. (D) *wa pariki ã hĩrĩ*
“Vou escutar o seu peito.”

O exame físico

201. (I) *wa mo tehiki!*
“(Por favor) Abaixee a cabeça!”
202. (I) *wa mo rōrōhōki!*
“(Por favor) Olhe para cima!”
203. (I) *wa orahi katihiki!*
“(Por favor) Estenda o pescoço!”
204. (I) *wa aka waeheki!*
“(Por favor) Ponha a língua de fora!”
205. (I) *wa mamō ki urēkēki!*
“(Por favor) Abra bem os olhos!”
206. (I) *wa hwasipē etaki!*
“(Por favor) Levante o braço! (lit. ‘omoplata(s)’!)”
207. (I) *wa imi ki yōōroki!*
“(Por favor) Levante os braços! (lit. ‘mãos!’)”
208. (I) *wa imi ki kaoroki!*
“(Por favor) Levante os braços!”
209. (I) *īkarini wa hērēhērēmou!*
“(Por favor) Respire fundo!”
210. (I) *wa wīxīa he a tatoki!*
“(Por favor) Prenda a respiração!”
211. (I) *wa pīsi ohihiki!*
“(Por favor) Contraia a barriga! (lit. ‘o estômago!’)”
212. (I) *wa mīsi proheheki!*
“(Por favor) Relaxe o abdômen!”

Fim da consulta

213. (D) *kua hikia, maa hikiprarioma*

“Está bom, já acabou.”

214. (I) *wa piria kōketayou!*

“Pode voltar para sua rede!”



Espírito maléfico *Riori* (Mozaniel Yanomami, Demini, 1996)

4. DIAGNÓSTICO

Nas frases abaixo, os pronomes pessoais *wa*, ‘você’ (nas perguntas) e *ya*, ‘eu’ (nas respostas) podem ser substituídos por *a*, ‘ele/ela’ sem outras modificações.

Geral

Estado mórbido

215. (P) *wa pëi t^ha?*
“Você está adoecendo?”

Para outras respostas a esta pergunta, ver os exemplos associados ao vocabulário da parte “As doenças. Geral”, páginas 87-88.

216. (R) *awe, ya pëi (përayoma)*
“Sim, estou ficando doente.”

217. (R) *ma, ya pëimi, ya nini pio*
“Não, não estou ficando doente, tenho somente dor.”

218. (P) *wa rããkaẽ t^ha?*
“Você está doente?”

219. (R) *awe, ya rããkaẽ*
“Sim, eu estou doente.”

220. (R) *ma, ya rããkaẽimi*
“Não, eu não estou doente.”

221. (R) *ma, ya temi (mahi)*
“Não, eu estou com (muita) saúde.”

Auto-diagnóstico

Para respostas às perguntas desta seção, ver a parte “Tipos de doenças”, páginas 89-115.

222. (P) *witi t^hë waini wa përayou kuha?*
“De que mal você acabou de adoecer?”
223. (P) *witi t^hë wai kuo kuha?*
“De que mal se trata (início recente)?”
224. (P) *witi t^hë wai kuo kupere?*
“De que mal se trata (início remoto)?”
225. (P) *witi t^hë waini wa nomāi kura?*
“De que mal você está sofrendo?” (caso grave)
226. (P) *witi t^hë waini wa waximi piria kura?*
“Por causa de que mal você está prostrado na sua rede?”
227. (R) *ya pëa përayoma*
“Fiquei doente assim (sem ter idéia da causa).”

Sintomas

228. (P) *wiinaha wa kuaai t^ha?*
“Como você está se sentindo?”

Para respostas a esta pergunta, ver a parte “Descrição dos sintomas”, páginas 115-136.

Evolução da doença

229. (P) *wa përayou kuha ?*
“Você adoeceu (início recente)?”
230. (R) *awe, ya përayou kini*
“Sim, acabei de adoecer.”
231. (R) *ma, yutuha ya xoo kupere*
“Não, estou assim há muito tempo.”

232. (P) *yutuha wa rããkaẽ xooa kupere?*
“Faz muito tempo que você está doente?”
233. (R) *awe, yutuha ya rããkaẽ xooama*
“Sim, faz tempo.”
234. (P) *wiïnaha wa përayouwi t^hë në kutaa kura?*
“Há quanto tempo você ficou doente?”
235. (P) *wiïnaha t^hë në titi ha kutarini wa përayoma t^ha?*
“Desde quando (quantas noites) você adoeceu?”
236. (R) *inaha t^hë në titi kua*
“Tem tanto tempo (tantas noites).”
(mostrando com os dedos)
237. (P) *t^hë wai pëa pëtarionoma t^ha?*
“O mal começou de repente?” (sem sinais anunciadores)
238. (R) *awe, t^hë wai pëa pëtarionoma*
“Sim, começou.”
239. (P) *yutuha wa pëa pëamou xooa kupere?*
“Há muito tempo que este estado é recorrente?”
240. (R) *awe, yutuha ya pëapëamou t^hare*
“Sim, faz tempo.”
241. (P) *yutuha wa xi wãrĩo kupere?*
“Faz muito tempo que esta doença é crônica?”
242. (R) *awe, yutuha ya xi wãrĩoma*
“Sim, faz muito tempo.”

Dores

Geral

243. (P) *wa nini t^ha?*
“Você tem/sente dor?”

Para completar estas frases, ver a parte “Descrição dos sintomas. Sensações de dor”, páginas 120-124.

244. (R) *awe, ya nini*
“Sim, estou sentindo dor.”

245. (R) *ma, ya niniimi*
“Não, não estou sentindo dor.”

Localização

246. (P) *witiha wa nini t^ha?*
witiha t^hë nini kua?
“Onde você está sentindo dor?”, “Onde está doendo?”

247. (R) *hweiha t^hë nini kua*
“É aqui que dói.”

248. (R) *ya heki ninirayoma*
“Fiquei com dor de cabeça.”

249. (P) *wa xiki nini t^ha?*
“Você tem dor nos intestinos?”

250. (R) *awe, ya xiki nini mahi*
“Sim, tenho muita dor” (nos intestinos).

Pode-se substituir as palavras sublinhadas por qualquer parte do corpo listada na parte “O corpo”, página 65 e seguintes.

Intensidade

251. (R) *ya nini mahi*
“Tenho muita dor.”

252. (R) *ya nini watoto*
“A dor é suportável.”

253. (R) *ya nini hāt^hoho*
“A dor é ‘mais ou menos’.”
254. (R) *ya nini waĩsipë*
“Tenho uma pequena dor”
255. (R) *t^hë nini xoa*
“Ainda dói.”
256. (R) *waĩsi a t^hë nini xoa*
“Ainda dói um pouco.”
257. (R) *t^hë nini maa imatayou*
“A dor está passando.”
258. (R) *t^hë nini maprarioma*
“A dor passou.”

Fraqueza e prostração

259. (P) *wa pariki uutiti t^ha?*
wa ũũxi uutiti t^ha?
“Você está fraco?”
260. (R) *awe, ya pariki uutiti*
awe, ya ũũxi uutiti
“Sim, estou fraco.”
261. (R) *ma, hwei tēhë ya kohipëa kōrayoma*
“Não, agora fiquei forte de novo.”

Para completar estas frases, ver a parte “Descrição dos sintomas. Fraqueza e vertigens”, páginas 124-128.

262. (P) *yutuha a waximi p̄rio xoa kupere?*
“Faz tempo que ele/ela está prostrado/a na rede?”

263. (R) *awe, yutuha a waximi p̄irio xoaoma*
“Sim, faz tempo que ele/ela está prostrado/a na rede.”
264. (R) *ma, weyaha a waximi p̄irioma*
“Não, ele/ela está prostrado/a na rede há pouco tempo (ontem ou mais).”
265. (P) *a mo hwetuaprarou t^ha?*
“Ele/ela vira (na rede)?”
266. (R) *awe, hwei t̄h̄h̄ a mo xirō hwetuaprarou kup̄eni*
“Sim, há pouco tempo ele/ela virou.”
267. (R) *ma, a mo hwetuproimi, ĩha a xoa*
“Não, ele/ela não muda de posição, está sempre assim.”
268. (R) *hapao t̄h̄h̄ a mo hwetupronimi*
“Ele/ela não vira desde o começo.”
269. (P) *a iai t^ha?*
“Ele/ela come?”
270. (R) *awe, waĩsip̄e a iai*
“Come, só um pouco.”
271. (R) *ma, a iaimi*
“Não, não come.”
272. (P) *nasi keyou t^ha?*
“Ele/ela urina normalmente?”
273. (R) *awe, a nasi keyou hikio*
“Sim, ele/ela está urinando normalmente.”
274. (R) *ma, a nasi keyoimi*
“Não, ele/ela não está urinando normalmente.”
275. (P) *xip̄e keyou t^ha?*
“Ele/ela está defecando normalmente?”

276. (R) *awe, a xipë keyou hikio*
“Sim, ele/ela está defecando normalmente.”
277. (R) *ma, a xipë keyoimi*
“Não, ele/ela não está defecando normalmente.”

Febre

278. (P) *wa yopi (xoa) t^ha?*
“Você (ainda) tem febre?”

Para completar as frases seguintes, ver a parte “Descrição dos sintomas. Estados febris e convulsões”, páginas 128-129.

279. (R) *awe, ya yopi (xoa)*
“Sim, estou quente (ainda).”
280. (P) *wa yopirayou kuha?*
“Você ficou com febre (há pouco)?”
281. (R) *awe, ya yopirayou kini*
“Sim, acabei de ficar.”
282. (R) *ma, yutuha ya yopirayoma*
“Não, faz tempo que fiquei.”
283. (P) *weyaha wa yopirayou kure?*
“Você ficou com febre ontem (recentemente)?”
284. (R) *awe, weyaha ya yopirayou kure*
“Sim, fiquei.”
285. (P) *yutuha wa yopi xoao kupere?*
“Tem febre há muito tempo?”
286. (R) *awe, yutuha ya yopi xoao kupere*
“Sim, faz muito tempo que estou com febre.”
287. (R) *ma, hwei tēhë ya yopirayoma*
“Não, fiquei com febre agora.”

288. (R) *tii tēhē ya yopirayoma*
“Fiquei com febre durante a noite.”
289. (P) *weyate wa yopiai xi wārīprou t^ha?*
“Você sempre tem febre à tarde?”
290. (R) *awe, weyate ya yopiai xi wārīprou*
“Sim, tenho febre todas as tardes.”
291. (P) *wa xetixetimou kuha?*
“Você tem calafrios?”
292. (R) *awe, ya xetixetimou nē kirihi*
“Sim, estou tendo de uma maneira assustadora.”
293. (R) *tii tēhē ya xetixetimou haruu kupēni*
“Sim, eu tive toda a noite e comecei o dia tendo.”
294. (R) *ma, ya xetixetimou maprario kini*
“Não, acabei de ter agora.”
295. (P) *wa here hwai kuha?*
“Você tem sudorese.”
296. (R) *awe, ya yopi hwai mahi*
“Sim, estou transpirando muito.”
297. (P) *wa si saīhi xi wārī t^ha?*
“Você está sentindo frio sem parar?”
298. (R) *awe, ya si saīhi xi wārī hiki*
“Sim, estou mesmo sentindo frio sem parar.”

Distúrbios respiratórios

Nariz

299. (P) *wa hūxupē t^ha?*
“O seu nariz está escorrendo?”

300. (R) *awe, ya hũxupë*
“Sim, está.”
301. (R) *ma, ya hũxupëimi*
“Não, não está.”
302. (P) *wa etisiamou t^ha?*
“Você está espirrando?”
303. (R) *awe, ya etisiamou xi wãĩ*
“Sim, estou espirrando sem parar.”
304. (R) *ma, ya etisiamoimi*
“Não, não estou.”
305. (P) *wa mapu upë hwai t^ha?*
“Seus olhos lacrimejam?”
306. (R) *awe, ya mapu upë hwai*
“Sim, tenho.”
307. (R) *ma, ya mapu upë hwaimi*
“Não, não tenho.”

Garganta

308. (P) *wiinaha wa ũreme kuaai t^ha?*
“Como está a sua garganta?”
309. (R) *ya ũreme nini*
“Estou com dor de garganta.”
310. (P) *wa tuhapraimi t^ha?*
“Você tem dificuldade para engolir?”
311. (R) *awe, ya tuhapraimi*
“Sim, tenho.”
312. (R) *ma, ya tuhaprai hiki*
“Não, posso engolir sem problema.”

Pulmões

313. (P) *wa t^hokopë t^ha?*
“Você está com tosse?”

Para completar estas frases, ver a parte “Descrição dos sintomas. Distúrbios respiratórios”, páginas 129-132.

314. (R) *awe, ya t^hokopë*
“Sim, estou.”

315. (R) *ma, ya t^hokopë mi*
“Não, não estou.”

316. (P) *t^hoko wa pë (axi) (iyë) hoai t^ha?*
“Você está cuspiendo catarro (amarelado) (com sangue)?”

317. (R) *awe, t^hoko ya pë (axi) (iyë) hoai*
“Sim, cuspo catarro (amarelado) (com sangue).”

318. (R) *ma, t^hoko ya pë (axi) (iyë) hoaimi*
“Não, não cuspo catarro (amarelado) (com sangue).”

319. (P) *wa pariki ũūxi rakaimi t^ha?*
“Você tem dor no peito?”

320. (P) *awe, ya pariki ũūxi rakaimi mahi*
“Sim, tenho muita dor no peito.”

321. (P) *ma, ya pariki niniimi*
“Não, não tenho dor no peito.”

322. (P) *wa pariki xërëxërēmou t^ha?*
“Você tem chiado no peito?”

323. (R) *awe, ya pariki xërëxërēmou*
“Sim, tenho.”

324. (R) *ma, ya pariki xërëxërëmoimi*
“Não, não tenho.”

325. (P) *pei wa moxi tuo kura?*
“Você está com falta de ar?”
326. (R) *awe, ya moxi tuo xi wãĩ*
“Sim, não paro de sentir falta de ar.”
327. (R) *ma, ya moxi tuoimi*
“Não, não estou.”

Distúrbios gastro-intestinais

Para completar estas frases, ver a parte “Descrição dos sintomas. Distúrbios gastro-intestinais”, páginas 132-134.

Vômito

328. (P) *yutuha wa tuhrai xoao kupere?*
“Faz tempo que você está vomitando?”
329. (R) *awe, yutuha ya tuhrai xoao kupere*
“Sim, faz tempo.”
330. (P) *weyaha wa tuhraa parirayou kure?*
“Começou a vomitar ontem (há pouco tempo)?”
331. (R) *awe, weyaha ya tuhraa parirayoma*
“Sim, comecei a vomitar ontem (há pouco tempo).”
332. (P) *hwei tēhē wa tuhraryou kuha?*
“Você vomitou agora?”
333. (R) *awe, hwei mahi tēhē ya tuhraryou kini*
“Sim, vomitei agora mesmo.”
334. (P) *wiinaha wa tuhraiwi t^hē nē kutaa kura?*
“Há quanto tempo você está vomitando?”
335. (R) *inaha ya tuhraiwi t^hē nē titi kutaa*
“Faz tantas noites que estou vomitando.”
(mostrando nos dedos)

336. (R) *t^hë në tete mahi*
“Faz muito tempo.”
337. (R) *ya tuhrai maprou mǎo kupere*
“Eu não parei de vomitar.”
338. (P) *wiinaha wa në tuhrai kutaa kura?*
“Quantas vezes você vomitou?”
339. (R) *inaha t^hë në kutaa*
“Vomitei tantas vezes.” (mostrando os dedos)
340. (P) *rii wa hipë pihi kaë hoprari kuha?*
“Você teve vômitos com restos de comida (agora)?”
341. (R) *awe, rii ya hipë pihi kaë hoprarema*
“Sim, eu tive.”
342. (R) *ma, rii ya hipë pihi kaë hopranimi*
“Não, não tive.”
343. (P) *wa tuhrepë axio mǎo ha?*
“O seu vômito não era amarelo?”
344. (R) *awe, ya tuhrepë axioma*
“Sim, era.”
345. (R) *ma, ya tuhrepë axionimi*
“Não, não era.”

Pode-se aqui substituir a palavra sublinhada pelas seguintes palavras:

hrāre, ‘alaranjado’
iyë, ‘com sangue’
moxi, ‘espumoso’
eharaxi, ‘líquido’.

Diarréia

346. (P) *wa xipë eharaxi t^ha?*
“Está com diarréia (líquida)?”
347. (R) *awe, ya xipë eharaxi xoa*
“Sim, estou ainda.”
348. (R) *ma, ya xipë eharaxi maprarioma*
“Não, parou.”
349. (P) *wa xuupërayou kuha?*
“Você ficou com diarréia?”
350. (R) *awe, ya xuupërayoma*
“Sim, fiquei.”
351. (R) *awe, ya xuupërayou kini*
“Sim, fiquei (há pouco).”
352. (R) *ma, ya xuupëimi*
“Não, não fiquei.”
353. (P) *wa xuupë xoa kura?*
“Você ainda está com diarréia?”
354. (R) *ma, ya xuupë maprarioma*
“Não, parou.”
355. (R) *ma, ya xipë kohipërayoma*
“Não, minhas fezes ficaram normais (duras).”
356. (P) *weyaha wa xuupërayou kure?*
“Você está com diarréia desde ontem (algum tempo)?”
357. (R) *awe, ya xuupërayou kure*
“Sim, estou.”
358. (P) *yutuha wa xuupë xoa kupere?*
“Faz tempo que você está com diarréia?”

359. (R) *awe, yutuha ya xuupë xooa kupere*
“Sim, faz tempo.”
360. (P) *wiinaha wa xuupërayouwi t^hë në kutaa kura?*
“Há quanto tempo você está com diarreia?”
361. (R) *inaha t^hë në titi kua*
“Faz tantas noites (mostrando nos dedos).”
362. (P) *wiinaha wa në xipë keyou kutaa kura?*
“Quantas vezes você foi defecar?”
363. (R) *inaha t^hë në kutaa*
“Foi tantas vezes (mostrando os dedos).”
364. (P) *wa xipë wakëo mǎo ha?*
“Suas fezes não estavam vermelhas?”
365. (R) *awe, ya xipë wakëoma*
“Sim, estavam.”

Pode-se aqui substituir a palavra sublinhada pelas palavras seguintes:

uxi, ‘pretas, escuras’
au, ‘brancas, claras’
hrāre, ‘alaranjadas’
axi, ‘amarelas’.

366. (P) *wa xipë orixi t^ha?*
“Você tem diarreia pegajosa?”
367. (R) *awe, ya xipë orixi*
“Sim, tenho.”

Pode-se substituir a palavra sublinhada pelas palavras seguintes:

ahī, ‘pastosa’
eharaxi, ‘líquida’
iyë, ‘com sangue’
moxi, ‘espumosa’
mokure, ‘com pedaços duros’
yāreke, ‘com muco’ (*aniki* para crianças).

Dor abdominal

368. (P) *wa xiki wai kura?*
“Você tem dor (sensação de mordida) nos intestinos?”
369. (R) *awe, ya xiki wai*
“Sim, tenho.”
370. (R) *ma, ya xiki waimi*
“Não, não tenho.”
371. (P) *wa xiki yoruu t^ha?*
“Você tem dor nos intestinos (com sensação de fervura)?”
372. (R) *awe, ya xiki yoruu*
“Sim, tenho.”
373. (R) *ma, ya xiki yoruimi*
“Não, não tenho.”
374. (P) *wa xiki xuërayou kuha?*
“Seu abdômen ficou inchado?”
375. (R) *awe, ya xiki xuërayoma*
“Sim, ficou.”
376. (R) *ma, ya xiki xuëimi*
“Não, não ficou.”

Prisão de ventre

Para algumas frases complementares, ver acima, páginas 201-203, a parte “Fraqueza e prostração.”

377. (P) *wa xipë hōkōki kuha?*
“Você ficou com prisão de ventre?”
378. (R) *awe, ya xipë hōkōkema*
“Sim, fiquei.”

379. (R) *ma, ya xipë hōkōaimi*
“Não, não fiquei.”

Verminose

Para frases complementares, ver a parte “As agressões ambientais”, página 149, sobre as parasitoses intestinais.

380. (P) *wa xio xitohapë t^ha?*
“Você tem coceira anal?”
- 381.(R) *awe, ya xio xitohapë mahi*
“Sim, tenho muita.”
- 382.(R) *ma, ya xio xitohapëimi*
“Não, não tenho.”
- 383.(P) *wa horemapë hwai mão ha?*
“Você não expeliu vermes?”
- 384.(R) *awe, ya horemapë hwapema*
“Sim, expeli.”
- 385.(R) *ma, ya horemapë hwanimi*
“Não, não expeli.”

Distúrbios urinários

Para frases complementares, ver acima, páginas 202-203, a parte “Fraqueza e prostração.”

386. (P) *wa nasi keyou t^ha?*
“Você está urinando (normalmente)?”
387. (R) *awe, ya nasi keyou hiki*
“Sim, estou.”
388. (R) *ma, ya nasi keyoimi*
“Não, não estou.”

389. (P) *wa nasi ihe xi wārĩ t^ha?*
“Você tem vontade de urinar muito frequentemente?”
390. (R) *awe, ya nasi ihe xi wārĩ*
“Sim, tenho.”
391. (R) *ma, ya nasi ihe xi wārĩmi*
“Não, não tenho.”
392. (P) *wa nasipë wakëo mǎo ha?*
“Sua urina não estava vermelha?”
393. (R) *awe, ya nasipë wakëoma*
“Sim, estava.”
394. (R) *ma, ya nasipë wakëonimi*
“Não, não estava.”

Pode-se aqui substituir a palavra sublinhada pelas palavras seguintes:

uxi, ‘pretas, escuras’

au, ‘brancas, claras’

hrãre, ‘alaranjadas’

axi, ‘amarelas’.

395. (P) *wa nasi nini t^ha?*
“Dói quando urina?”
396. (R) *awe, ya nasi nini*
“Sim, dói.”
397. (R) *ma, ya nasi niniimi*
“Não, não dói.”
398. (P) *wa nasi keyou tēhë, wa moxi ũñxi huxi t^ha?*
“Quando urina, você tem sensação de queimadura?”
399. (R) *awe, ya moxi ũñxi huxi*
“Sim, tenho.”

400. (R) *ma, ya moxi ũũxi huxiimi*
“Não, não tenho.”
401. (P) *wa xit^hemaki ũũxi nini t^ha?*
“Você tem dores no baixo ventre (altura da bexiga)?”
402. (R) *awe, ya xit^hemaki nini*
“Sim, tenho.”
403. (R) *ma, ya xit^hemaki niniimi*
“Não, não tenho.”

Sintomas complementares

Muitos dos sintomas gerais associados às doenças listadas a seguir podem ser identificados através das frases apresentadas nas partes anteriores. As frases incluídas na parte a seguir visam, portanto, permitir a identificação de sintomas complementares mais específicos.

Doenças sexualmente transmissíveis

404. (P) *wa nasi keyou tēhē, wa nasi nionio upē (iyē) hwai t^ha?*
“Quando você urina, sai pus (sangue)?”
405. (R) *awe, ya nasi nionio upē (iyē) hwai*
“Sim, sai.”
406. *ma, ya nasi nionio upē (iyē) hwaimi*
“Não, não sai.”
407. (P) *wa si wakē patia mara?*
“Você não tem manchas vermelhas na pele?”
408. (R) *awe, ya si wakē patia*
“Sim, tenho.”
409. (R) *ma, ya si wakē patiaimi*
“Não, não tenho.”

410. (P) *napë wa na t^huë pë wai mǎopere?*
“Você não teve relação sexual com mulheres brancas (passado remoto)?”
411. (R) *awe, ya na warema*
“Sim, tive.”
412. (R) *ma, ya na wai taimi*
“Não, nunca tive.”
413. (P) *napë pëni wa na wai kuperahē?*
“Homens brancos tiveram relações sexuais com você (passado remoto)?”
414. (R) *awe, ware na waremahe*
“Sim, tiveram.”
415. (R) *ma, ware na wanimihe, ya noamioma*
“Não, não tiveram, eu recusei.”
416. (P) *wa moxi he warasipë t^ha?*
“Tem ferida na cabeça do seu pênis?”
417. (R) *awe, ya moxi he warasipë*
“Sim, tem.”
418. (R) *ma, ya moxi he warasipëimi*
“Não, não tem.”
419. (P) *wa moxi xuërayou kuha?*
“Seu pênis está inchado?”
420. (R) *awe, ya moxi xuërayoma*
“Sim, está.”
421. (R) *ma, ya moxi xuënimi*
“Não, não está.”

422. (I) *wa moxi ha ēēkeikini, ya t^hē taai!*
“(Por favor) Descubra a cabeça do seu pênis para que eu possa examinar!”

Febre amarela

423. (P) *wa xokomou kuha?*
“Você tem soluço?”
424. (R) *awe, ya xokomou*
“Sim, tenho.”
425. (R) *ma, ya xokomoimi*
“Não, não tenho.”
426. (P) *wa hūkaki iyë hwai kuha?*
“Você tem sangramentos pelo nariz?”
427. (R) *awe, ya hūkaki iyë hwai*
“Sim, tenho.”
428. (R) *ma, ya hūkaki iyë hwaimi*
“Não, não tenho.”

Pode-se substituir as palavras sublinhadas pelas seguintes:

na ki hēt^ho, ‘gengivas’ ou *yëmaka ki*, ‘ouvidos’.

Hepatite

429. (P) *yutuha wa mamō ki (siki) axirayoma t^ha?*
“Faz tempo que seus olhos (sua pele) ficaram amarelados?”
430. (R) *awe, yutuha ya mamō ki (siki) axirayoma*
“Sim, faz tempo.”
431. (R) *ma, weyaha ya mamō ki (siki) axirayoma*
“Não, começou há pouco tempo.”

Leishmaniose visceral

432. (P) *wa mahi ki (amoku) (hura) xuërayoma t^ha?*
“Seus pés (fígado) (baço) ficaram inchados?”
433. (R) *awe, ya mahi ki (amoku) (siki) xuërayoma*
“Sim, ficaram.”
434. (R) *ma, ya mahi ki (amoku) (siki) xuënimimi*
“Não, não ficaram.”
435. (P) *wa he prërëi t^ha?*
“Você está perdendo cabelos?”
436. (R) *awe, ya he prërëi*
“Sim, estou.”
437. (R) *ma, ya he prërëimimi*
“Não, não estou.”
438. (P) *wa yëmaka ki sīrimou kura?*
“Você tem zumbido no ouvido?”
439. (R) *awe, ya yëmaka ki sīrimou*
“Sim, tenho.”
440. (R) *ma, ya yëmaka ki sīrimoimimi*
“Não, não tenho.”
441. (P) *wa siki wehe t^ha?*
“Você tem a pele ressecada?”
442. (R) *awe, ya siki wehe*
“Sim, tenho.”
443. (R) *ma, ya siki weheimimi*
“Não, não tenho.”

Malária

444. (P) *wa haramou kura?*
“Você está com malária?”
445. (R) *awe, ya haramou*
“Sim, estou.”
446. (R) *ma, ya huramoimi*
“Não, não estou.”
447. (P) *yutuha wa haramou yapayapamou xoao kupere?*
“Faz tempo que você está com crises de malária recorrentes?”
448. (R) *awe, yutuha ya haramou yapayapamou t^hare*
“Sim, faz tempo que tenho crises recorrentes.”
449. (R) *ma, weyaha ya huramorayoma*
“Não, comecei a ficar com malária ontem (há pouco).”
450. (P) *wa hura (amoku) xuë (nini) t^ha?*
“Seu baço (fígado) está inchado (doído)?”
451. (R) *awe, a xuë (nini)*
“Sim, está.”
452. (R) *ma, a xuëimi (niniimi)*
“Não, não está.”

Meningite

453. (P) *wa orahi kohipëki kuha?*
“Seu pescoço ficou rígido?”
454. (R) *awe, ya orahi kohipëkema*
“Sim, ficou.”

455. (R) *ma, ya orahi kohipënimi*
“Não, não ficou.”

Oncocercose

456. (P) *wa ðrapë kua t^ha?*
“Você tem nódulos?”
457. (R) *awe, pë kua*
“Sim, tenho.”
458. (R) *ma, pë kuaimi*
“Não, não tenho.”
459. (P) *wa si xuhuti nëhë mi t^ha?*
“Sua pele está coçando em todo lugar?”
460. (R) *awe, ya si xuhuti nëhë mi*
“Sim, está.”
461. (R) *ma, ya si xuhutiimi*
“Não, não está.”
462. (P) *wahi a kua t^ha?*
“Você tem uma mancha branca com descamação?”
463. (R) *awe, a kua*
“Sim, tenho.”
464. (R) *ma, a kuaimi*
“Não, não tenho.”

Tétano

465. (P) *a wei hitatarayou kuha?*
“A criança ficou rígida?”
466. (R) *awe, a hitatarayoma*
“Sim, ficou.”

467. (R) *ma, a hitatanimi*
“Não, não ficou.”
468. (P) *suhu upë kopraimi t^ha?*
“Ela tem dificuldade em pegar o seio para mamar?”
469. (R) *awe, a suhu upë kopraimi*
“Sim, tem.”
470. (R) *ma, a suhu upë koai hikia*
“Não, não tem.”
471. (P) *wa aka si t^homopë t^ha?*
“Você tem a língua adormecida?”
472. (R) *awe, ya aka si t^homopërayoma*
“Sim, tenho.”
473. (R) *ma, ya aka si t^homopëimi*
“Não, não tenho.”
474. (P) *a wīxīa yawëi t^ha?*
“Ela está perdendo o fôlego?”
475. (R) *awe, a wīxīa yawëa imatayou*
“Sim, está.”

Tuberculose

476. (P) *wa pariki ūūxi rakaimi t^ha?*
“Você tem dor torácica?”
477. (R) *awe, ya pariki ūūxi rakaimi*
“Sim, tenho.”
478. (R) *ma, ya pariki ūūxi rakaimiimi*
“Não, não tenho.”
479. (P) *yutuha wa waītaro pëahuru kupere?*
“Faz muito tempo que você está emagrecendo?”

480. (R) *awe, yutuha ya waĩtaro pëahuruma*
“Sim, faz muito tempo.”
481. (P) *hapao tēhë wa t^hokomou weheoma t^ha?*
“No começo você teve tosse seca?”
482. (R) *awe, hapao tēhë ya t^hokomou weheo hikioma*
“Sim, eu tive mesmo.”
483. (P) *wa t^hokopë ahĩrayoma t^ha?*
“Sua tosse chegou a ter catarro?”
484. (R) *awe, hwei tēhë ya t^hokopë ahĩrayoma*
“Sim, agora chegou a ter.”
485. (P) *t^hoko wa iyë hoprari kuha?*
“Você cuspiu catarro com sangue (agora)?”
486. (R) *awe, t^hoko ya iyë hoprari kini*
“Sim, cuspi (agora mesmo).”
487. (R) *ma, t^hoko ya iyë hopranimi*
“Não, não cuspi.”
488. (P) *iyëiyë wa pë hoprai kuha?*
“Você cospe sangue?”
489. (R) *awe, ya pë hoprai*
“Sim, cuspo.”
490. (R) *ma, ya pë hopraimi*
“Não, não cuspo.”
491. (P) *iyëiyë wa pë pihi kaë tuhrai kuha?*
“Você vomita sangue?”
492. (R) *awe, iyëiyë ya pë pihi kaë tuhrai*
“Sim, vomitei sangue.”
493. (R) *ma, iyëiyë ya pë pihi kaë tuhraimi*
“Não, não vomitei sangue.”

494. (P) *inaha ai t^hë pë pariki hōximi kua kura?*
“Tem outras pessoas com problemas assim no peito?”
495. (R) *awe, inaha ai t^hë pë pariki hōximi pree kua*
“Sim, tem outros.”
496. (R) *ma, inaha ai t^hë pë pariki hōximi kuaimi*
“Não, não tem outros.”

Afecções da pele

497. (P) *hweiha wa xuhuti t^ha?*
“Você tem coceira aqui?”
498. (R) *awe, ya xuhuti*
“Sim, tenho.”
499. (R) *ma, yayoha ya xuhuti*
“Não, está coçando em outro lugar.”
500. (P) *yutuha wa xuhutio xoa o kupere?*
“Você tem coceira há muito tempo?”
501. (R) *awe, yutuha ya xuhutio xoaoma*
“Sim, tenho há muito tempo.”
502. (R) *ma, weyaha ya xuhutirayoma*
“Não, fiquei com coceira há pouco tempo.”
503. (P) *witi t^hëni wa xuhutirayoma t^ha?*
“Por que você ficou com esta coceira?”
504. (R) *urihi t^heri t^hëni ya xuhutirayoma*
“Peguei esta coceira com alguma coisa do mato.”

Para respostas específicas, ver a parte “As agressões ambientais”, páginas 137-149.

505. (R) *taimi, t^hë mi raroa hāt^horayoma (raroa përayoma)*
“Não sei, cresceu sem eu me dar conta (sem causa aparente).”

506. (P) *ai t^hë pë pree (ai wama ki) xuhuti t^ha?*
“Tem outras pessoas (outros entre vocês) com coceira assim?”
507. (R) *awe, pree yama ki xuhuti (nëhë mi)*
“Sim, todos nós temos esta coceira (até o último).”
508. (R) *ma, mōri ya xuhuti*
“Não, só eu estou com esta coceira.”
509. (P) *waxia a kua t^ha?*
“(Você) tem uma lesão que não sará?”
(leshmaniose tegumentar?)

A palavra sublinhada pode ser substituída por outros nomes de afecção cutânea (ver a parte “As doenças”, página 89).

Feridas, infecções e fraturas

Feridas

510. (R) *tusitusi a kua t^ha?*
“(Você) tem uma ferida?”
511. (P) *witi t^hë ãno kuoma t^ha?*
“É ferida de que?”

Para respostas específicas a esta frase, ver a parte “As doenças”, página 91.

Infecções

Para frases complementares, ver a parte “As doenças”, página 93.

512. (P) *aho tusitusi a (warasi pë) tarerayoma t^ha?*
“Sua ferida (seu impetigo) ficou infectada(o)?”

513. (R) *awe, a tarerayoma*
“Sim, ficou.”

514. (R) *ma, a tarenimi*
“Não, não ficou.”

515. (P) *xãã a hwarayoma t^ha?*
moxi ki hwarayoma t^ha?
“Você ficou com gânglio inguinal inflamado?”
“Você ficou com gânglios?”

516. (R) *awe, a hwarayoma*
awe, pë hwarayoma
“Sim, fiquei.”

517. (R) *ma, a hwanimi*
ma, pë hwanimi
“Não, não fiquei.”

518. (P) *xãã a nionio upë t^ha (nini mahi t^ha)?*
“Seu gânglio inguinal está purulento (está doendo muito)?”

519. (R) *awe, a nionio upë (nini mahi)*
“Sim, está purulento (doendo muito).”

520. (R) *ma, a nionio upëimi (niniimi)*
“Não, não está.”

Fraturas

521. (P) *wiinaha wa u mǎro kuaai t^ha?*
“Como está o seu osso (como foi fraturado)?”

Para respostas específicas a esta frase e frases complementares, ver a parte “As doenças”, página 93.

522. (P) *wa u mǎro karānapëa hikikema t^ha?*
“Seu osso consolidou bem?”

523. (R) *awe, ya u mǎro karānapëa hikikema*
“Sim, consolidou bem.”
524. (R) *ma, ya u mǎro ërëhea tikokema*
“Não, infelizmente consolidou com uma protuberância (calo ósseo).”
525. (D) *BoaVistahami napë pëni wa u mǎro karānapëmarihe*
“Os brancos vão reduzir sua fratura em Boa Vista.”

Problemas de olhos e visão

Para frases complementares, ver a parte “As doenças”, página 134.

526. (P) *urihi wa pë taprai t^ha?*
“Você enxerga bem?”
527. (P) *awe, ya pë taprai hikio*
“Sim, enxergo normalmente.”
528. (R) *ma, ya pë tapraimi*
“Não, não enxergo normalmente.”
529. (P) *wa mama ki waipë t^ha?*
“Você tem conjuntivite?”
530. (R) *awe, ya mama ki waipë*
“Sim, tenho.”
531. (R) *ma, ya mama ki waipëimi*
“Não, não tenho.”
532. (P) *wa mama kasi yuupërayou kuha?*
“Você ficou com espinha na pálpebra?”
533. (R) *awe, ya mama kasi yuupërayoma*
“Sim, fiquei.”
534. (R) *ma, ya mama kasi yuupënimi*
“Não, não fiquei.”

535. (P) *wa mamō hīpi kure?*
“Você enfiou (alguma coisa) no seu olho?”
536. (R) *awe, ya mamō hīpema*
“Sim, enfiei (alguma coisa) no olho.”
537. (R) *ma, ya mamō hītonimi*
“Não, não enfiei (nada) no olho.”

Problemas de ouvido

Para frases complementares, ver a parte “As doenças”, página 134.

538. (P) *wa yēmaka ki ūūxi wai kura?*
“você tem dor (profunda) no ouvido?”
539. (R) *awe, yēmaka ki ūūxi wai*
“Sim, tenho.”
540. (R) *ma, ya yēmaka ki ūūxi waimi*
“Não, não tenho.”
541. (P) *wa yēmaka ki komi t^ha?*
“Seus ouvidos estão tapados?”
542. (R) *awe, ya yēmaka ki komi*
“Sim, estão.”
543. (R) *ma, ya yēmaka ki komiimi*
“Não, não estão.”
544. (P) *yēmaka kiha wa nionio upë hwapo ha?*
“Você tem pus saindo pelos ouvidos?”
545. (R) *awe, upë hwai*
“Sim, tenho.”
546. (R) *ma, upë hwaimi*
“Não, não tenho.”

Problemas odontológicos

547. (P) *wiinaha wa na ki kuaai t^ha?*

“Como estão seus dentes?”

Para respostas específicas a esta frase e frases complementares, ver a parte “As doenças”, página 136.

548. (P) *wa na ki nini t^ha?*

“Você tem dor de dentes?”

549. (R) *awe, ya na ki nini*

“Sim, tenho.”

550.(R) *ma, ya na ki niniimi, ya na ki totihi*

“Não, não tenho, meus dentes estão bem.”

5. EXAMES LABORATORIAIS

Coleta de sangue (seringa)

551. (I) *wa poko xaariki, iyëiyë ya pë toai!*

“(Por favor) Endireite seu braço, vou tirar um pouco de sangue!”

Coleta de sangue (lâmina)

552. (I) *wa nahasi ki totoki, wa nahasi ki tikiprai, hura ya taai!*

“(Por favor) Me mostre o seu dedo, vou furar para ver se você tem malária!”

Coleta de escarro

553. (I) *t^hoko wa hoprari, ya t^hë tëai!*

“(Por favor) Faça sair escarro, vou pegar!”

554. (I) *tarohami wa hwamapi, ïkarini wa ha t^hokomorini!*

“(Por favor) Faça sair do fundo depois de tossir com força!”

Coleta de fezes

555. (I) *wa xipë tëmorayou!*

“(Por favor) Traga uma amostra de fezes!”

556. (I) *aho ihuruhu wa xipë tëmaki!*

“(Por favor) Traga uma amostra de fezes de sua criança!”

Coleta de urina

557. (I) *hwei t^hëha wa nasi keeki, wa nasi totihi taai!*

“(Por favor) Urine nisso, vou ver se está tudo bem com sua urina!”

558. (I) *hwei t^hëha aho ihuruhu wa nasi keemaki, ya nasi wai taai!*
“(Por favor) Faça sua criança urinar nisso, vou ver se tem algo ruim na urina dela!”

Coleta de biópsia de pele

559. (D) *waĩsi ya ti si ha haniprarini, ya t^hë taai*
“Vou raspar um pouco da sua pele para examinar.”



Farmácia do posto de saúde (Joachim Ukuxipit^heri Yanomami, Demini, 1996)

6. TRATAMENTO

Nas frases abaixo, os pronomes pessoais *wa*, ‘você’ (nas perguntas) e *ya*, ‘eu’ (nas respostas) podem ser substituídos por *a*, ‘ele/ela’ sem outras modificações.

Geral

Para frases complementares, ver a parte “Cura, remédios e profilaxias ocidentais”, páginas 162-163.

560. (I) *hwei wa kiki tuhari, māu upë pihi kaē!*
“(Por favor) Tome estes comprimidos com água!”
561. (I) *hwei wa upë (uku) koari!*
“(Por favor) Tome este xarope (estas gotas)!”
562. (I) *wa mo rōrōhoki! ya uku poyomāi!*
“(Por favor) Olhe para cima, vou pingar gotas (nos seus olhos)!”
563. (D) *hwei t^hē ka kiini yami wa hwërimamou*
“Você pode usar este remédio (pomada, líquido) sozinho.”
564. (D) *ĩhĩ t^hēni wa riëmorayou*
“Pode esfregar isto (na sua pele/ferida).”
565. (I) *wa kahiki yorumamorayou!*
“(Por favor) Faça um gargarejo!”
566. (D) *wa totoki, wa tikiprai!*
“(Por favor) Venha aqui, vou lhe aplicar uma injeção!”
567. (I) *wa poko (komonaki) proheheki!*
“(Por favor) Relaxe o músculo do braço (da nádega)!”
568. (I) *wa hōt^hoki!*
“(Por favor) Incline-se para a frente (apoiado nas mãos)!”
(para injeção na nádega)

569. (D) *kaho riha suru ya uku xatimapou*
“Vou aplicar um soro em você.”

Crianças

570. (I) *wahaemë! wa kaë roa pariki!*
“(Por favor) Espere! Agache primeiro aqui com sua criança!”
571. (I) *hemeyo wa e kiki hikaki, a kirii māopë!*
“(Por favor) Você mesmo dê o remédio para ele não ficar com medo!”
572. (D) *kami yani ya upë t^hai, koreaha ya e upë koamāi*
“Vou diluir eu mesmo o remédio num líquido e dar com colher.”
573. (I) *wa t^hë hoopotino mai, wa t^hë tuhari!*
“Não guarde (o remédio) na sua boca, engula-o!”
(para a criança)
574. (I) *wa rahori!*
“(Por favor) Deite a criança no colo (joelhos)”
575. (I) *wa hōhatari!*
“(Por favor) Segure a criança no seu colo (ombro)”
576. (I) *wa hē huëri!*
wa hē kohipëri!
“(Por favor) Segure a cabeça da criança!”
577. (I) *wa huëri, ya tikiprai!*
“(Por favor) Segure a criança, vou aplicar uma injeção!”
578. (I) *hwei t^hë ka kiini wa e mahi hwërimiri (riëri)!*
“(Por favor) Trate (esfregue) o pé da criança com este remédio!”

Nas frases acima pode-se substituir as palavras sublinhadas por outros nomes de partes do corpo, ver páginas 65-72.

579. (I) *wa t^hoot^hai!*

“(Por favor) Tente acalmar a criança!”

Prescrição

580. (I) *hena tēhē wa huu kōōimāi, ai kiki xoa!*

“(Por favor) Volte amanhã, tem mais remédio para tomar!”

581. (I) *hena tēhē wa huu kōōimāi, wa hwërimāi kōōpē!*

“(Por favor) Volte amanhã, eu vou tratá-lo de novo!”

582. (I) *henaha wa ki tuhai kōō, ai hura kiki xoa!*

“Amanhã você tem que tomar remédios de novo, ainda tem comprimidos contra malária (para tomar)!”

583. (I) *henaha inaha kiki kure wa koa kōari!*

“Você vai tomar este tanto de comprimidos de novo amanhã!”

Na frase acima a palavra sublinhada pode ser substituída pelas expressões seguintes:

ai t^hē henaha

‘depois de amanhã’

ai t^hē hena kōha

‘dois dias depois de amanhã’

584. (I) *hwei, hena tēhē wa t^hē koari!*

“Você vai ter que tomar este remédio aqui pela manhã!”

585. (I) *mot^hoka yōōroo tēhē ai wa koa kōari!*

“Ao meio-dia você vai tomar outro (remédio igual a este)!”

Nas frases acima as palavras sublinhadas podem ser substituídas pelas expressões seguintes (para outros exemplos, ver os conceitos básicos de tempo no Apêndice I, página 273):

<i>haruu tēhē</i>	‘ao amanhecer’
<i>mot^hoka tirerayou tēhē</i>	‘cerca de dez horas da manhã’
<i>mot^hoka tirehetao xooa tēhē</i>	‘cerca de três horas da tarde’
<i>weyate tēhē</i>	‘à tarde’
<i>titirayou tēhē</i>	‘ao escurecer’
<i>titi miamo tēhē</i>	‘no meio da noite’

586. (I) *inaha t^hē nē titi kureha wa ki koa kōari!*
 “Você vai tomar este remédio durante tanto tempo!”
 (indicando o número de noites com os dedos)
587. (P) *ihī kikini wa harora?*
 “Você está ficando bom com este remédio?”
588. (R) *awe, ya harorayoma*
 “Sim, fiquei bom.”
589. (P) *weyaha ya ki hipikiwi, wa ki koa hikiarema t^ha?*
 “Você tomou mesmo os remédios que eu dei ontem?”
590. (R) *awe, ya ki koa hikiarema*
 “Sim, tomei.”

Efeitos colaterais

591. (P) *wa yēmaka ki sīrimou kuha?*
 “Você tem zumbido nos ouvidos?”
592. (R) *awe, ya yēmaka ki sīrimorayoma*
 “Sim, tenho.”
593. (R) *ma, ya yēmaka ki totihi*
 “Não, não tenho. Meus ouvidos estão bons.”

594. (D) *hura kikini wa yëmaka ki sīrimorayoma*
“É por causa do remédio contra malária que você tem zumbido nos ouvidos.”
595. (D) *ihĩ kikini wa mōepëa përatio*
“Este remédio pode fazer você sentir vertigem.”
596. (D) *ihĩ kikini wa uutitia përatio*
“Este remédio pode fazer você sentir fraqueza.”
597. (D) *ihĩ kikini wa xuhutia përatio*
“Este remédio pode fazer você sentir coceira.”
598. (D) *wa xuhurumono mai, waiha wa maprou*
“Não fique preocupado, mais tarde isto vai passar.”

Anestesia local e sutura

599. (D) *ya t^hë tikiri tēhë, ti si t^homopërayou*
“Assim que aplicar a injeção, a área vai ficar entorpecida.”
600. (D) *ti si t^homopëo tēhë ya t^hë hehāprai*
“Quando (a área da ferida) ficar entorpecida, eu vou suturar.”
601. (D) *wa kirino mai ya t^hë hehāāi pio*
“Não fique com medo, eu só vou suturar (a ferida).”

Prevenção das afecções cutâneas

602. (D) *tisikamono mai, t^hë warasipërayou*
“Não se coce, você vai ficar cheio de feridas.”
603. (D) *tisikamono mai, t^hë praukurayou*
“Não se coce, isto vai se espalhar por todo lugar.”
604. (D) *aho rio wa kohiki yāruprari,*
ha yāruprarini ponimoxiha wa kohiki praki
“Você vai ter que lavar a sua rede e secá-la ao sol.”

605. (D) *kapixa wa ki xami titipono mai, wa xuhuti ĩraki*
“Não pode vestir roupas sujas, vai pegar coceira.”

Imunização

606. (D) *sarapo upëni wa hwasipë tikiprai*
“Eu vou injetar vacina (‘líquido’) contra sarampo no seu omoplata.”
607. (D) Tuberculose *upëni wa poko tikiprai*
“Eu vou injetar vacina (‘líquido’) contra tuberculose no seu braço.”
608. (D) *wa xawaramou maõpë*
“É para você não ficar com doença epidêmica.”

Remoção

609. (D) *hweiha wa harou mão tēhë Postohami (Boa Vistahami)*
wa ximãi
“Se você não melhorar aqui, eu vou mandar você para o Posto de Saúde (para Boa Vista).”
610. (P) *Postohami (Boa Vistahami) wa totoo pihio t^ha?*
“Você quer ir se consultar no Posto de Saúde (em Boa Vista)?”
611. (R) *awe, ya huu*
“Sim, eu quero ir.”
612. (R) *ma, ya huuimi*
“Não, eu não quero ir.”
613. (D) *wa noamiono mai, hweiha wa haromãiwi t^hë pë mi*
“Não se recuse a ir, aqui não tem o que precisa para tratar você.”

7. PERDA DOS SENTIDOS E MORTE

Desmaios

Para frases complementares, ver a parte “Descrição dos sintomas”, páginas 115-120.

614. (D) *a nomãi mahia*
“Está passando muito mal (perdendo consciência).”
615. (D) *a nomaa mahiparioma*
“Ficou muito mal (prostrado na sua rede).”
616. (P) *a pihi mapraki kuha?*
“Acabou de perder os sentidos?”
617. (R) *awe, a pihi mapraki kini*
“Sim, ele/ela acabou de perder os sentidos.”
618. (D) *a waximiprou*
“Está desmaiando.”
619. (D) *a waximikema* (focalizado)
a waximiprarioma (não focalizado)
a waximikenoa (não testemunhado)
“Desmaiou.”

Óbitos

É raro ouvir os Yanomami mencionarem um óbito de maneira direta. Quando acontece trata-se de pessoas geográfica e socialmente distantes. Pode-se, neste caso, ouvir:

620. (P) *a nomarayou kuha?*
“Morreu (agora, há pouco)?”
621. (R) *awe, a nomarayou kini*
“Sim, acabou de morrer.”
622. (P) *a nomarayou kure?*
“Morreu (ontem, há um tempo)?”

623. (R) *awe, a nomarayoma*
“Sim, morreu (passado indefinido).”

Mas, para informar-se de um óbito através dos co-residentes do morto, os profissionais de saúde deverão, para não ofender, usar expressões indiretas (ver a parte “Menção do óbito”, páginas 166-170), como, por exemplo, dirigindo-se a um xamã:

624. (P) *wa imi huherayou kuha?*
“O seu paciente acabou de morrer?”
(lit. ‘Você acabou de largar a mão?’)
625. (R) *awe, ya imi huherayou kini*
“Sim, acabou de morrer (há pouco, agora).”
626. (P) *wa imi huherayou kure?*
“Seu paciente morreu (ontem, há tempo)?”
627. (R) *awe, ya imi huherayou kure*
“Sim, morreu (ontem, há tempo).”
628. (R) *awe, ya imi huherayoma*
“Sim, morreu.” (tempo indefinido)
629. (P) *a wīxīa yawēpraki kuha (kure)?*
“O doente morreu agora (há tempo)?”
(lit. ‘O seu sopro vital ficou curto demais?’)
630. (R) *awe, a wīxīa yawēpraki kini (yawēpraki kure)*
(yawēprakema)
“Sim, acabou de morrer (morreu há tempo) (morreu).”

8. GINECOLOGIA, OBSTÉTRICA, E PEDIATRIA

Menstruação

Nas frases abaixo o pronome pessoal *a*, ‘ela’ pode ser substituído por *wa*, ‘você’ (nas perguntas) e *ya*, ‘eu’ (nas respostas).

631. (P) *a yĩpĩmoa hikirayou kure?*
“Ela já teve a sua primeira menstruação (há tempo)?”
632. (R) *awe, a yĩpĩmoa hikirayoma*
“Sim, ela já teve.”
633. (R) *ma, a yĩpĩmonimi, a rië xoa*
“Não, ela não teve ainda, ainda é nova.” (lit. ‘crua’)
634. (P) *a na iyë roaroamou hiki t^ha?*
“A menstruação dela está normal?”
635. (R) *awe, a na iyë roaroamou hiki*
“Sim, está.”
636. (R) *ma, a na iyë rooimi*
“Não, ela não está tendo menstruação.”
637. (R) *ma, a piriã tirea hikirayoma*
“Não, ela parou de menstruar.” (menopausa)
638. (P) *a na iyë hwai xi wārĩprou t^ha?*
“Ela está sangrando sem parar?”
639. (R) *awe, a na iyë hwai xi wārĩprou*
“Sim, está.”
640. (R) *ma, a wehea hikirayoma*
“Não, ela já parou de sangrar.” (lit. ‘já ficou seca’)

Ginecologia

641. (P) *wamou tēhë, wa na nini t^ha?*
“Você tem dor quando tem relação sexual?”

642. (R) *awe, ya na nini*
“Sim, tenho.”
643. (R) *ma, ya na niniimi*
“Não, não tenho.”
644. (P) *wa na rīa hit^hāri t^ha?*
“Você tem mau cheiro vaginal?”
645. (R) *awe, ya na rīa hit^hāri*
“Sim, tenho.”
646. (R) *ma, ya na rīa hit^hāriimi*
“Não, não tenho.”

As respostas, positivas e negativas, às perguntas que se seguem podem ser formadas da mesma maneira que nos exemplos anteriores:

647. (P) *wa nau upē axi (au) hwai t^ha?*
“Você tem corrimento vaginal amarelo (branco)?”
648. (P) *wa na xuhuti t^ha?*
“Você tem coceira vaginal?”
649. (P) *wa na nionio upē (waroho) (waĩsipē) hwai t^ha?*
“Você tem corrimento vaginal com (muito) (pouco) pus?”
650. (P) *wa na iyēiyēpē (waroho) (waĩsipē) hwai t^ha?*
“Você tem corrimento vaginal com (muito) (pouco) sangue?”
651. (P) *wa xit^hemaki nini (xoa)t^ha?*
“Você tem (ainda) dores na altura do útero?”
652. (D) *kaho wa naha ya imi rukëri xa? ya wai taai*
“Posso fazer um toque vaginal? Vou ver de que mal você está sofrendo.”

Gravidez

653. (P) *a wei kiakiamou t^ha?*
“A criança mexe?”

654. (R) *awe, a kiakiamou*
“Sim, mexe.”
655. (R) *ma, a si wai, a kiaaimi mahi*
“Não, ela é ‘silenciosa’, não mexe mesmo.”
656. (P) *wa pisi preei xoa kura?*
“Sua barriga ainda está crescendo?”
657. (R) *awe, ya pisi preei xoa*
“Sim, está.”
658. (R) *ma, ya pisi preei maprarioma*
“Não, parou.”

Parto

659. (P) *hwei tēhē a mo hwetuprario kuha?*
“O feto se virou de cabeça para baixo?”
660. (R) *awe, a mo hwetua hikiprarioma*
“Sim, ele se virou de cabeça para baixo.”
661. (R) *ma, a mo hwetupronimi*
“Não, ele não se virou de cabeça para baixo.”
662. (P) *a hōkōki kuha?*
a xi wārīki kuha?
“Ele está preso?”
663. (R) *awe, a hōkōkema (xi wārīkema)*
“Sim, ficou preso.”
664. (R) *ma, a hwaa imatayou*
“Não, está saindo.”
665. (P) *ihuru a nini mahiprario kuha?*
“As dores do parto (as contrações) estão aumentando?”
666. (R) *awe, a nini mahiprarioma*
“Sim, a dor está aumentando.”

667. (R) *ma, a nini maa kōkema*
“Não, a dor parou de novo.”
668. (P) *nahi upë hwapo ha?*
“A bolsa de água rompeu-se?”
669. (R) *awe, nahi upë hwapema*
“Sim, a bolsa de água rompeu-se.”
670. (R) *ma, nahi upë hwanimi xoa*
“Não, não se rompeu ainda.”
671. (P) *wa kohosiki waximi t^ha?*
“Você está com a bacia dilatada?”
672. (R) *awe, ya kohosiki waximi*
“Sim, estou.”
673. (I) *īkarini wa wat^hemorayou!*
“(Por favor) Faça força contraindo a barriga!”
674. (I) *wa wat^hemou maa pariki!*
“(Por favor) Pare de contrair a barriga um momento!”
675. (I) *īkarini wa wat^hemou kōō!*
“(Por favor) Faça força de novo!”
676. (P) *ihuru a temi t^ha?*
“A criança está bem?”
677. (R) *awe, a wei temi*
“Sim, está.”
678. (P) *nasiki komi hwapo ha?*
“A placenta saiu inteira?”
679. (R) *awe, nasiki komi hwapi kini*
“Sim, acabou de sair.”
680. (R) *ma, a hwanimi, a titia xoa, waiha a hwapi*
“Não, não saiu, ainda está dentro, vai sair mais tarde.”

Pós-parto

681. (P) *suhu upë hwai t^ha?*
“Você tem leite?”
682. (R) *awe, upë hwai*
“Sim, tenho.”
683. (R) *ma, upë hwaimi*
“Não, não tenho.”
684. (P) *iyë xiko mahi t^ha?*
“Você está sangrando muito?”
685. (R) *awe, iyë xiko mahi xoa*
“Sim, ainda estou sangrando muito.”
686. (R) *ma, iyë maa hikiprariyoma*
“Não, já não estou mais.”

Pediatria

687. (P) *tii tēhë a wei siomou kuha?*
“A criança teve uma noite agitada?”
688. (R) *awe, a siomou kupëni*
“Sim, teve.”
689. (R) *ma, a mio hikioma*
“Não, dormiu normalmente.”
690. (P) *tii tēhë a wei miprou mǎo kuha?*
“A criança não dormiu durante a noite?”
691. (R) *awe, a mipronimi*
“Não, não dormiu.”
692. (P) *a wei amixi kōō t^ha?*
suhu upë koai t^ha?
“A criança está mamando?”
693. (R) *awe, a amixi kōō hiki*
awe, upë koai hikia
“Sim, está.”

694. (R) *ma, a amixi kōōimi*
ma, upē koaimi
“Não, não está.”
695. (P) *wamotima tihī pē kohipē wai t^ha?*
“A criança come comida sólida?”
696. (R) *awe, t^hē pē wai*
“Sim, come.”
697. (R) *ma, t^hē pē waimi, kahiki oxe xoa yaro*
“Não, não come, está muito nova ainda.”
698. (P) *a wei patai kura?*
“A criança está crescendo?”
699. (R) *awe, a wei pataa imatayou*
“Sim, está.”
700. (R) *ma, a wei oxe xoa*
“Não, a criança está ainda nova.”
701. (P) *haparima na ki hwarayou kuha?*
“Já saíram os primeiros dentes da criança?”
702. (R) *awe, na ki hwarayoma*
“Sim, saíram.”
703. (R) *ma, na ki mi xoa*
“Não, não saíram ainda.”
704. (P) *a wei huprou t^ha?*
“A criança está começando a andar?”
705. (R) *a wei huprou hiki*
“Sim, está.”
706. (R) *ma, huproimi xoa*
“Não, ainda não está.”
707. (P) *a wei iriamou t^ha?*
“A criança está brincando (normalmente)?”

708. (R) *awe, a iriamou mahi hiki*
“Sim, está brincando muito.”
709. (P) *pihi wei hatukura?*
“A criança está com pensamento ‘vivo’?”
710. (R) *awe, mamō ki mōyami*
“Sim, seus olhos estão ‘espertos’.”
711. (R) *ma, mamō ki porepē mahi*
“Não, seus olhos estão muito ‘em estado de fantasma’.”
712. (R) *ma, a wei nosi mahi*
“Não, está muito mole.”
713. (P) *haparima na ki prērērayou kuha?*
“Caíram os dentes de leite da criança?”
714. (R) *awe, na ki prērērayoma*
“Sim, caíram.”
715. (R) *ma, na ki prērēnimi*
“Não, não caíram.”

Mortalidade infantil

Geral

Para exemplos relativos à morte de recém-nascidos ou de crianças durante o parto, ver na parte “As doenças”, as seções: “Ataques de espíritos xamânicos” (página 100), “Ataques ao duplo animal” (página 102), “Ataques de espíritos maléficos” (página 103) e “Quebra de proibições alimentares” (página 109). Ver também, de maneira geral, as partes “A morte” (páginas 165-170) e “Perda dos sentidos e morte” (páginas 239-240).

716. (P) *wiinaha a wei kuprario kuha?*
“O que aconteceu com a criança?”

717. (P) *e nomarayonoa kuha?*
“A criança dela morreu?”
718. (R) *awe, e nomarayoma*
“Sim, morreu.”
719. (R) *ma, e nomanimi*
“Não, não morreu.”
720. (R) *a wei waximi hwaa pëpema*
“Ela nasceu morta.”
721. (R) *a wei nomaa përayoma*
“Ela morreu (sem causa determinada).”
722. (R) *a wei xëprarema*
“Ela (a mãe) a matou.”

Natimortalidade

723. (P) *ihuru a waximi hwai pihio t^ha?*
“A criança está nascendo morta?”
724. (R) *awe, a waximi hwaa imatayou*
“Sim, está.”
725. (R) *ma, yayo t^hë, ihuru a niniimi*
“Não, é outra coisa, o feto não está com ‘dor’.”
726. (P) *ai a waximi hwaa paripema t^ha?*
“Você já teve uma criança natimorta antes?”
727. (R) *awe, ai a waximi hwaa paripema*
“Já tive.”
728. (R) *ma, ai a waximi hwao parionimi*
“Não, não tive.”
729. (P) *e waximi hwapenoa kuha?*
“A criança dela nasceu morta?”

730. (R) *awe, e waximi hwapema*

“Sim, nasceu morta.”

731. (R) *ma, e waximi hwanimi, a wei temi*

“Não, não nasceu morta, está viva.”

Infanticídio

O infanticídio ocorre geralmente entre os Yanomami quando a criança nasce malformada ou quando a mãe não tem condições de amamentar e alimentar normalmente seu bebê, isto é, quando ela está doente, muito nova ou solteira, quando tem gêmeos (um é então sacrificado), ou quando tem uma criança antes do fim do período de amamentação da anterior (os Yanomami procuram manter idealmente cerca de três anos entre cada nascimento para permitir uma boa amamentação de seus filhos). As mulheres Yanomami praticam também o aborto por alguns dos motivos citados acima e outros, como desentendimento conjugal, excesso de crianças para criar, *etc.*

No passado, estas práticas tinham por conseqüência não só garantir às crianças sobreviventes boas condições imunológicas e nutricionais face às patologias locais, mas também manter, a nível geral, um equilíbrio entre recursos, população e sistema produtivo. Hoje, em muitas regiões dizimadas pelas doenças trazidas pelo contato, aborto e infanticídio tornaram-se ameaças para a sobrevivência coletiva dos Yanomami.

Deve-se igualmente ficar atento ao fato de que, nas áreas onde a assistência médica está favorecendo um forte crescimento demográfico, a redução do espaçamento de filhos pode resultar, a curto prazo, num quadro nutricional e sanitário muito precário para as crianças (redução da duração da amamentação, excessivo número de crianças por adulto produtivo, diminuição dos recursos alimentícios)⁶⁹.

⁶⁹ Ver Neel 1974:209-10.

732. (P) *wa wei xëprari kuha (kure)?*
“Você matou a criança (agora, há pouco) (ontem, há tempo)?”
733. (R) *awe, ya wei xëprari kini (xëprari kure)*
(xëprarema)
“Sim, matei agora, há pouco (ontem, há um tempo) (passado indefinido).”
734. (R) *ma, ya wei xëpranimi*
“Não, não matei.”
735. (P) *a wei xëprarenoa kuha?*
“Ela matou a criança (não testemunhado)?”

As respostas prováveis a esta pergunta indireta serão idênticas às anteriores, usando *a*, ‘ela’ em lugar de *ya*, ‘eu’).

Para perguntas sobre aborto pode-se usar as mesmas formulações, colocando a expressão *pisiha* (lit. ‘dentro da barriga’) no começo das frases (associando-a, assim, ao verbo *xëpra-i* ‘matar’):

- pisiha wa wei xëprari (kuha) (kure)?*
“Você abortou (agora, há pouco) (ontem, há tempo)?”
- pisiha a wei xëprarenoa kuha?*
“Ela abortou (não testemunhado)?”

9. ATENDIMENTO ODONTOLÓGICO

736. (I) *hweiha wa tikiki!*
“(Por favor) Sente-se aqui (na cadeira)!”
737. (I) *wa kahiki rerekeki!*
“(Por favor) Abra a boca para cima!”
738. (D) *wa na ki taai pario*
“Vou olhar seus dentes primeiro.”
739. (D) *wa na ki kamakari xipë*
“Você tem cáries.”
740. (D) *hwei wa na ki auprai (totihiprai)*
“Eu vou limpar (consertar) estes dentes.”
741. (D) *hwei wa na ki pëka hokekeprai*
“Vou raspar estes buracos no seus dentes.”
742. (D) *hwei wa na ki pëka hehuai*
“Vou fechar estes buracos no seus dentes.”
743. (D) *hwei wa na mat^ha*
“Este dente está quebrado.”
744. (D) *ihĩ ya xirõ ukëprai*
“Vou só arrancar este.”
745. (D) *wa na ki hëi^ho tikiat pario, wa nini taaprou mãopë*
“Vou dar primeiro uma injeção na sua gengiva para você não sentir dor.”
746. (P) *t^hë nini waoto xoa ma t^ha?*
“Você ainda sente dor?”
747. (R) *awe, t^hë nini waoto xoa*
“Sim, estou sentindo.”
748. (R) *ma, t^hë nini maa imatayou*
“Não, está diminuindo.”
749. (P) *ya t^hë tikia kōki xa?*
“Posso dar outra injeção?”

750. (R) *awe, t^hë tikia kōki*
“Pode dar.”
751. (R) *ma, kua hikia! hwei tēhē ya kahiki si t^homopēa hikirayoma*
“Não, basta! Agora minha boca já ficou entorpecida.”
752. (D) *kuxuhano mai! kuxuhai tēhē iyē xiko hwarayou!*
“Não pode cuspir! Se você cuspir, (o lugar da extração) vai sangrar muito.”
753. (D) *hwei tēhē wa kuxuhamou*
“Agora, você pode cuspir.”
754. (I) *wa kahiki roukamorayou!*
“(Por favor) Enxague a boca com água!”
755. (I) *hemeyo wa tuhano mai!*
“(Por favor) Não engula o remédio!”
756. (I) *xināro wa u wateteri!*
“(Por favor) Morda a gaze!”
757. (D) *hwei t^hë wakaraha wa t^hë hute ihino mai!*
“Você não vai poder carregar coisas pesadas durante o dia.”
758. (D) *hute ihipu tēhē t^hë nini mahia kōrayou*
“Se você carregar coisas pesadas, a dor vai voltar muito forte.”
759. (D) *yopiyopiha wa huno mai*
“Você não deve caminhar ao sol.”
760. (D) *yopiyopiha wa huu tēhē t^hë nini mahia kōrayou*
“Se você caminhar ao sol, a dor vai voltar muito forte.”
761. (D) *kua hikia, it^hoa kōrayou*
“Está bom, pode descer (da cadeira).”
762. (I) *hemeyoni wa na ki hwërimiri! na ki kohipëpropë*
“(Por favor) Esfreguem seus dentes com o remédio! Eles vão ficar resistentes.” (aplicação de fluor para crianças)

10. ATENDIMENTO OFTALMOLÓGICO

763. (I) *wa naaripë tikiki!*
“(Por favor) Coloque seu queixo em cima disso!”
(exame com lâmpada de fenda)
764. (I) *wa huko rakëki!*
“(Por favor) Apoie sua testa contra isso!”
(exame com lâmpada de fenda)
765. (I) *wa mamõ ki ùrëkëki!*
“(Por favor) Abra bem os olhos!”
766. (I) *wa mamõ ki xatia kohipëki!*
“(Por favor) Fixe bem seu olhar!”
767. (I) *wa mamõ ki rërërëmono mai!*
“(Por favor) Não mexa os olhos!”
768. (I) *wa mama kasi miamiamono mai!*
“(Por favor) Não pisque!”
769. (I) *wa mamõ ki ha xatii kini, praha wa taai!*
“(Por favor) Fixe o seu olhar e olhe para longe!”



Viagem dos espíritos xamânicos (André Hewénahipit'eri Yanomami, Toototobi, 1981)

IV. APÊNDICES

1. CONCEITOS-CHAVE

Conceitos opostos

- | | | |
|-----|--|---|
| 1. | <i>aka porepë</i>
falar mal (enrolado) | <i>aka xaari</i>
falar bem (direito) |
| 2. | <i>aka xaari</i>
falar bem (direito) | <i>aka porepë</i>
falar mal (enrolado) |
| 3. | <i>ākēkē</i>
apertado | <i>prohe</i>
frouxo, solto |
| 4. | <i>au</i>
limpo, branco | <i>xami</i>
sujo |
| 5. | <i>ayakasi</i>
parcial (faltando uma parte) | <i>komi</i>
inteiro |
| 6. | <i>ēpēhē</i>
mole | <i>kohipë</i>
duro, forte, resistente |
| 7. | <i>ētē</i>
maduro | <i>oxe</i>
novo, imaturo (pessoa) |
| 8. | <i>ētē</i>
maduro | <i>tuku</i>
novo, imaturo (vegetal) |
| 9. | <i>ēkiri</i>
curvado para cima | <i>kuyuhu</i>
curvado para baixo |
| 10. | <i>haparima</i>
primeiro | <i>nohahami</i>
último |
| 11. | <i>heaka</i>
topo | <i>komosi</i>
fundo |
| 12. | <i>heakaha</i>
em cima de | <i>pepiha</i>
debaixo de |

13.	<i>hemohemoha</i> lá encima (colina, montanha)	<i>wētēwētēha</i> lá embaixo (colina, montanha)
14.	<i>here</i> molhado	<i>wehe</i> seco
15.	<i>hētēhē</i> leve	<i>hute</i> pesado
16.	<i>hōraa</i> aberto, com um buraco	<i>komi</i> tapado
17.	<i>hōre</i> mentira	<i>peheti</i> verdade
18.	<i>hōremou</i> mentir	<i>pehetimou</i> falar a verdade
19.	<i>hote</i> velho	<i>tute</i> novo, recente
20.	<i>hote t^hē ā</i> notícia velha	<i>tute t^hē ā</i> notícia recente
21.	<i>hōximi</i> mau, feio	<i>totihi</i> bom, bonito
22.	<i>hōyapou</i> manter escondido	<i>waotopou</i> manter visível, às claras
23.	<i>huhi</i> duro	<i>oxe</i> macio (carne)
24.	<i>huhi</i> duro	<i>usi</i> mole (madeira)
25.	<i>hute</i> pesado	<i>hētēhē</i> leve
26.	<i>hwērīpikiha</i> acima de	<i>pēhētēha</i> abaixo de

27.	<i>ihēte</i> bom atirador/caçador	<i>sīra</i> mau atirador/caçador
28.	<i>īkarini</i> com força	<i>opisiaini</i> suavemente, devagar
29.	<i>kasi ihēte</i> cheio	<i>proke</i> vazio
30.	<i>kasi poyoyo</i> cheio	<i>proke</i> vazio
31.	<i>kohipē</i> duro, forte, resistente	<i>ēpēhē</i> mole
32.	<i>kohipē</i> duro, forte, resistente	<i>noni</i> frágil, delicado
33.	<i>kohipē</i> duro, forte, resistente	<i>uutiti</i> fraco, débil
34.	<i>komi</i> inteiro	<i>ayakasi</i> parcial (faltando uma parte)
35.	<i>komi</i> tapado	<i>horaa</i> aberto, com um buraco
36.	<i>komosi</i> fundo	<i>heaka</i> topo
37.	<i>koro</i> dorso, parte de baixo, rio abaixo	<i>ora</i> frente, parte de cima, rio acima
38.	<i>kotaka</i> raso	<i>taro</i> profundo
39.	<i>kuyuhu</i> curvado para baixo	<i>ēkiri</i> curvado para cima
40.	<i>māro</i> ossudo	<i>yāhi</i> carnudo, gordo

- | | | |
|-----|--|--|
| 41. | <i>mohi</i>
preguiçoso | <i>ohote</i>
trabalhador |
| 42. | <i>mohoti</i>
estúpido, esquecido,
desatento | <i>mōyami</i>
inteligente, alerta,
atento |
| 43. | <i>mōyami</i>
inteligente, alerta,
atento | <i>mohoti</i>
estúpido, esquecido,
desatento |
| 44. | <i>napë</i>
inimigo | <i>nohi</i>
amigo |
| 45. | <i>napēmou</i>
demonstrar hostilidade | <i>nohimou</i>
demonstrar amizade |
| 46. | <i>namo</i>
afiado | <i>pusi</i>
sem fio, cego |
| 47. | <i>nohahami</i>
último | <i>haparima</i>
primeiro |
| 48. | <i>nohi</i>
amigo | <i>napë</i>
inimigo |
| 49. | <i>nohimou</i>
demonstrar amizade | <i>napēmou</i>
demonstrar hostilidade |
| 50. | <i>noni</i>
frágil, delicado | <i>kohipë</i>
duro, forte, resistente |
| 51. | <i>ohi</i>
faminto | <i>piti</i>
cheio, satisfeito |
| 52. | <i>ohote</i>
trabalhador | <i>yāxi</i>
preguiçoso |
| 53. | <i>ohote</i>
trabalhador | <i>mohi</i>
preguiçoso |

54.	<i>onih</i> curto	<i>rape</i> comprido
55.	<i>opisiaini</i> suavemente, devagar	<i>ĩkarini</i> com força
56.	<i>ora</i> frente, parte de cima, rio acima	<i>koro</i> dorso, parte de baixo, rio abaixo
57.	<i>oxe</i> novo, imaturo	<i>ētē</i> maduro (pessoa)
58.	<i>oxe</i> macio	<i>huhi</i> duro (como carne)
59.	<i>oxe</i> jovem, sem experiência	<i>pata</i> velho, grande, importante
60.	<i>paimi</i> cheio de vegetação	<i>roxi</i> limpo, desmatado
61.	<i>paimi</i> emaranhado	<i>wawë</i> claro (mata)
62.	<i>pata</i> velho, grande, importante	<i>oxe</i> jovem, sem experiência
63.	<i>peheti</i> verdade	<i>hõre</i> mentira
64.	<i>pehetimou</i> falar a verdade	<i>hõremou</i> mentir
65.	<i>pëhëtëha</i> abaixo de	<i>hwëripikiha</i> acima de
66.	<i>pepiha</i> por baixo de	<i>heakaha</i> por cima de
67.	<i>pesi</i> de malha apertada (cesta)	<i>warara</i> de malha aberta (cesta)

68.	<i>pihi ahete</i> estúpido (lit. 'pensamento perto')	<i>pihi praha</i> inteligente (lit. 'pensamento longe')
69.	<i>pihi mit^hari-i</i> pensar com estupidez (lit. 'pensar encostado')	<i>pihi piyëko-u</i> pensar com inteligência (lit. 'pensar em muitas direções')
70.	<i>pihi piyëko-u</i> pensar com inteligência	<i>pihi mit^hari-i</i> pensar com estupidez
71.	<i>pihi praha</i> inteligente	<i>pihi ahete</i> estúpido
72.	<i>pihi rie</i> bonito	<i>pihi wehe</i> feio
73.	<i>pihi wehe</i> feio	<i>pihi rie</i> bonito
74.	<i>piti</i> cheio, satisfeito	<i>ohi</i> faminto
75.	<i>po u</i> cheio de suco	<i>wehe</i> seco
76.	<i>poxoto</i> formando montículo	<i>yari</i> plano
77.	<i>prauku</i> largo	<i>yākete</i> estreito
78.	<i>pree</i> grande	<i>waĩsipë</i> pequeno
79.	<i>preyuku</i> longo demais	<i>yekihì</i> curto demais
80.	<i>prohe</i> frouxo, solto	<i>ākëkë</i> apertado

81.	<i>proke</i> vazio	<i>kasi poyoyo</i> cheio
82.	<i>proke</i> vazio	<i>kasi thēte</i> cheio
83.	<i>puhutu</i> baixo	<i>yarehe</i> alto (tamanho)
84.	<i>pusi</i> sem fio, cego	<i>namo</i> afiado
85.	<i>rāākaē</i> doente, enfermo	<i>temi</i> vivo, em boa saúde
86.	<i>rape</i> comprido	<i>onihī</i> curto
87.	<i>rīa rieri</i> cheiroso	<i>rīa wārī</i> fedorento
88.	<i>rīa wārī</i> fedorento	<i>rīa rieri</i> cheiroso
89.	<i>rië</i> cru	<i>ripi</i> cozido
90.	<i>ripi</i> cozido	<i>rië</i> cru
91.	<i>romihipë</i> magro	<i>wīte</i> gordo
92.	<i>rope</i> rápido	<i>yāniki</i> lento
93.	<i>roxi</i> limpo, desmatado	<i>paimi</i> cheio de vegetação
94.	<i>ruë</i> verde	<i>tate</i> maduro

95.	<i>ruë</i> verde	<i>wakë</i> maduro, vermelho
96.	<i>saĩ</i> frio, fresco	<i>yopi</i> quente
97.	<i>si hrakehe (si uutiti)</i> pele, superfície lisa	<i>si rōki</i> pele, superfície áspera
98.	<i>sipoha</i> fora	<i>taroha</i> dentro
99.	<i>sĩra</i> mau atirador/caçador	<i>ĩhēte</i> bom atirador/caçador
100.	<i>si rōki</i> pele, superfície áspera	<i>si hrakehe (si uutiti)</i> pele, superfície lisa
101.	<i>si t^het^he</i> barulhento	<i>si wai</i> silencioso, quieto
102.	<i>si wai</i> silencioso, quieto	<i>si t^het^he</i> barulhento
103.	<i>si yahete</i> fino	<i>t^het^he</i> grosso
104.	<i>tare</i> podre	<i>totihi</i> bom, fresco
105.	<i>taro</i> profundo	<i>kotaka</i> raso
106.	<i>taroha</i> dentro	<i>sipoha</i> fora
107.	<i>tate</i> maduro	<i>ruë</i> verde
108.	<i>temi</i> vivo, em boa saúde	<i>rããkaẽ</i> doente, enfermo

109.	<i>tete</i> demoradamente	<i>uë</i> por pouco tempo
110.	<i>t^hë mo ruë</i> nublado	<i>t^hë mo totihi</i> bom tempo
111.	<i>t^hë mo totihi</i> bom tempo	<i>t^hë mo ruë</i> nublado
112.	<i>t^hë në ohi</i> comida escassa	<i>t^hë në rope</i> comida abundante (mata, roça)
113.	<i>t^hë në rope</i> comida abundante	<i>t^hë në ohi</i> comida escassa (mata, roça)
114.	<i>t^het^he</i> grosso	<i>si yahete</i> delgado, fino
115.	<i>tire</i> alto	<i>yaatoto</i> baixo (lugar)
116.	<i>titi</i> escuro	<i>wakara</i> claro
117.	<i>toroko</i> torto	<i>xaari</i> reto
118.	<i>totihi</i> bom, bonito	<i>hõximi</i> mau, feio
119.	<i>totihi</i> bom, bonito	<i>tare</i> podre
120.	<i>tuku</i> novo, imaturo (vegetal)	<i>ëtë</i> maduro
121.	<i>tute</i> novo, recente	<i>hote</i> velho
122.	<i>tute t^hë ã</i> notícia recente	<i>hote t^hë ã</i> notícia velha

123. <i>usi</i> mole (madeira)	<i>huhi</i> duro
124. <i>uutiti</i> fraco, débil	<i>kohipë</i> duro, forte, resistente
125. <i>uë</i> por pouco tempo	<i>tete</i> demoradamente
126. <i>wahati</i> frio	<i>yopi</i> quente
127. <i>waĩsipë</i> pequeno	<i>pree</i> grande
128. <i>wakara</i> claro	<i>titi</i> escuro
129. <i>wakë</i> maduro, vermelho	<i>ruë</i> verde
130. <i>wã naki</i> ruído, voz forte	<i>wã wahoto</i> ruído, voz suave
131. <i>waoto</i> óbvio, visível	<i>xi wārĩhi</i> enrolado, ininteligível
132. <i>waotopou</i> manter visível, às claras	<i>hõyapou</i> manter escondido
133. <i>warara</i> de trama larga (cesta)	<i>pesi</i> de trama fechada (cesta)
134. <i>wã wahoto</i> ruído, voz suave	<i>wã naki</i> ruído, voz forte
135. <i>wawë</i> claro (mata)	<i>paimi</i> emaranhado
136. <i>wehe</i> seco	<i>here</i> molhado

137. <i>wehe</i> seco	<i>po u</i> cheio de suco
138. <i>wētēwētēha</i> lá embaixo (colina, montanha)	<i>hemohemoha</i> lá encima (colina, montanha)
139. <i>wīte</i> gordo	<i>romihipē</i> magro
140. <i>xaari</i> reto	<i>toroko</i> torto
141. <i>xami</i> sujo	<i>au</i> limpo, branco
142. <i>xi īhēte</i> generoso	<i>xi imi</i> avaro, pão-duro
143. <i>xi imi</i> avaro, pão-duro	<i>xi īhēte</i> generoso
144. <i>xīko</i> abundante	<i>xōrōrō</i> parco, esparso
145. <i>xi wārīhi</i> enrolado, ininteligível	<i>waoto</i> óbvio, visível
146. <i>xōrōrō</i> parco, esparso	<i>xīko</i> abundante
147. <i>yāhi</i> carnudo, gordo	<i>māro</i> ossudo
148. <i>yākete</i> estreito	<i>prauku</i> largo
149. <i>yāniki</i> lento	<i>rope</i> rápido
150. <i>yarehe</i> alto	<i>puhutu</i> baixo (tamanho)

151. <i>yari</i> plano	<i>poxoto</i> formando montículo
152. <i>yaatoto</i> baixo	<i>tire</i> alto (lugar)
153. <i>yāxi</i> preguiçoso	<i>ohote</i> trabalhador
154. <i>yekihi</i> curto demais	<i>preyuku</i> longo demais
155. <i>yopi</i> quente	<i>saĩ</i> frio, fresco
156. <i>yopi</i> quente	<i>wahati</i> frio

Conceitos básicos de espaço

157. <i>ahete</i> <i>ahete-ha</i> <i>ahete-hami</i>	perto perto (posição) perto (direção)
158. <i>ai t^hë-hami</i>	em outra direção
159. <i>ai t^hë hwetu-ha</i> <i>ai t^hë hwetu-hami</i>	no outro lado simétrico (posição) no outro lado simétrico (direção)
160. <i>hapi-ha</i>	mais longe no caminho
161. <i>he hayo-u-ha</i> <i>he hayo-u-hami</i>	para além de (posição) para além de (direção)
162. <i>he hëwëhë-ha</i> <i>he hëwëhë-hami</i>	num lugar deixado para trás numa direção deixada para trás (longe da vista)

163. hehu pariiki-ha	ao lado de uma colina
164. hehu xioka-ha	ao pé de uma colina
165. hemohemo-ha hemohemo-hami	lá em cima (posição) lá em cima (direção) (colina, montanha)
166. he prië-hë-ha he prië-tare-ha	um pouco adiante um pouco mais adiante
167. he tato-ha he tato-hami	no fim (de um trajeto) até o fim (de um trajeto)
168. he tore-ha he tore-hami	além (posição) além (direção)
169. he wë-o-pë-ha he wë-o-pë-hami	no limite (de um espaço) em direção ao limite (de um espaço)
170. horepë ha	nas terras altas
171. hrii-ha hrii-hami	no topo de (colina, montanha) em direção ao topo de
172. hriki-ha	no meio (linha, trajetória)
173. hwei harani	a partir daqui
174. hwei tëmë t ^h ë-hami	na minha direção (falante)
175. hwëripiki-ha	acima de
176. hwesika-ha	no topo de (colina, montanha)
177. hwetu kiki-a	um atrás do outro (posição simétrica)
178. hwetu pëtë-a	um ao lado do outro (posição simétrica)

179. koro
koro-ha
koro-hami
parte traseira, parte de baixo
rio abaixo (posição)
rio abaixo (direção)
180. makete-ha
makete-hami
na superfície (água, terra),
em cima de (cesta, carregamento)
em direção à superfície
181. māu uka-ha
no lugar onde se apanha água
182. mi amo-ha
no meio, no centro
183. mit^hari-ha
ao lado, junto
184. mot^hoka hu-ima-pë-hami
mot^hoka hwai-wi-hami
mot^hoka raro-ima-pë-hami
em direção leste
185. mot^hoka ma-pro-pë-hami
mot^hoka weya ke-pë-hami
mot^hoka weya-huru-wi-hami
em direção ao oeste
186. mo paki-i-ha
mo paki-i-hami
num lugar de encontro
em direção a um lugar de
encontro
187. ora
ora-ha
ora-hami
parte de cima, parte da frente
rio acima (posição)
rio acima (direção)
188. oxeoxe-ha
oxeoxe-hami
na floresta baixa (localização)
na floresta baixa (direção)
189. paeke-re-ha
paeke-tare-ha
perto, na frente
um pouco mais além, na
frente
190. pepi-ha
pepi-hami
por baixo de (posição)
por baixo de (direção)

191.	pëhëtë-ha pëhëtë-hamî	abaixo de para abaixo de
192.	pîkatî-ha pîkatî-hamî	no outro lado (rio, espaço aberto) em direção ao outro lado
193.	poriyoyo ùũxi-ha	no meio do caminho (obstáculo)
194.	praha prahai-ha prahai-hamî	longe longe (posição) longe (direção)
195.	prokeproke-ha prokeproke-hamî	numa clareira em direção a uma clareira
196.	roxiroxi-ha roxiroxi-hamî	num lugar desmatado, limpo em direção a um lugar desmatado, limpo
197.	sipo-ha sipo-hamî	fora para fora
198.	siposi-ha	na superfície (pele, casca)
199.	taro-ha taro-hamî	no fundo, dentro para o fundo, para dentro
200.	tîmitîmî-ha tîmitîmî-hamî	longe da margem afastando-se da margem
201.	u kasi-ha	na beira do rio
202.	u hekî-ha	nas cabeceiras de um rio
203.	u hekî hehu-ha	na região montanhosa das cabeceiras de um rio
204.	u pree-o-pë-ha	onde o rio é largo

205. u uka t^haki-ha na boca do rio
206. u waĩsipë-o-pë-ha onde o rio é estreito
207. urihi komi-ha na floresta não freqüentada
urihi komi-hami em direção à floresta não
freqüentada
208. ũūxi-ha dentro, no interior
ũūxi-hami para dentro, para o interior
209. waara-pra-ha além de um grande espaço
waara-tare-ha
210. wawëwawë-ha numa clareira
wawëwawë-hami em direção a uma clareira
211. wehewehe-ha afastado do rio, em terras
secas
wehewehe-hami afastando-se do rio,
em direção às terras secas
212. wërë-hami em direção à jusante
213. wëtëwëtë-ha lá embaixo (posição)
(colina, montanha)
wëtëwëtë-hami lá embaixo (direção)
214. xaari-hami em linha reta
215. xamixami-ha num lugar sujo
216. xerere-ha numa bifurcação
xerere-hami em direção a uma bifurcação
217. xomi-ha num lugar diferente
xomi-hami numa direção diferente
218. yahi pariki-ha dentro de casa
219. yahiri-ha do outro lado
(de uma colina, montanha)
yahiri-hami em direção ao outro lado

220. yamo-hami em direção à montante
221. yari-ha nas terras baixas
yari-hami em direção às terras baixas
222. yayo-ha em outro lugar
yayo-hami em outra direção
223. yoka-ha à parte (posição)
yoka-hami à parte (direção)
224. yõõro-hami em direção ao zênite

Conceitos básicos de tempo

225. ai maa tëhë nas próximas chuvas
226. ai porimoxi tëhë na próxima seca
227. ai poripo a hwa-i kō-õ tëhë no próximo quarto crescente,
na próxima lua
228. ai tëhë tore-ha em outro tempo além do
tempo de referência
(no passado ou no futuro)
229. ai tëhë tore kō-ha em outro tempo duplamente
afastado além do tempo de
referência
(no passado ou no futuro)
230. ai t^hë hena-ha depois de amanhã
231. ai t^hë hena kō-ha dois dias depois de amanhã
232. ai t^hë tëhë em outro tempo/momento,
outro dia
233. ai t^hë weya-ha anteontem
234. ai t^hë weya kō-ha trasanteontem

235. hapa primeiro, no começo
236. hapa-o tëhë nos primeiros tempos
237. harika tëhë 'na hora do orvalho'
(antes do amanhecer)
238. haru-u tëhë ao amanhecer
haru-huru-pë
haru-ima-ti
239. hena-ha cedo, de manhã
240. hena mahi tëhë amanhã de manhã bem cedo
241. hena tëhë amanhã
242. hwei mahi tëhë agora mesmo, imediatamente
243. hwei tëhë agora
244. mot^hoka tire-rayo-u tëhë cerca de dez horas da manhã
245. mot^hoka tire-heta-o xoa-o tëhë cerca de três horas da tarde
246. mot^hoka yōōro-o tëhë ao meio-dia
247. poripo a oxe-o tëhë no tempo do quarto crescente
248. poripo a pree-o tëhë no tempo da lua cheia
poripo a pree-pro-u tëhë
poripo a prauku-pro-u tëhë
249. poripo a pëxëkë-pro-u tëhë no tempo do quarto minguante
poripo a warã pata-o tëhë
250. poripo a ru-ki tëhë no tempo da lua nova
251. poripo a ayakasi-i tëhë no começo do quarto crescente
poripo a hwa-i tëhë
252. poripo a yōōro-pro-u tëhë quando a lua está no zênite

253.	t ^h ë mo hriki-pro-u tëhë	chegando à metade do tempo
254.	titi tëhë titi tëhë tii tëhë	à noite, durante a noite
255.	titi harōkō-ō tëhë	no crepúsculo
256.	titi-huru tëhë titi-huru-pë titi-ima-ti	no começo da noite
257.	titi hriki tëhë titi mi amo tëhë	no meio da noite
258.	titi-pro-u tëhë titi ku-pro-u tëhë titi-rayo-u tëhë	ao anoitecer
259.	tuto tëhë	recentemente
260.	waiha	mais tarde
261.	wakara tëhë	de dia, durante o dia
262.	weya-ha	ontem, há alguns dias, há algum tempo
263.	weya-huru tëhë	ao entardecer, ao anoitecer
264.	weya mahi ha	ontem mesmo, há muito pouco tempo
265.	weyate tëhë	à tarde
266.	yutu	muito antes, já faz tempo
267.	yutu-ha	passado ou futuro longínquo

2. CARACTERÍSTICAS E ATIVIDADES CORPORAIS

Características físicas

- | | |
|--|---|
| 1. pree | corpulento, gordo |
| 2. he rape | cabelo comprido |
| 3. he totoho | cabeça deformada com protuberâncias |
| 4. he wakērē
he wamōte | cabelo ondulado |
| 5. he xūrūrū | cabelo ouriçado |
| 6. ire-pē | cabelo branco |
| 7. mamō ki ũūrēke
mamō ki poyoyo | olhos globulosos |
| 8. mamō ki wakara
mamō ki warara
mamō ki ērara
mamō ki wahē | olhos claros |
| 9. mǎro | ossudo |
| 10. pariki rukehe
ora rukehe | peito largo |
| 11. pēxēki | muito pequeno (criança) |
| 12. pīsi t ^h ēēkērē | barriga falsamente cheia (quando sentado) |
| 13. pīsi yakete
pīsi horoho | um pouco barrigudo |
| 14. prēkēhē | com barriga estufada |
| 15. puuxi | muito baixo |

16. puhutu	muito baixo
17. romihi-pë	magro
18. uutiti	fraco, débil
19. waĩtaro	emagrecido
20. yāhi	carnudo, gordo
21. yarehe	alto
22. yōmo	barrigudo

Funções corporais básicas

Nos verbos a seguir os sufixos *-i* ou *-u* indicam a voz ativa e *-mo-u* a voz reflexiva. (*-pra-* indica a intensidade).

23. aka t ^h aho-mo-u	bater a língua
24. tukutuku-mo-u yutuyutu-mo-u	bater (coração)
25. etisia-mo-u	espirrar
26. hērēku-u	respirar
27. hērēhērē-mo-u	respirar profundamente
28. hūxo-mo-u	assobiar
29. hōhara-mo-u	rõncar
30. hora-i	soprar
31. ikā-i	rir
32. ipīti-mo-u	arrostar
33. ia-i	comer (intransitivo)
34. kahiki rere-i	bocejar

- | | |
|------------------------------|------------------------------------|
| 35. kahiki totihu-u | ter apetite |
| 36. kēērekēēre-mo-u | ter uma respiração irregular |
| 37. koa-ĩ | beber, inalar |
| 38. komoxi yoru-u | ter náusea |
| 39. krōhō-mo-u | fazer barulhos com as articulações |
| 40. kuxuha-ĩ | cuspir |
| 41. mama kasi ki miamia-mo-u | piscar |
| mama kasi ki akēkēakēkē-mo-u | |
| misi miamia-mo-u | |
| 42. mamoxi xati-a | olhar fixamente |
| 43. misi mi-o | fechar os olhos |
| misi mi-a | estar com os olhos fechados |
| 44. mi-o | estar adormecendo |
| mi-a | estar dormindo |
| 45. moxi yoru-u | ter uma ereção |
| 46. nasi ke-yo-u | urinar |
| 47. rã-ĩ | acordar |
| 48. rixã-ĩ | cheirar |
| 49. tuha-ĩ | engolir |
| 50. tuhra-ĩ | vomitare |
| 51. wa-ĩ | comer (transitivo) |
| 52. waximi horu-u | descaçar |
| 53. wĩxĩa-mo-u | soprar quando estafado |
| 54. xi hēa hwa-ĩ | soltar flatos |

55. xi ke-yo-u defecar

56. xoko-mo-u soluçar

Sensações corporais

57. amixi ter sede

58. amoku wahë-i ter vertigem

59. hu-u wahë caminhar com sensação de vertigem

60. mārixixi ter sono

61. naiki ter fome (de carne)

62. nasi ihe ter vontade de urinar

63. ohi ter fome (geral)

64. ohi kaxu-u ficar esfomeado

65. pexi-mo-u ter desejo sexual

66. piti ficar satisfeito (comida)
cheio, inchado

67. saĩ-pra-i ficar com temperatura baixa

68. si koro-pë ficar arrepiado (frio)

69. si waprĩti
si wãeke ter a pele enrugada

70. wahati ter frio

71. waximi estar cansado

72. xi ihe ter vontade de defecar

73. xi toaha ter uma sensação de coceira
agradável, sensação de gozo

- | | |
|-------------------------|--|
| 88. rië-i
rië-mo-u | esfregar
esfregar-se com alguma substância |
| 89. tisika-mo-u | coçar-se |
| 90. xioka yãhe-mo-u | limpar-se a bunda |
| 91. yãhe-i
yãhe-mo-u | esfregar para secar
esfregar-se para secar |
| 92. yãru-u
yãru-mo-u | lavar com água
lavar-se com água, tomar banho |
| 93. yëmaka ki hixa-mo-u | limpar-se os ouvidos com um
pauzinho |

Atitudes e posições

Nos verbos a seguir o sufixo *-a*, que indica o fato de estar numa posição, pode ser substituído, entre outros, pelo sufixo *-o*, que indica o processo de chegar a esta posição ou pelo sufixo *-ki*, para formar um imperativo.

- | | |
|---------------------|---|
| 94. himixi-a | estar deitado na rede em posição fetal |
| 95. he wëtë-a | estar com a cabeça abaixada |
| 96. he rei-a | estar com a cabeça inclinada para baixo (na rede) |
| 97. kahiki rereke-a | estar com a boca aberta para cima |
| 98. kohosi rë-a | estar com as costas viradas (para o centro da maloca, por exemplo, na doença) |
| 99. mo he po-a | estar com a cabeça inclinada para a frente, olhar para baixo |
| 100. mo wëtë-a | estar olhando debaixo |

101. raho-a	estar deitado de barriga
102. pepi-a	estar embaixo de alguma coisa
103. piri-a	estar deitado na rede
104. puuxi-a	estar na rede numa posição fetal
105. rasi-pra-a	estar abaixado muito próximo do chão
106. ro-a	estar sentado no chão
107. tiki-a	estar sentado em alguma coisa
108. tipi-a	estar sentado na beira da rede
109. tieti-a	estar agachado na ponta dos pés
110. tureke-a	estar na sua rede com as costas viradas (para o fogo)
111. upra-a	estar em pé
112. wëxëtë-a	estar sentado ou deitado na beira de alguma coisa
113. yakoro-a	estar sentado com a rede entre as pernas
114. yërë-a	estar deitado no chão
115. yipihî-a	estar agachado

Movimentos menores

116. aka ketaketa-mo-u	virar a língua para o fundo da boca
117. ëëka-mo-u	abrir um orifício do corpo com os dedos (prepúcio, ânus, vagina)
118. hikã-î	pôr na boca
119. hoa-î	guardar algo na boca

120.	hōrōkā-i	esfregar para limpar
121.	hupa-i	tocar
122.	husu-pra-i	esmagar com a mão ou manter prensado para baixo
123.	hutika-i	apertar o braço com a mão
124.	huteta-i	fazer pressão apertando com os dedos
125.	īsika-i	fazer cócegas
126.	kāriā-i	esmagar com os dentes
127.	kë-pra-i krea-i	quebrar com a mão
128.	nakoa-i	lamber
129.	ōa-i	quebrar com os dentes (lêndea, frutas de palmeira)
130.	paīt ^h -a-i	bater com a ponta da mão
131.	si tiri-i	beliscar com as unhas
132.	tihu-a-i	beber com as mãos em concha
133.	tiri-a-i	pegar comida com a ponta dos dedos
134.	ukuka-i	sugar, sorver
135.	ususa-i	chupar
136.	waahe-o	baixar (a língua), apertar (a barriga)
137.	wapixa-i	cuspir sementes depois de comer uma fruta
138.	wateta-i	morder levemente, apertar com os dentes
139.	watika-i	mastigar

- | | |
|-------------------------------|--|
| 140. wat ^h e-mo-u | contrair o abdômen |
| 141. wat ^h ore-a-i | mudar de lado o tabaco na boca |
| 142. waxë-i | tirar da pele (uma espinha ou bicho-de-pé) |
| 143. waxika-i | mastigar com a ponte dos dentes |
| 144. (puu uku) wāxikiã-i | morder e chupar (cana) |
| 145. weei-a-i | pegar na boca |
| 146. witi-a-i | morder |
| 147. yare-a-i | colocar ao redor do pescoço |

Movimentos maiores

- | | |
|---------------------------|--|
| 148. akete-mo-u | espreguiçar-se (de lado) |
| 149. hēri-i | nadar |
| 150. hiyēti-a-i | ficar na ponta dos pés |
| 151. hōt ^h o-o | abaixar-se com o tronco paralelo ao chão |
| 152. huë-i | segurar com as mãos |
| 153. hurihi-a-i | pegar rapidamente com as mãos |
| 154. huri-mo-u | coçar-se em todo lugar |
| 155. hututa-i | abraçar para proteger |
| 156. hwārōkō-ã-i | abraçar |
| 157. kahe-i | escorregar |
| 158. kai̯ti-a-i | ficar de pé sobre os calcanhares |
| kai̯ti-a-huru | andar sobre os calcanhares |
| 159. karuka-i | esmagar com o pé |

160.	katika-i	pisar em cima
161.	katita-mo-u	espreguiçar-se (braços e pernas)
162.	krea-mo-u	espreguiçar-se (costas)
163.	mo hwetuhwetu-mo-u	virar de um lado para o outro constantemente (na rede)
164.	rahurahu-mo-u	andar com passo largo
165.	rërë-i	correr
166.	tieri-a-i	apoiar-se num pau
	tieri-mo-u	andar apoiado num pau
167.	tihiki-a-i	chocar-se ou bater em alguém com uma coisa pontuda
168.	utu-a-i	pegar pelo pulso
169.	wëkëku-u	vacilar
170.	xai-a-i	puxar alguém pelo braço
171.	yaruku-a-i	colocar no ombro para carregar
172.	yatë-a-i	balançar
173.	yërërë-i	andar abaixado com o tronco inclinado para a frente
	yërëro-huru	caminhar abaixado com o tronco inclinado para a frente
174.	yipi-a-i	levantar alguma coisa com a(s) mão(s)
175.	yutu-a-i	tropeçar
	yutu-pra-i	pular

Movimentos direcionais

176. hĩprehe-i	esticar-se na ponta dos pés atingir alguma coisa em cima
177. himã-i	apontar com a mão, indicar
178. hore-a-i	engatinhar (humano), andar (animal)
179. mo he po-u	abaixar a cabeça para evitar um obstáculo
180. mo tehi-o	abaixar a cabeça (os olhos)
181. mo rōrō-o	olhar para cima
182. raki-o	encostar contra alguma coisa
183. ro-ra-rio	abaixar-se para evitar alguma coisa
184. sitihi-o	levantar repentinamente os pés ou as pernas para evitar algo
185. timi-i	descer, caminhar para baixo
186. toreku-u	subir (um morro)
187. tu-o	subir (numa árvore)
188. xokeku-u	caminhar dando voltas

Modos de carregar

Todos os verbos a seguir estão apresentados com um de seus sufixos comuns, *-po-u*, que leva o sentido de ‘carregar, guardar’:

189. hatete-po-u	carregar embaixo do sovaco
190. hōhata-po-u	carregar nos braços contra a barriga (criança)
191. ho-po-u	guardar na boca
192. huhima-po-u	carregar segurando com força

- | | |
|-------------------------------|---|
| 193. hwārōkō-po-u | carregar mantendo abraçado |
| 194. ihi-po-u | carregar nas costas |
| 195. it ^h iri-po-u | carregar em cima de uma carga |
| 196. mão-po-u | carregar no antebraço ou no ombro |
| 197. tikaro-po-u | carregar nos ombros, com pernas ao redor do pescoço (criança) |
| 198. tikīma-po-u | carregar sentado no colo ou no ombro |
| 199. utu-po-u | levar pelo pulso |
| 200. weei-po-u | carregar entre os dentes |
| 201. yaka-po-u | carregar numa tipóia (criança) |
| 202. yakoro-po-u | carregar de lado no quadril |
| 203. yare-po-u | ter ou carregar ao redor do pescoço |
| 204. yarehe-po-u | carregar algo com os braços estendidos acima da cabeça |
| 205. yërë-po-u | carregar nos braços verticalmente (contra o peito) |
| 206. yīpi-po-u | levar pendurado pela mão (seguro por um cipó, por uma alça) |

3. VOCABULÁRIO DE PARENTESCO

Geração dos pais (G+1)¹

Referência			Vocativo
1ª pessoa	2ª pessoa	3ª pessoa	
1. 'meu pai' ² (ipa) hwaē a	'teu/seu pai' (aho) hwaoho a	'o pai dele/dela' (kama) hwiĩ e ³	'Pai! napa! ⁴
2. 'minha mãe' ⁵ (ipa) naē a	'tua/sua mãe' (aho) naoho a	'a mãe dele/dela' (kama) nĩĩ e	'Mãe! napa!
3. 'meu tio/sogro' ⁶ (ipa) xoae a	'teu/seu tio/sogro' (aho) xoaha a	'o tio/sogro dele/dela' (kama) xiĩ e	'Tio/sogro! xoape! ⁷
4. 'minha tia/sogra' ⁸ (ipa) yae a	'tua/sua tia/sogra' (aho) yaoho a	'a tia/sogra dele/dela' (kama) yesi e	'Tia/sogra! yapa! ⁹ yaepë!

-
- ¹ Para todos os parentes de G+2 são usados termos de afinidade de G+1.
- ² São também classificados como ‘pai’ os irmãos do pai.
- ³ A terceira pessoa é muito usada em expressões do tipo ‘o pai de Luis’ (tecnonímia): ‘Luis *hwīī e*’.
- ⁴ Termo feminino usado por crianças e adultos.
- ⁵ São também classificadas como ‘mãe’ as irmãs da mãe.
- ⁶ Irmão da mãe (‘tio materno’) é equacionado com pai da esposa (‘sogro’).
- ⁷ Vocativo usado para tios maternos e até sogros classificatórios, especialmente pelos jovens. Evitam usar este vocativo para sogros efetivos. Dizem que, neste caso, “a boca fica com vergonha” (*kahiki kirii*). Os adultos o usam para sogros efetivos, mas sempre associado ao pronome pessoal da segunda pessoa do plural (*wama ki*) em sinal de distanciamento (por exemplo: *xoape ! wama ki hixiono mai*, ‘Sogro! **vocês** não devem ficar com raiva’).
- ⁸ Irmã do pai (‘tia paterna’) é equacionada com mãe da esposa (‘sogra’).
- ⁹ Vocativo apenas usado para tias paternas, especialmente pelos jovens, mas nunca para sogras efetivas ou mesmo classificatórias. Esta proibição é extremamente rígida para os homens que não podem aproximar-se de suas sogras e nem olhar para elas. As relações entre sogras e noras são mais informais.

Geração do falante (G 0)

Mulher falando:

Referência			Vocativo
1ª pessoa	2ª pessoa	3ª pessoa	
5. 'meu primo/marido' ¹⁰ (ipa) hēarie a (ipa) wāro a ¹²	'teu/seu primo/marido' (aho) hēaroho a	'o primo/marido dela' (kama) hēaropë e	_____ ¹¹
6. 'minha prima /cunhada' ¹³ (ipa) natihie a	'tua/sua prima /cunhada' (aho) natihio a	'a prima/cunhada dela' (kama) natihipë e	_____ ¹⁴
7. 'meu irmão' ¹⁵ (ipa) yaue a (ipa) yau a (ipa) õsema a ¹⁶ (ipa) wāroriga a ¹⁷	'teu/seu irmão' (aho) yauhu a	'o irmão dela' (kama) yau e	'Irmão!' õse!
8. 'minha irmã' ¹⁸ (ipa) heparae a (ipa) hepara a (ipa) õsema a	'tua/sua irmã' (aho) heparaha a	'a irmã dela' (kama) heparapë e	'Irmã!' õse !

-
- ¹⁰ O casamento preferido é com o primo cruzado (filho da irmã do pai e/ou filho do irmão da mãe).
- ¹¹ O termo ‘esposo’ não tem vocativo.
- ¹² *ipa warō a* significa ‘o meu homem’.
- ¹³ Prima cruzada (filha da irmã do pai e/ou filha do irmão da mãe) é equacionada com ‘cunhada’ (esposa do irmão e/ou irmã do marido).
- ¹⁴ O termo ‘cunhada’ não tem vocativo.
- ¹⁵ São também classificados como ‘irmão’ os primos paralelos (filhos do irmão do pai e/ou filhos da irmã da mãe).
- ¹⁶ *osema a* significa ‘irmão/ã’ independentemente do sexo do falante.
- ¹⁷ *ipa warōrima a* significa ‘minha contrapartida masculina’.
- ¹⁸ São também classificadas como ‘irmã’ as primas paralelas (filhas do irmão do pai e/ou filhas da irmã da mãe).

Geração do falante (G 0)

Homem falando:

Referência			Vocativo
1ª pessoa	2ª pessoa	3ª pessoa	
9. 'minha prima/mulher' ¹⁹ (ipa) t ^h uēpie a (ipa) t ^h uē a	'tua/sua prima mulher' (aho) t ^h uēpēhē a	'a prima/mulher dele' (kama) t ^h uēpē e	_____ ²⁰
10. 'meu primo/cunhado' ²¹ (ipa) herie a (ipa) xori a	'teu/seu primo/cunhado' (aho) heriho a	'o primo/cunhado dele' (kama) heri e	'Primo/cunhado!' xori!
11. 'meu irmão' ²² (ipa) heparae a (ipa) hepara a (ipa) õsema a	'teu/seu irmão' (aho) heparaha a	'o irmão dele' (kama) heparapē e	'Irmão!' õse !
12. 'minha irmã' ²³ (ipa) yaue a (ipa) yau a (ipa) õsema a (ipa) t ^h uërima a ²⁴ (ipa) t ^h uuxi a ²⁵	'tua/sua irmã' (aho) yauhu a	'a irmã dele' (kama) yau e	'Irmã!' õse !

-
- ¹⁹ O casamento preferido é com a prima cruzada (filha da irmã do pai e/ou filha do irmão da mãe).
- ²⁰ O termo ‘esposa’ não tem vocativo.
- ²¹ Primo cruzado (filho da irmã do pai e/ou filho do irmão da mãe) é equacionado com ‘cunhado’ (esposo da irmã e/ou irmão da mulher).
- ²² São também classificados como ‘irmão’ os primos paralelos (filhos do irmão do pai e/ou filhos da irmã da mãe).
- ²³ São também classificadas como ‘irmã’ as primas paralelas (filhas do irmão do pai e/ou filhas da irmã da mãe).
- ²⁴ *ipa t^huërima a* significa ‘minha contrapartida feminina’.
- ²⁵ Termo afetoso formado a partir da raiz *t^hu-*, ‘esposa, mulher’ (é também usado para ‘filha’ ver abaixo nota 30).

Geração dos filhos (G-1)²⁶

Referência			Vocativo
1ª pessoa	2ª pessoa	3ª pessoa	
13. 'meu filho' ²⁷ <i>(ipa) ihurue a</i> <i>(ipa) ihuru a</i>	'teu/seu filho' <i>(aho) ihuruhu a</i>	'o filho dele(a)' <i>(kama) ihurupë e</i>	'Filho!' <i>õse!</i>
14. 'minha filha' ²⁸ <i>(ipa) t^hëëe a</i> <i>(ipa) t^huuxi a³⁰</i>	'tua/sua filha' <i>(aho) t^hëëho a</i>	'a filha dele/dela' <i>(kama) t^hëë e</i>	'Filha!' <i>õse!²⁹</i>
15. 'meu sobrinho/genro' ³¹ <i>(ipa) t^hārisie a</i> <i>(ipa) t^hāri a</i>	'teu/seu sobrinho/genro' <i>(aho) t^hārisihi a</i>	'o sobrinho/genro dele(a)' <i>(kama) t^hārisipë e</i>	'Sobrinho!'/ 'Genro!' <i>t^hārikipë!</i> <i>t^hāripë!³²</i>
16. 'minha sobrinha/nora' ³³ <i>(ipa) t^hat^hee a</i>	'tua/sua sobrinha/nora' <i>(aho) t^hat^heho a</i>	'a sobrinha/nora dela(a)' <i>(kama) t^hat^he e</i>	'Sobrinha!'/ 'Nora!' <i>t^hat^heekipë!</i> <i>t^hat^heepë!³⁴</i>

-
- ²⁶ Em G-2 são usados termos de afinidade de G-1 (filhos de filho e nora) e G 0 (filhos de filha e genro).
- ²⁷ São também classificados como ‘filhos’ os filhos dos irmãos e dos primos paralelos.
- ²⁸ São também classificadas como ‘filhas’ as filhas dos irmãos e dos primos paralelos.
- ²⁹ O vocativo *ōse!* (‘filho/filha!’ e ‘irmão/irmã!’) é frequentemente usado até mesmo para filhos/filhas de irmã (homem falando) ou filhos/filhas de irmão (mulher falando) quando pequenos (em vez de *t^hārikipë/t^hat^heeqipë!*).
- ³⁰ Termo afetuoso usado para meninas crescidas.
- ³¹ Filho da irmã (‘sobrinho’) é equacionado com esposo da filha (‘genro’).
- ³² Estes vocativos são mais usados para sobrinhos ou até para genros classificatórios, especialmente quando jovens. Os sogros evitam falar diretamente com seus genros efetivos, procurando comunicar-se através das filhas. Quando é inevitável, usam o pronome da segunda pessoa do plural (ver acima nota 7). As sogras evitam qualquer forma de comunicação direta com seus genros efetivos (ver acima nota 9).
- ³³ Filha da irmã (‘sobrinha’) é equacionada com esposa do filho (‘nora’).
- ³⁴ Estes vocativos são mais usados para sobrinhas ou noras classificatórias, especialmente quando jovens. A comunicação entre sogros e noras efetivas é igualmente restrita. As relações entre sogras e noras são mais próximas.

Idade relativa (consangüíneos de G 0)³⁵

‘meu irmão minha irmã’	‘teu/seu irmão tua/sua irmã’	‘teu/seu irmão tua/sua irmã’
<u>mais novo(a)</u> (ipa) oixerima a	(aho) oixerima a	(kama) oixerima e
<u>mais velho(a)</u> (ipa) patarima a	(aho) patarima a	(kama) patarima e
<u>primogênito(a)</u> (ipa) pata yairima a	(aho) pata yairima a	(kama) pata yairima e
<u>ultimogênito(a)</u> (ipa) oxe yairima a	(aho) oxe yairima a	(kama) oxe yairima e

Parentes reais - Parentes classificatórios

Finalmente, distingue-se também, a partir da terminologia de parentesco *Yanomae*, parentes ‘reais’ (*yai*) e parentes ‘classificatórios’ (*pio*):

<i>heparae (xori) a yai</i>	irmão (cunhado) ‘real’
<i>heparae (xori) a pio</i>	irmão (cunhado) ‘classificatório’
<i>ya e yai heparamou (herimou)</i>	“Tratou-o (classificou-o) verdadeiramente como irmão (cunhado).”
<i>ya e heparamou (herimou) pio</i>	“Tratou-o (classificou-o) meramente como irmão (cunhado).”

³⁵ Estas expressões podem ser também usadas com termos designando consangüíneos de G-1, como, por exemplo, em: *ipa ihuru oixerima a*, ‘meu filho mais novo’.

Atitudes de parentesco

Todos os termos de parentesco yanomami podem ser usados com o sufixo *-mo-u* (verbalizador intransitivo, reflexivo) e precedidos pelo pronome objeto de terceira pessoa do singular *e* para descrever modos de comportamento formais em relação aos diversos tipos de parentes reconhecidos pela terminologia. Neste caso *e* —*mou* pode ser traduzido como “tratar como”:

ya e hwĩĩmou

“Trato-o como pai.”

G+1

hwĩĩmou (pai)

xĩĩmou (tio/sogro)

nĩĩmou (mãe)

yesimou (tia/sogra)

G 0

heparamou (irmã para mulher)
(irmão para homem)

herimou (cunhado, para homem)

natihimou (cunhada, para mulher)

yaumou (irmã para homem)
(irmão para mulher)

t^huëpëmou (esposa)

hëaromou (esposo)

G-1

ihurumou (filho)

t^hārisimou (sobrinho/genro)

t^hëëmou (filha)

t^hat^hemou (sobrinha/nora)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERT, B. & GOMEZ, G.G. (s.d.). *Léxico temático Yanomami (Watoriki t^heri pë)*. Trabalho em preparação.
- ALBERT, B. 1985. *Temps du sang, temps des cendres. Représentation de la maladie, espace politique et système rituel chez les Yanomami du sud-est (Amazonie brésilienne)*. Universidade de Paris X - Nanterre. Tese de doutorado.
- ALBERT, B. 1990a. On Yanomami Warfare: a Rejoinder. *Curr. Anthropol.*, 31:558-562.
- ALBERT, B. 1990b. *Geopolítica militar e frente garimpeira no norte amazônico: os índios Yanomami face ao Projeto Calha Norte*. Brasília, Universidade de Brasília/Departamento de Antropologia. manuscrito.
- ALBERT, B. 1992. A fumaça do metal. História e representações do contato entre os Yanomami. *Anu. Antropol.*, 89:151-189.
- ALBERT, B. 1995. O ouro canibal e a queda do céu. Uma crítica xamânica da economia política da natureza. Brasília, Universidade de Brasília. (*Série Antropologia*, 174).
- APC - Ação pela cidadania. 1989. *Roraima o aviso da morte*. São Paulo, CEDI/CCPY/CIMI/NDI.
- APC - Ação pela cidadania. 1990. *Yanomami: a todos os povos da Terra*. São Paulo, CEDI/CCPY/CIMI/NDI.
- BORGMAN, D. 1976. *Gramática pedagógica Sanumá*. Boa Vista, MEVA.
- BORGMAN, D. 1990. Sanumá. In: DERBYSHIRE, D.C. & PULLUM, G.K. (orgs.). *Handbook of Amazonian Languages*. Haia, Mouton, v.2., p. 17-248.
- CCPY - Comissão Pró-Yanomami. 1984. *Dados e sugestões para um programa de assistência de saúde na área indígena Yanomami*. São Paulo.

- CCPY - Comissão Pró-Yanomami. 1982. *Relatório Yanomami 1982. Situação de contato e saúde*. São Paulo.
- CCPY - Comissão Pró-Yanomami. 1987. *CCPY 78-87: dez anos de trabalho*. São Paulo.
- COLCHESTER, M. (org.). 1985. *The Health and Survival of the Venezuelan Yanomama*. Copenhagen, IWGIA. (Document 53).
- COLCHESTER, M. 1982. *The Economy, Ecology and Ethnobiology of the Sanema Indians of Southern Venezuela*. Universidade de Oxford. Tese de doutorado.
- COLCHESTER, M. 1984. Rethinking Stone Age Economics: Some Speculations Concerning the Pre-Columbian Yanomama Economy. *Hum. Ecol.*, 12(3):291-314.
- CONFALONIERI, U.E.C. (org). 1993. *Saúde de populações indígenas. Uma introdução para profissionais de saúde*. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/Escola Nacional de Saúde Pública.
- CHAGNON, N.A. & HAMES, R.B. 1979. Protein Deficiency and Tribal Warfare in Amazonia: New Data. *Science*, 203:910-913.
- CHAGNON, N.A. 1966. *Yanomamö Warfare, Social Organization, and Marriage Alliances*. Universidade de Michigan. Tese de doutorado.
- CHAGNON, N.A. 1974. *Studying the Yanomamö*. New York, Holt, Rinehart and Winston.
- DSY/RR - Distrito Sanitário Yanomami/Roraima (Fundação Nacional de Saúde). 1995. *População Yanomami por pólo-base e comunidades*. Boa Vista, DSY-RR.
- FINKERS, J. 1986. *Los Yanomami y su sistema alimentício*. Caracas, Vicariato Apostólico de Puetto Ayacucho. (Monografia 2).
- FRAGOSO, J. & SILVIUS, K. 1995. Spirits of the Forest. *Wildl. Conserv.* (98)6: 56-61, 67.

- FUENTES, E. 1980. Los Yanomami y las plantas silvestres. *Antropológica*, 54:3-138.
- GOOD, K. 1989. *Yanomami Hunting Patterns: Trekking and Garden Relocation as an Adaptation to Game Availability in Amazonia, Venezuela*. Universidade de Florida. Tese de doutorado.
- GOOD, K. 1995. Yanomami of Venezuela. Foragers or Farmers - Which Came First? In: SPONSEL, L.E. (org.). *Indigenous Peoples and the Future of Amazonia. An Ecological Anthropology of an Endangered World*. Tucson, University of Arizona Press, p. 113-120.
- GOODWIN GOMEZ, G. 1990. *The Shiriana Dialect of Yanam (Northern Brazil)*. Universidade de Columbia. Tese de doutorado.
- HAMES, R. 1983a. The Settlement Pattern of a Yanomamö Population Block: A Behavioral Ecological Interpretation. In: HAMES, R.B. & VICKERS, W.T. (orgs.). *Adaptative Responses of Native Amazonians*. New York, Academic Press, p. 393-427.
- HAMES, R. 1983b. Monoculture, Polyculture and Polyvariety in Tropical Forest Swidden Cultivation. *Hum. Ecol.*, 11(1):13-34.
- HAMES, R. 1990. Sharing among the Yanomamö: Part 1, The Effect of Risk. In: CASHDAN, E. (org.). *Risk and Uncertainty in Tribal and Peasant Economies*. Boulder, Westview Press, p. 89-105.
- HOLMES, R. 1983. Estudo nutricional en la población Yanomami de la Sierra Parima, Venezuela. In: YARZABAL, L. et al. (orgs.). *Las filariasis humanas en el Territorio Federal Amazonas (Venezuela)*. Caracas, PROICET Amazonas, p. 127-137.
- HOLMES, R. 1984. Non-Dietary Modifiers of Nutritional Status in Tropical Forest Populations of Venezuela. *Interciência*, 9(6):386-391.
- HOLMES, R. 1995. Small is Adaptive. Nutritional Anthropometry of Native Amazonians. In: SPONSEL, L.E. (org.). *Indigenous Peoples and the Future of Amazonia. An Ecological Anthropology of an Endangered World*. Tucson, University of Arizona Press, p. 121-148.

- KOPENAWA, D. 1991. Xawara: o ouro canibal e a queda do céu. In: RICARDO, C.A. (org.). *Povos Indígenas no Brasil 1987-90*. São Paulo, CEDI, p. 169-171.
- KOPENAWA, D. 1993. O futuro do projeto de saúde Demini. *Urihi*, 16:5-16.
- KUNSTADTER, P. 1979. Démographie. In: *Ecosystèmes forestiers tropicaux*. Paris, UNESCO.
- LIZOT, J. 1978. Économie primitive et subsistance. Essai sur le travail et l'alimentation chez les Yanōmami. *Libre*, 78-4:69-111.
- LIZOT, J. 1980. La agricultura Yanōmami. *Antropológica*, 53:3-93.
- LIZOT, J. 1984. Histoire, organisation et évolution du peuplement Yanōmami. *L'Homme*, 24 (2):5-40.
- LIZOT, J. 1986. La recolección y las causas de su fluctuación. *Extracta*, 5:35-40.
- LIZOT, J. 1988. Los Yanōmami. In: LIZOT, J. (org.). *Los aborígenas de Venezuela, etnología contemporánea*. v.3. Caracas, Fundación La Salle/Monte Avila, p. 479-583.
- LIZOT, J. 1996. *Introducción a la lengua Yanōmami*. Morfología, Caracas, Vicariato Apostólico de Puerto Ayacucho.
- MACMILLAN, G.J. 1995. *At the End of the Raibow? Gold, Land and People in the Brazilian Amazon*. Londres, Earthscan Publications.
- MAGALHÃES, E.D. 1995. *Breve notícia e relato histórico da situação sanitária e violência contra as populações indígenas de Roraima, em especial o caso Yanomami*. DSY/RR/-FS. manuscrito.
- MIGLIAZZA, E.C. 1972. *Yanomama Grammar and Intelligibility*. Universidade de Indiana. Tese de doutorado.
- MIGLIAZZA, E.C. 1982. Linguistic Prehistory and the Refuge Model in Amazonia. In: PRANCE, G.T. (org.). *Biological Diversification in the Tropics*. New York, Columbia University Press, p. 497-519.

- MILLIKEN, W. & ALBERT, B. 1996. The use of Medicinal Plants by the Yanomami Indians of Brazil. *Econ. Bot.*, 50(1):10-25.
- MILLIKEN, W. & ALBERT, B. 1997a. The Construction of a New Yanomami Round-House. *J. Ethnobiol.* no prelo.
- MILLIKEN, W. & ALBERT, B. 1997b. The use of Medicinal Plants by the Yanomami Indians of Brazil. Part II. *Econ. Bot.* no prelo.
- NEEL, J.V. 1971. Genetic Aspects of the Ecology of Disease in the American Indian. In: SALZANO, F.A. (org.). *Ongoing Evolution of Latin American Populations*. Springfield, Charles Thomas, p. 561-590.
- NEEL, J.V. 1974. Control of Disease among Amerindians in Cultural Transition. *Bull. Pan Am. Health Org.*, 8(3):205-211.
- NEEL, J.V. 1979. Health and Disease in Unacculturated Amerindian Populations. In: *Health and Disease in Tribal Societies*. Amsterdam, Elsevier, p. 155-177. CIBA Foundation Symposium (new series) 49.
- NEEL, J.V. *et al.* 1972. Studies on the Yanomama Indians. Fourth International Congress of Human Genetics. Proceedings. Amsterdam, p. 96-111.
- PITHAN, O.; CONFALONIERI, U.E.C. & MORGADO, A.F. 1991. A situação de saúde dos índios Yanomami: diagnóstico a partir da Casa do Índio de Boa Vista, Roraima, 1987-1989. *Cad. Saúde Públ.*, 7(4):563-580.
- RAMIREZ, H. 1994a. *Iniciação à língua Yanomama. Dialetos do médio rio Catrimani e de Xitei. Curso de língua Yanomama*. Boa Vista, Diocese de Roraima.
- RAMIREZ, H. 1994b. *Le parler Yanomami des Xamatauteri*. Universidade de Aix en Provence. Tese de doutorado.
- RAMOS, A.R. & TAYLOR, K.I. (orgs.). 1979. *The Yanoama in Brazil 1979*. Copenhagen, IWGIA. (Document 37).
- RAMOS, A.R. 1990. *Memórias Sanumá. Espaço e tempo em uma sociedade Yanomami*. São Paulo, Marco Zero; Brasília, Editora UnB.

- SILVIUS, K. 1995. Where Have all the Peccaries Gone? *Wildl. Conserv.*, 98(3):10.
- SMOLE, W.J. 1976. *The Yanoama Indians: A Cultural Geography*. Austin, University of Texas Press.
- SMOLE, W.J. 1989. Yanoama Horticulture in the Parima Highlands of Venezuela and Brazil. In: POSEY, D.A. & BALÉE, W. (orgs.). *Resource Management in Amazonia: Indigenous and Folk Strategies*. New York, New York Botanical Garden, p. 115-128.
- SPIELMAN, R.S. *et al.* 1979. The Evolutionary Relationships of Two Populations: a Study of the Guaymí and the Yanomama. *Curr. Anthropol.*, 20(2): 377-388.
- SPONSEL, L.E. 1981. *The Hunter and the Hunted in the Amazon: An Integrated Biological and Cultural Approach to the Behaviour and Ecology of Human Predation*. Universidade de Cornell. Tese de doutorado.
- SPONSEL, L.E. 1986. Amazon Ecology and Adaptation. *Annu. Review Anthropol.*, 15:67-97.
- TAYLOR, K.I. 1983. Las necesidades de tierra de los Yanomami. *Am. Indíg.*, 43(3):629-654.
- WIRSING, R.L. 1985. The Health of Traditional Societies and the Effects of Acculturation. *Curr. Anthropol.*, 26(3):303-322.

 **Editora Supercoros**

*Travessa do Chaco, 688.
Tel.: (091) 233-0217. Fax: (091) 244-0701
Belém do Pará*

juntamente com todos os que se dedicavam a ajudar os Yanomami, foi proibido de voltar à área. Teve que esperar três anos para retomar o contato com os Yanomami. Sem sacrificar sua produção acadêmica, que é de altíssima qualidade, Bruce mantém inalterado seu compromisso ético com o povo que elegeu. Povo que também o elegeu ao incumbi-lo de contar ao mundo dos brancos, em forma de livro, o que é ser Yanomami.

Gale Gomez começou seu trabalho lingüístico em 1984 na aldeia de Éric entre os falantes de Ninam. Participamos, com o antropólogo Marco Lazarin, de uma amigável temporada de pesquisa entre os Yanomami do norte. Daí em diante, Gale retornou várias vezes ao campo, escreveu uma tese de doutorado pela Universidade de Columbia, em Nova Iorque, e passou a colaborar diretamente em atividades da CCPY, fosse em campanhas internacionais, fosse na elaboração de material educativo.

Do projeto de saúde para o qual foi escrito este Manual surgiu a necessidade de iniciar um programa de educação que equipasse os próprios Yanomami para tratar de si mesmos. É o anseio de Davi expresso na primeira página deste trabalho sendo posto em prática. Novamente, entram em cena Bruce e Gale que, em suas respectivas especialidades, criaram condições para deslanchar o programa de alfabetização em Demini, principalmente elaborando material didático adequado à situação interétnica em que se encontram os Yanomami.

Bruce e Gale, que seu exemplo seja seguido.

Alcida Rita Ramos

Antropóloga da Universidade de Brasília

Bruce Albert, antropólogo, pesquisador titular do ORSTOM (Institut Français de Recherche Scientifique pour le Développement en Corporation). Trabalha desde 1975 com os Yanomami do Brasil.

Gale Goodwin Gomez, etno-lingüista, professora no Rhode Island College (Estados Unidos). Trabalha com os Yanomami do Brasil desde 1984.

ISBN 85-7098-049-3



MPEG/CNPq/MCT/PR
MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI

